

TAÍS GLAUCE FERNANDES DE LIMA PASTRE

**O BASQUETEBOL VETERANO DO PARANÁ:
A FORMAÇÃO DE GRUPOS E INSTITUIÇÕES SOCIAL**

Dissertação de Mestrado defendida ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná como requisito para obtenção do título de Mestre, na linha de pesquisa da História e Sociologia do Esporte.

**CURITIBA
2006**

TAÍS GLAUCE FERNANDES DE LIMA PASTRE

**O BASQUETEBOL VETERANO DO PARANÁ:
A FORMAÇÃO DE GRUPOS E INSTITUIÇÕES SOCIAIS**

Dissertação de Mestrado defendida ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná como requisito para obtenção do título de Mestre, na linha de pesquisa da História e Sociologia do Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Jr.

COMISSÃO JULGADORA

Profº Dr. Wanderley Marchi Jr.	Membro Titular UFPR
Profº Dr. Fernando Renato Cavichioli	Membro Titular UFPR
Profº Dr. Fernando Marinho Mezzadri	Membro Suplente UFPR
Profº Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Jr.	Membro Titular UEPG
Profº Dr. Antônio César de Almeida Santos de História UFPR	Membro Suplente Dep.

Este trabalho é dedicado à pessoa mais Especial de minha vida...e que amo muito, pelos momentos difíceis que passamos e pelos muitos que virão, pois ao seu lado aprendi que crescemos nas dificuldades e nos alegramos com o prazer de viver...a *você Marcelo, com todo meu amor, respeito e carinho.*

Voa coração,
A minha força te conduz.
Que o sol de um novo amor em breve vai brilhar.
Vara a escuridão,
Vai onde a noite esconde a luz.
Clareia seu caminho e acende seu olhar.

Vai onde a aurora mora e acorda um lindo dia.
Colhe a mais bela flor que alguém já viu nascer
E não esqueça de trazer força e magia,
O sonho e a fantasia, e a alegria de viver.

Voa coração,
Que ele não deve demorar,
E tanta coisa a mais quero lhe oferecer:
O brilho da paixão,
Pede a uma estrela pra emprestar,
E traga junto a fé num novo amanhecer.
Convida as luas cheia, minguante e crescente
E de onde se planta a paz, da paz quero a raiz.
E uma casinha lá onde mora o sol poente
Pra finalmente a gente simplesmente ser feliz.

(Toquinho – Mutinho)

AGRADECIMENTOS

Acredito que há momentos na vida em que devemos nos desprender dos valores materiais e ir além, buscar o sentido da vida e principalmente o sentido de nossa passagem nesse planeta. Então, por acreditar nessa passagem tão mágica que é a vida na terra, agradeço a Deus por minha existência e por minha família, considero meus amigos como família, então acredito que todos estarão contemplados.

Mas é claro que existem pessoas que passam por nossas vidas e nos marcam muito, essas pessoas merecem uma homenagem especial, e são elas: MINHA MÃE, MEU PAI, IRMÃS e SOBRINHOS, amo muito vocês e espero ver meus sobrinhos receber sua formação e a alegria de viver uma profissão, como é o meu caso na Educação Física.

Acredito que existam pessoas as quais estamos ligados por um laço de AMIZADE muito verdadeiro, são pessoas que torcem e ajudam a realização dos nossos sonhos, são elas: Rosaura, Alessandro, Cláudia e Maurício, meus amigos-irmãos do Colégio Sagrado e também as Irmãs que me apoiaram.

Eu não poderia deixar de homenagear uma pessoa muito especial por seu jeito de ser, de agir e de pensar...por sua nobreza na simplicidade, por seu exemplo e ajuda no ingresso dessa minha caminhada, muito obrigada por sua força Kátia Bortolotti, você mora no meu coração.

Ao longo desses dois anos de caminhada encontrei e conheci muitas pessoas no Mestrado, por isso agradeço aos colegas de classe e aos professores do programa, pois foram fundamentais em minha formação. Agradeço também pelo apoio do Colégio Positivo, que sempre me dispensou e me apoiou nesse projeto.

Agradeço também pela participação de todos os atletas veteranos que colaboraram com suas entrevistas e com sua disposição de falar sobre o basquetebol, muito obrigada a todos. Em especial o veterano Neli Nardi por suas indicações e total disposição em meu auxílio.

Gostaria de agradecer aos membros da banca examinadora, os professores que nos fizeram crescer a cada etapa dessa caminhada, em especial aos professores Fernando Cavichioli e Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior, estão sendo fundamentais nessa conquista.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Conheço muitas pessoas inteligentes e didáticas, mas como essa é difícil de encontrar. Poderia enumerar tantos adjetivos, mas acho que quando somos especiais a convivência e admiração falam por si.

Eu tive a honra de conhecer e conviver com uma pessoa assim, admirável por seu modo de ensinar a ensinar, ensinar a estudar e ensinar e a gostar de estudar. Por que não falar de seu modo de ser? Excêntrico, comedido, intelectual do esporte, quando alguma coisa o perturba...sincero, fala com o coração, depois conversa como um pai e a amizade é a mesma.

Sim, ele é isso tudo, nem posso chamar de mestre, pois é doutor do seu conhecimento e não pense que isso o faz diferente, isso engrandece seu modo de passar o que aprendeu na escola da vida e do esporte.

PROFESSOR WANDERLEY MARCHI JÚNIOR agradeço por tudo que me fez no Mestrado e na minha vida...muito obrigada, muito mesmo.

SUMÁRIO

RESUMO.....	09
ABSTRACT.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – PARA ANÁLISE DA CONFIGURAÇÃO SOCIAL: BASQUETEBOL VETERANO DO PARANÁ.....	17
1.1 A FORMAÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS, TENSÕES E MANIFESTAÇÕES DO ESPORTE E LAZER.....	17
1.2 O BASQUETEBOL À PARTIR DA DÉCADA DE 50 E A CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE VETERANOS.....	36
CAPÍTULO II – O BASQUETEBOL VETERANO DO PARANÁ: GRUPOS, EMOÇÕES E SIGNIFICADO SOCIAL.....	49
GRUPO 1 – SOCIEDADE THALIA.....	51
GRUPO 2 – CLUBE DUQUE DE CAXIAS/RUA MÉXICO.....	61
GRUPO 3 – CÍRCULO MILITAR DO PARANÁ/GALÍCIA.....	70
GRUPO 4 – CLUBE CURITIBANO.....	79
GRUPO 5 – PONTA GROSSA.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	95
ANEXO 1 – ROTEIRO PARA ENTREVISTA DO BASQUETEBOL VETERANO.....	107
ANEXO 2 – ATA DA FUNDAÇÃO DA FEDERAÇÃO PARANAENSE DE BASQUETEBOL.....	109
ANEXO 3 – ESTATUTO DA APVB.....	114
ANEXO 4 – MODELO DO TERMO LIVRE E ESCLARECIDO.....	123
ANEXO 5 – TERMO LIVRE E ESCLARECIDO DOS ENTREVISTADOS.....	125

RESUMO

Esse estudo tem como ponto de partida a convivência esportiva iniciada com um grupo de basquetebol veteranos de Curitiba e que ao longo dos anos tornou-se admiração. Nesse contexto, definimos a história da formação dos grupos veteranos de Curitiba e Ponta Grossa desde a década de 50, juntamente com a evolução do basquetebol Paranaense, afinal ambas têm um vínculo muito forte pelo basquetebol e o processo de desportivização no Estado. Surge daí a problematização dessa origem dos grupos veteranos e seus objetivos enquanto grupos sociais. Em termos de hipóteses do estudo buscamos identificar os objetivos dos veteranos e dessa forma detectar a criação de um *habitus* esportivo e social. Além disso explicaremos as relações de sobrevivência através de seus mecanismos internos de regras e normas impostas e obedecidas por seus integrantes, para que criem essa relação de pertencimento e amizade. Nessa perspectiva mostraremos que a criação da Associação de Veteranos do Estado tem a principal finalidade de agregar cada vez mais filiados, com o objetivo de fortalecimento à nível nacional. Expande-se aí a questão do grupo e reflete uma questão de poder enquanto instituição. Como referencial teórico-metodológico, utilizamos os principais conceitos da teoria configuracionista de Norbert Elias e Eric Dunning. Para análise do material pesquisado, encontramos poucos subsídios teóricos que foram supridos com os dados da pesquisa empírica que corroborou para a leitura do basquetebol veterano enquanto fenômeno social. Nesse contexto comprovamos a hipótese de que os veteranos do basquete do Paraná mantêm suas relações sociais através do esporte, jogo ou convivência para sentirem-se pertencentes à um grupo, constituindo seu *habitus* esportivo, até para manutenção dessa rede de interdependência. Esse sentimento do “pertencer” está aparentemente ligado ao comportamento e estabelecimento interdependente dos veteranos em seus grupos e outros grupos, através da competição e da confraternização.

Palavras-chave: Basquetebol-veterano, Sociologia do esporte e Grupos.

ABSTRACT

This study started with sports acquaintanceship that begun with a group of Curitiba's Veterans Basketball players, that during the years became admiration. In this context, we defined the history of formation Veterans Basketball groups in Curitiba and Ponta Grossa, since the fifties, simultaneously with the evolution of Basketball in Paraná, after all, both have a strong knot for Basketball and process of developing sports in the state. It rises from that, the problematic of the origin of veteran groups and the objectives of veteran players, and with that, detect the creation of a social and sport *habitus*. Besides that, we will explain the survival relations through its internal mechanisms of rules and norms, enforced and obeyed by its integrants, to create this relation of belonging and friendship. Also, we are going to entry in the creation of the State's Veteran Association, which has a main finality, to aggregate its affiliates even more, with the objective of strengthen it on a national level. Grows here a group question and reflects a question of power while institution. As a theoretical/methodological reference, we used the main concepts of *configuracionista* theory of Norbert Elias and Eric Dunning. For the analysis of the researched material, we have found little theoretical material that was totally overrun by the data from the empirical research that corroborated to the lecture of Veterans Basketball as a social phenomenon. In this context we verified the hypothesis that Basketball Veterans players of Paraná maintain its social relations through sport, game or acquaintance to feel as a part of one group, forming its sports *habitus*, even to maintain this companionship net. This "belonging" feeling is most likely connected to behavior and mutual dependence fixed by veterans in their groups and other groups, through competition and confraternization.

Key-words: Veteran-Basketball, Sports Sociology and Groups.

INTRODUÇÃO

A priori, para entender a estruturação da sociedade é pressuposto compreender seus fenômenos tais como as manifestações sociais de músicos, artes, dança, folclore, dentre outras. Nesse estudo delimitamos o esporte através de representação feita pelo grupo de veteranos do basquetebol. Tentamos entender esse fenômeno social, dentro de uma de suas instituições nas cidades de Curitiba e Ponta Grossa, pois são as cidades que concentram o maior número de veteranos do Paraná, cerca de 80%, segundo o Conselho da Associação, inclusive a sede da Associação Paranaense de Veteranos do Basquetebol, é na capital.

Ao historiarmos preliminarmente sobre o objeto de estudo, temos que o basquetebol teve seu início na cidade de Springfield, em Massachusetts – USA no ano de 1891, para atender a necessidade de um determinado grupo social¹ de acordo com suas condições locais. Logo foi difundido no país e no mundo por ser um esporte coletivo dinâmico e emocionante, que desperta muito interesse em seus praticantes e espectadores. Em meados de 1896, esse esporte chegou ao Brasil, na cidade de São Paulo, no Instituto Mackenzie, em 1919 em Curitiba, através da inserção de militares em clubes sociais. Uma curiosidade foi a implantação desse esporte no Paraná ter iniciado por um grupo de mulheres, pois na mesma época estava concorrendo com a difusão do futebol². Com o passar dos tempos sua prática começou despertar o interesse dos homens e através da promoção de torneios e campeonatos nos clubes, o esporte foi adquirindo novos adeptos.

O basquetebol apresenta-se como um esporte que exige precisão e técnica para obter uma boa performance, na conversão da cesta ou passe correto; por isso questionou-se qual é o real objetivo buscado por veteranos de basquetebol. Pode-se dizer que os desafios fazem parte de nossas vidas,

¹ Referência da Revista Cesta, número 1, setembro de 2002, segundo a edição de Ana Tereza Clemente e Chantal Brissac, editada por Segundo Olhar Editora. Essa revista é de publicação semestral, e conta com a colaboração dos veteranos da AVEBESP (Associação dos Veteranos de Basquete do Estado de São Paulo) que fornecem informações para a pesquisa de campo.

² Machado, Heriberto Ivan. **O Basquetebol do Paraná**. Curitiba: H.I. Machado, 2002.

sejam eles simples ou mais complexos, como por exemplo a emoção de disputar a final de um campeonato nacional de uma modalidade esportiva. Através de observações em treinamentos e torneios de veteranos, constatou-se que a prática do basquetebol pode gerar emoções que chamamos de miméticas, as quais exercem certa representação social nos praticantes, permitindo que extravasem as emoções e remetam os veteranos à sensação de desestresse/liberdade.

Através das observações foi possível constatar que os veteranos do basquetebol estabelecem uma forte relação entre o esporte e as amizades. A maioria dos veteranos mantém relações sociais com colegas do basquetebol em suas vidas sociais, pois o envolvimento torna-se estreitado ao longo de sua convivência em jogos e torneios, principalmente nas viagens realizadas pelos grupos. Essa relação foi detectada através de entrevistas, filmagens e observações dos grupos veteranos em alguns torneios realizados em Caiobá e Ponta Grossa.

Para os sociólogos Norbert Elias e Eric Dunning³,

durante a prática do lazer, os sentimentos fluem mais livremente, a sensação de relaxamento após uma partida pode parecer estranho, mas o corpo é tomado por total relaxamento e um cansaço bom. A prática do lazer desperta uma excitação mimética (de caráter imitativo, ou ainda, relação com a realidade), vem sendo buscada com frequência em jogos e desportos e não somente como fatos de lazer, e sim como fatos miméticos de lazer.

O basquetebol veterano tem objetivos além do esporte profissional, que perpassam competição pura, pois buscam o convívio social através da prática esportiva como fim, tendo as relações humanas como o meio para obter esse resultado. No basquete veterano podemos observar que os principais objetivos são: a atividade de lazer, alívio do estresse, manter atividade física regular, extravasar as emoções, além dos benefícios sociais que o esporte pode desencadear nos atletas de basquetebol veteranos.

Para Elias e Dunning, nas sociedades industriais avançadas, as atividades de lazer constituem um enclave para o desencadear, aprovado no

³ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p.185.

quadro social, do comportamento moderadamente excitado em público. Isso quer dizer, que um adulto que apresente suas emoções de forma exagerada em público não será tido como normal, de forma que o esporte poderá ser uma forma de extravasar essas emoções em público, que não será embaraçoso⁴.

Nos estudos de Elias e Dunning⁵, a ocupação desse lazer, entre as quais o desporto nas suas formas de prática ou de espetáculo, são então consideradas como meios de produzir um descontrolo de emoções agradável e controlado. A grande variedade das atividades de lazer, em geral, e dos desportos em particular, que as sociedades complexas têm para oferecer permite aos indivíduos uma vasta possibilidade de escolhas, de acordo com seu tipo físico, temperamento, necessidades libidinais, afetivas e emocionais. O desporto, assim como outras atividades de lazer, pode evocar de forma mimética, arrependimento ou medo, tanto quanto alegria e triunfo, afeição e amor ou ódio. No contexto de uma peça ou de um concerto, de um quadro ou de um jogo, ao permitir-se que estes sentimentos fluam livremente no seu contexto simbólico, alivia-se o fardo global que é inerente à vida das pessoas, fora do âmbito do lazer.

A necessidade de pesquisa científica qualitativa no sentido de fazer a relação do esporte com a sociologia e o resgate histórico da formação do esporte no Brasil, faz surgir contrapontos entre os técnicos e sociólogos no que diz respeito à prática em si, sobre a ocupação do tempo livre, busca da excitação, retomada da memória, alívio do estresse e busca de pertencimento ao grupo.

Atendendo esse breve cenário inicial buscamos nessa pesquisa o objetivo geral de realizar uma análise sociológica do basquetebol veterano de Curitiba e Ponta Grossa, através de conceitos de Norbert Elias. Apresentamos como objetivos específicos: 1) descrever a história do basquetebol no Paraná a partir da década de 50 e o surgimento dos veteranos em Curitiba; 2) verificar os principais objetivos dos praticantes de basquetebol veteranos de Curitiba; 3) compreender o significado social da prática do basquetebol veterano em

⁴ Idem p.103.

⁵ Idem p. 73

Curitiba e, finalmente, 4) avaliar que tipo de emoção o atleta sente durante a prática do basquetebol.

A partir dos objetivos apresentados, formulamos a seguinte hipótese:

- Os veteranos de basquetebol de Curitiba e Ponta Grossa mantêm as relações sociais através do esporte, sejam elas afetivas ou competitivas, para sentirem-se pertencentes a um grupo social esportivo.

Com a formulação dos objetivos desta pesquisa e a construção da hipótese, podemos dizer que o esporte é um fenômeno social que necessita ser estudado para que possamos compreender melhor as relações estabelecidas entre os agentes que estão envolvidos no processo.

Nesse sentido procuramos desenvolver uma pesquisa com características do método qualitativo, somada a uma análise sociológica utilizando dos conceitos de Norbert Elias e Eric Dunning, utilizamos também material de imprensa e entrevistas dos atletas veteranos, segundo procedimentos metodológicos propostos por Pedro Demo⁶.

A coleta de dados teve início em janeiro de 2004 através de filmagens de campeonatos. Depois do processo de observação de competição, realizamos a elaboração do modelo de perguntas para a entrevista semi-estruturada, a qual aplicamos durante o primeiro semestre de 2004 e o ano de 2005. A entrevista serviu para testarmos as perguntas e comprovar se realmente iriam suprir aos objetivos da pesquisa. Consultamos 25 atletas veteranos de Clubes de Curitiba e Ponta Grossa, os quais foram entrevistados seguindo os seguintes critérios somatórios: primeiro, o atleta veterano deverá fazer parte da fundação do Clube em que freqüenta para a prática esportiva; segundo critério, o atleta veterano deverá fazer parte do grupo/clube há no mínimo um ano, pois dessa forma caracteriza-se como um atleta conhecedor das regras de convivência e funcionamento do grupo/clube; terceiro critério, o atleta veterano que não está freqüentando atualmente o Clube, por motivos pessoais ou de saúde, mas já fez parte como membro efetivo do grupo por muitos anos, e ainda lembra das regras de convivência que eram estabelecidas, e acabam permanecendo até os dias de hoje, dessa forma não

⁶ DEMO, Pedro. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Atlas, 2002.

deixa de fazer parte da história do grupo/clube, existe ainda uma regra que é a indicação por outro colega que já foi entrevistado.

A respeito das entrevistas, foram realizadas seguindo um roteiro previamente estabelecido, porém o entrevistador poderia formular outras questões durante a entrevista, quando necessário, para aprofundar o conteúdo histórico de cada grupo. O material foi coletado durante os treinamentos ou torneios⁷ e as transcrições das entrevistas foram feitas de forma literal, ou seja, foi mantida a linguagem coloquial dos entrevistados para manter sua privacidade. (Segue roteiro para entrevista em anexo 1).

Como fontes foram coletados documentos na Associação de Veteranos de Basquete do Paraná⁸, como o Estatuto Social da Associação e a Ata inaugural da Federação Paranaense de Basquetebol. Realizaram-se ainda observações dos atletas veteranos em jogos, treinamentos e torneios. Todo esse material foi objeto de análise e formulação das perguntas da entrevista semi-estruturada. Após a apresentação da defesa o material foi arquivado em fitas de vídeo e disponibilizadas aos veteranos participantes, através da Associação Paranaense de Veteranos do Basquetebol.

Nesse sentido a dissertação foi articulada em dois capítulos. No Capítulo I vamos tratar dos conceitos de Norbert Elias sobre formação de grupos sociais e a busca da excitação no lazer, que serão utilizados para análise sociológica desta pesquisa. Também iremos dissertar sobre um breve histórico do basquetebol no Paraná à partir da década de 50, e sua relação com o basquetebol veterano do Paraná, objeto de estudo desta pesquisa.

No Capítulo II descrevem-se as estruturas do basquetebol veteranos dentro dos Clubes de Curitiba e Ponta Grossa, através dos quais se podem mapear o grupo de veteranos do Paraná, pois, como dito anteriormente, são as cidades que concentram o maior número de atletas. Com esse procedimento, buscamos verificar os objetivos dos veteranos de basquetebol, bem como

⁷ MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. p.93.

⁸ Instituição de basquetebol veteranos do Paraná, fundada em 1991 por José Acácio Wotroba, também praticante do basquetebol veterano. Atualmente a Associação Paranaense de Basquetebol Veteranos conta com um grande número de adeptos e promove diversos torneios em Curitiba e outras cidades próximas.

comprovar a hipótese da pesquisa sobre a busca das emoções no lazer, em específico no veterano de basquetebol.

Nas considerações finais, procuramos relatar os resultados, a validade da hipótese inicial e o alcance dos objetivos propostos no estudo e, ao mesmo tempo, visualizar outros temas para futuras pesquisas sociológicas do esporte veterano no Brasil.

CAPÍTULO I – PARA ANÁLISE DA CONFIGURAÇÃO SOCIAL: BASQUETEBOL VETERANO DO PARANÁ

1.1 A FORMAÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS, TENSÕES E MANIFESTAÇÕES DO ESPORTE-LAZER

Através do entendimento da formação de grupos sociais poderemos entender melhor o formato desta pesquisa, pois trabalhamos com os Clubes Sociais de Curitiba e Ponta Grossa, que concentram grupos de veteranos do basquetebol, os quais foram formados dentro e fora dessas instituições, ou ainda, desmembraram-se e utilizam outras estruturas.

Esses grupos apresentam características peculiares em relação à estrutura e funcionamento, porém a construção dos grupos ocorre de forma semelhante, é o que iremos entender através do referencial teórico de Norbert Elias.¹ Nessa pesquisa o autor escreve sobre a construção dos grupos sociais, e a capacidade que os agentes sociais têm de agrupar-se e reagrupar-se, diante de um interesse comum, iniciemos com a seguinte citação: “A questão de saber de que maneira e por que motivos os homens se ligam entre si e formam juntos grupos dinâmicos específicos é um dos problemas mais importantes, para não dizer o mais importante de toda a sociologia.”²

Para a autora Guillaume Coury, Norbert Elias tem uma hipótese central bem audaciosa, pois

diz que os indivíduos são condicionados socialmente ao mesmo tempo pelas representações que fazem de si mesmos e por aquelas que lhes são impostas pelos outros com quem entram em relação, e mais, diz que o homem tem essa capacidade de perceber-se como pessoa no espelho da sociedade e, por isso mesmo, de reagrupar-se escolhendo como prova de sua singularidade sua pertinência a um grupo social reconhecido pelos outros. Norbert Elias diz que os indivíduos em sociedade sofrem as representações que os outros fazem deles, essas representações são pertinentes porque são percebidas por

¹ GARRIGOU, Alan; LACROIX, Bernard. **Norbert Elias: A Política e a História**. São Paulo: Perspectiva, 1997. Esse livro foi organizado pelos autores Garrigou e Lacroix, e conta com uma coletânea de autores que escreveram vários textos sobre Elias e a análise política, no ano de 1994 durante um colóquio realizado em Paris, trabalhamos em especial com o capítulo que trata da formação de grupos sociais.

² Id. p.123.

qualquer um no olhar dos outros, mas igualmente no conjunto dessas “mediações concretas” que permitem observar e encontrar seus semelhantes.³

Através dessa citação podemos estabelecer relação com os grupos de veteranos do basquetebol, no que diz respeito à formação dos grupos por afinidade dos agentes pelo objeto basquetebol, por laços de amizade, pela aceitação no grupo pela posição social que exerce de líder ou de atleta de destaque. Muitas vezes os veteranos encontram suas afinidades apenas no jogo, e não estabelecem relações “extra” basquetebol, esse tipo de relação de pertencimento também é válida como grupo, segundo o autor através das mediações concretas de encontrar seus semelhantes.

A arte de reagrupar-se permite que os indivíduos que se encontram num espaço social percebam seus interesses e formem juntos grupos até então imperceptíveis.

Essa arte manifesta-se graças à produção, difusão e apropriação de formas de agrupamentos disponíveis numa estrutura social. Essa arte de reagrupar-se tem dois objetivos: em primeiro lugar, trata-se de familiarizar o analista com as práticas e as formas coletivas instituídas. Confrontado com essa multidão de associações, ele se reporta à “arte de se unir a seus semelhantes” para entender esses indivíduos que se procuram “e, quando se encontram, se unem”. Trata-se então de articular a formação dos grupos e a formação psíquica dos indivíduos que os investem no processo de diferenciação que os afeta. Em segundo lugar, é ela que permite explicar o aparecimento dessa competência política, como sua desigual apropriação pelos indivíduos, nos setores diferenciados da sociedade.⁴

Devemos então insistir nas três dimensões da sociogênese dos grupos: a produção da semelhança, a localização dessas semelhanças e a sublimação dos agrupamentos.

A primeira dimensão remete-se à **produção da semelhança**, para Norbert Elias trata-se dos traços específicos de um grupo como processo não planejado como tal, que toma indivíduos espalhados mesmo fora das relações sociais diretas entre eles e de todas as intervenções divinas ou providenciais de um grande osquestrador (líder). Acompanhando Norbert Elias, gostaríamos de mostrar que a objetivação da diferença entre grupos sociais provém com

³ Id. p.124.

⁴ Id. p.131.

muita freqüência de uma busca consciente da semelhança: a concorrência que agentes fazem entre si em torno da utilização de bens e de práticas aparentemente semelhantes está na origem de um reforço mútuo e paradoxal da diferença. Essa pseudo-imitação produz em cada uma de suas manifestações uma prática nova que não mais corresponde àquela observada inicialmente e tirada dos outros, pois ela foi apropriada e utilizada por um novo usuário. Esse esquema se revela particularmente pertinente para reconstituir a fabricação da diferença (ou da semelhança) dentro dos grupos ou entre os grupos.⁵ Podemos tomar dois exemplos para ilustrar essa questão teórica, o primeiro exemplo é a constituição dos grupos de veteranos do basquetebol de todo o Brasil, o segundo exemplo é o estabelecimento das regras de condução/convivência. As regras de comportamento foram elaboradas para permitir pacificar essas relações e para fazer de modo que aquilo que ainda não era automático o seja doravante.⁶

A partir das regras há o ajuste dos comportamentos incompatíveis com o espírito de grupo que participam, assim, da fabricação da semelhança pela normalização dos comportamentos. Constatam-se, com freqüência, fenômenos de autolimitação consciente: a modéstia, a apreensão de determinadas práticas, a exclusão de outras.⁷ Encontramos igualmente reconsiderações daqueles que ou fazem demais, ou não fazem o bastante, como por exemplo, no basquetebol veterano há o líder do grupo e o omissor, esses agentes permitem apreender a manutenção do grupo nos momentos de sociabilidade, a fabricação do equilíbrio que procede na interiorização dos coletivos.⁸

A segunda dimensão da sociogênese dos grupos refere-se à **localização dos grupos**, a arte de reagrupar-se pode compor grupos em determinados lugares, precisamente aqueles nos quais eles vão poder reencontrar seus semelhantes, ou aqueles nos quais vão descobrir os “outros” (pessoas com quem talvez não seja preciso estabelecer uma ligação). Devemos levar em consideração dois casos: o reagrupamento já decorre de

⁵ Id. p.132.

⁶ Id. p.133.

⁷ Id. p.136.

⁸ Id. Ibid.

indivíduos que já estão agrupados, e o outro é aquele no qual o acaso ou o acidente fazem coabitar duradouramente aqueles que nunca deveriam ter-se encontrado.⁹

A terceira e última dimensão da sociogênese dos grupos sociais diz respeito à **sublimação dos grupos**, na qual se busca o significado para adotar uma definição social cada vez mais reconhecida pelos outros. Daí por diante, inúmeros grupos sociais são pensados como entidades coletivas sem levar em conta sua forma primária, graças a um “objeto mais elevado e de maior valor social”. Após essa definição é possível compreender o surgimento e a superposição de outras classificações cada vez mais evidentes para cada um, no que se refere à comportamentos em grupos.¹⁰

Através dessas três dimensões da sociogênese, podemos dizer que a relação estabelecida com o grupo de veteranos do Paraná fica clara quando analisamos os grupos e suas características. A primeira dimensão diz respeito a produção da semelhança, onde traços específicos marcam a criação dos grupos, mesmo sendo traços não planejados. Esses traços de características podem ser exemplificados através das peculiaridades de cada grupo; que são características mais específicas e marcam as diferenças, como por exemplo um grupo com idade média mais elevada, ou um grupo mais competitivo ou ainda um grupo menos sociável.

A segunda dimensão da sociogênese posta por Elias, diz respeito a localização dos grupos, ou seja, local definido onde os indivíduos irão agrupar-se, levando em consideração que os veteranos enquadram-se no caso em que o reagrupamento já decorre de indivíduos que já estão agrupados.

A terceira e última dimensão da sociogênese decorre da sublimação dos grupos, ou seja, o grupo necessita adotar um significado para ser reconhecido socialmente por outros grupos ou outros indivíduos, podemos dizer que os veteranos necessitam estar nos grupos para sentirem-se pertencentes a uma determinada organização social.

Pode-se dizer que esse modelo estabelecido para análise de formação de grupos acaba por suprir a necessidade de sabermos como são formados os

⁹ Id. p.137.

¹⁰ Id. p. 138.

grupos sociais e como essas estruturas conseguem se manter por longos períodos de tempo. Porém existem ainda outros conceitos que podemos utilizar para fazermos a análise de formação de grupos e essas ligações que os mantêm organizados.

Para tal análise sociológica iremos nos utilizar do conceito de interdependências humanas proposto por Norbert Elias, sociólogo configuracionista, e as diversas ligações que caracterizam essa teia social. Esses conceitos podem ser aplicados aos grupos e suas relações, os quais mantêm a sua sobrevivência e historicidade. Para tal, vamos iniciar a construção de conceitos que constituem uma rede de interdependência, nesse caso as ligações de grupos, caracterizadas por relações de poder, emoções miméticas, tensões e *habitus*.

Primeiramente iremos discorrer sobre o conceito de interdependências humanas proposto por Norbert Elias, que diz:

as dependências recíprocas das pessoas não são obviamente sempre as mesmas em todas as sociedades nos seus vários estágios de desenvolvimento. Podemos, no entanto, tentar centrar-nos numa ou duas formas de dependência e mostrar resumidamente como é que as interdependências mudam, e como as sociedades se tornam cada vez mais diferenciadas e estratificadas.¹¹

A opinião de Elias sobre as relações de interdependências humanas não estarem ligadas às características biológicas é amplamente divulgada, isso diz respeito as normas humanas que são essenciais para uma integração da sociedade. Nesse caso mostra que as condições biológicas do homem aparentemente não contribuíram para a dependência deste em relação aos outros homens, portanto não restam dúvidas que as regras não se fixam biologicamente. Essa teoria mostra que o domínio das formas inatas de comportamento é uma característica humana, permitindo que as sociedades se desenvolvam sem que a humanidade se desenvolva como espécie biológica. Isso poderia significar que as características biológicas dos homens não exercem influência na formação das configurações sociais. Se considerarmos

¹¹ Elias, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999, p.147

certo, que a estrutura da personalidade humana é independente da estrutura social, então não admira que seja tomado como uma evidência anterior da independência do indivíduo.¹²

Além disso seria um erro imaginar que esta dependência elementar e biológica relativamente aos outros se limita à satisfação de necessidades sexuais. Uma série de evidências mostram que para além e acima da imediata satisfação das necessidades sexuais, procuramos os outros para a realização de uma gama de necessidades emocionais. Estudos evidenciam que precisamos da estimulação emocional por parte dos outros, mesmo quando nossas valências sexuais estão ligadas numa relação duradoura. Isso significa que estamos ligados uns aos outros não apenas pela necessidade biológica, e essa dependência está evidenciada em relações abertas estabelecidas por articulações. Essas ligações emocionais superiores ao ato sexual, e para além dele, é uma característica das ligações emocionais humanas, portanto existe sim a possibilidade de estabelecermos ligações emocionais muito fortes sem qualquer tonalidade sexual.¹³

Torna-se impossível tratar dos problemas das ligações sociais das pessoas, especialmente de suas ligações emocionais, se apenas considerarmos interdependências relativamente interpessoais. Para obtermos uma visão mais completa da teoria sociológica devemos incluir as interdependências pessoais e sobretudo as ligações emocionais entre as pessoas, considerando-as como agentes unificadores de toda a sociedade.¹⁴

Desse modo fica claro que as pessoas ligam-se emocionalmente umas às outras por meio de símbolos. Este tipo de ligação pode ficar evidenciado em relações com pequenas e grandes unidades sociais. Como por exemplo de pequenas unidades sociais temos um clube, uma escola, uma comunidade, um time; e de grandes unidades sociais: uma nação, um estado; ou seja, abrange milhões de pessoas. Essa afeição que as pessoas oferecem pode ser tão intensa como sua afeição por uma pessoa amada, como por exemplo os

¹² Id. p. 148.

¹³ Id. p. 149.

¹⁴ Id. p. 150.

torcedores fanáticos por um clube de futebol, que chegam ao extremo de matar ou depredar pela honra de um time.¹⁵

Toda essa relação de interdependência que estamos tratando até agora diz respeito às relações afetivas, ou seja, a formação de grupos por interesses afetivos torna-os sociais e interdependentes à medida que as pessoas se relacionam por meio de estruturas comuns e acabam por constituir essa teia social.

Cabe ainda uma análise da sociedade contemporânea em relação às novas estruturas sociais formadas ao longo do processo civilizador, do processo político e econômico do país e do mundo. Afinal, vivemos na era da globalização, quando os indivíduos estão intimamente ligados pelos fatos e notícias através da rede, telejornais e tevê a cabo. Esse novo fato influencia diretamente a formação da rede social que não deixa de lado suas características de formação sociogênica, porém estabelece novos parâmetros para a formação e manutenção dos grupos estabelecidos dentro desse campo social, seja ele esportivo, econômico ou político, pois sofre a influência da sociedade mundial.

Portanto iremos partir dessa análise com a luz da sociologia do desenvolvimento, o que nos torna claro que o desenvolvimento das estruturas políticas e econômicas são dois aspectos absolutamente inseparáveis da evolução de toda a relação funcional da sociedade, desde o período da industrialização até os dias de hoje. Além disso, estão intimamente associados ao desenvolvimento das instituições políticas, o desenvolvimento das cadeias de interdependência social, esse processo de desenvolvimento tornou-se mais amplo à medida em que a sociedade substituiu o mercado local de trabalho por mercados mundiais. O maior exemplo desse processo de desenvolvimento social ligado à economia foi o processo de industrialização da Inglaterra em 1800, onde a esfera econômica era o principal motor de todo esse processo de evolução. Portanto, cita Elias, quanto à relação de estratificação social:

Assim, e estratificação nas sociedades industriais é considerada em termos de classes sociais e dos seus conflitos de interesses, sendo esta primariamente

¹⁵ Id. p. 151.

determinada por factores económicos. Esta concepção corresponde exactamente à visão central dos estratos sociais nela envolvidos. Nesta perspectiva, as lutas pelo poder parecem surgir simplesmente em função da distribuição das possibilidades económicas, em função do equilíbrio mutável de ganhos e perdas.¹⁶

Essa nova perspectiva de divisão social torna as diferenças sociais cada vez mais claras, e isso faz surgir a disputa por uma melhor colocação social e económica, além de um campo de lutas travadas por poder e status social. Essa luta foi refletida no esporte, através dos Jogos Olímpicos e a espetacularização do esporte, dessa forma surgem o nacionalismo e os mitos do esporte. Ainda nesse campo de disputas pelo poder surgem as emoções, bem como o *habitus* social, gerado por esse processo evolutivo do esporte. Isso significa que os indivíduos ficam cada vez mais presos as redes de interdependências, e essas por suas vez ficam maiores, instituindo relações funcionais que não conseguem controlar. No entanto, isto também significa que, à medida que a diferenciação funcional torna as pessoas interdependentes a muitos níveis, elas tornam-se simultaneamente mais dependentes do centro, no que diz respeito à sua coordenação e integração. Consequentemente a coordenação de posições sociais e integração tornam-se indispensáveis para manter o controle, porém essas posições são exercidas por pessoas que detém o poder, ou seus ajudantes. Ou seja os processos de desenvolvimento de um país, ou um estado, são parecidos com o de uma equipe esportiva, já que esta necessita de um trabalho coordenado e integrado, afinal não há desenvolvimento ou jogo de um jogador sozinho, os jogadores são interdependentes, isso quer dizer que existe uma relação já estabelecida para a busca do equilíbrio. Assim como ocorre no basquetebol veterano, os atletas devem ser integrados socialmente para que ocorra essa coordenação e o trabalho de equipe dentro de uma rede de interdependência.¹⁷

Dando continuidade à leitura sociológica podemos dizer que as relações de poder, tensões e emoções estão caracterizadas na rede de

¹⁶ Id. p.156.

¹⁷ Id. p.160-161.

interdependência do esporte e lazer, constituída nesse estudo pelo basquetebol veterano do Paraná.

Nos estudos sociológicos do esporte dos autores Norbert Elias e Eric Dunning¹⁸, sabemos que existe uma definição da busca de excitação no lazer, essa excitação pode ser singular em certos momentos/aspectos. Trata-se de uma excitação agradável, embora possua algumas características básicas em comum com a excitação que as pessoas experimentam em situações críticas sérias, revela qualidades específicas. Segundo Elias e Dunning, o comportamento em público mudou de acordo com a evolução da sociedade:

Em comparação com as sociedades menos desenvolvidas, verifica-se que nas sociedades industriais mais avançadas são menos freqüentes as situações críticas sérias que originam comportamentos de excitação nos indivíduos. Outro aspecto do mesmo desenvolvimento é a progressiva capacidade das pessoas para agirem dessa maneira, em público. Nesta linha, segundo essas contradições, aumentou o controlo social e o autodomínio da excitação exagerada. Nas sociedades industriais mais avançadas, ainda que esta situação não tenha verificado no quadro das suas relações entre si, algumas das circunstâncias mais elementares de crise da humanidade, como a fome, as inundações, as epidemias e a violência efectuada por pessoas de condição social mais elevada ou por estranhos, foram submetidas progressivamente a um rigoroso controlo, mais acentuado do que havia sucedido no passado. E o mesmo aconteceu com as paixões. Explosões incontroladas ou incontroláveis de forte excitação colectiva tornaram-se menos freqüentes. Os indivíduos que agem de forma bastante excitada, sujeitam-se a serem conduzidos a um hospital ou à prisão.¹⁹

Esse tipo de descrição de comportamentos não adequados em público, ou não toleráveis socialmente dentro dos padrões impostos, principalmente nas sociedades industriais, conter manifestações apaixonadas em público e até privado, tornou-se cada vez mais efetiva. Segundo os autores Elias e Dunning (1992), estudos comparativos sistemáticos mostram que não só aumentou esse controle das ações fortemente emotivas, mas também que as situações de crise públicas e privadas, com a progressiva diferenciação das sociedades, tornaram-se mais diferenciadas do que era habitual suceder.²⁰

¹⁸ Elias, Norbert; Dunning, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p.101.

¹⁹ Id. *ibid*.

²⁰ Id. p.102.

A descrição de comportamento mais livre adequa-se somente às crianças, que podem manifestar-se com gritos, saltos, danças com excitação, apenas elas não são censuradas de imediato como descontroladas ou anormais, e ainda outros tipos de comportamentos mais descontrolados e excitados acabam desencadeando reações adversas, que não seriam consideradas “normais” aos adultos.²¹

Por esse motivo, nas sociedades industriais avançadas, as atividades de lazer acabam por desempenhar um papel de desencadeador das emoções aprovadas socialmente, do comportamento moderadamente excitado em público. Nessas sociedades as atividades de lazer, enquanto área social de libertação das restrições do não lazer, podem encontrar-se nas sociedades nos mais diversos estágios de desenvolvimento.²² Temos como exemplos de atividades de lazer na Grécia Antiga, os festivais de Dionísio, para Aristóteles era o “entusiasmo”, e os carnavais das comunidades medievais. Nos primeiros tempos, tem-se registro de que as festas religiosas faziam esse papel de atividades de lazer, várias atividades de lazer, em especial as do tipo “mimético” possuem funções semelhantes àquelas que alguns tipos de atividades religiosas tinham nesses tempos, ou seja, a busca da excitação.²³ Com base nessa análise comportamental podemos dizer que o esporte/lazer vem de encontro às necessidades de liberação dos sentimentos da sociedade contemporânea, onde as pessoas buscam de alguma forma um espaço de convívio social que aceite os extravasar das emoções.

O maior exemplo de que houve o desenvolvimento das atividades de lazer ao longo do processo de civilização, são as manifestações de música e teatro, e as novas formas de cantar e dançar são os maiores exemplos disso. Também a maior participação de espectadores nos acontecimentos desportivos, que se observa mesmo em países como a Inglaterra, com comportamentos tradicionalmente bastante reservados, pode constituir outro exemplo. Bem, seja qual for o caráter da excitação ou da emoção

²¹ Id. p.102.

²² Id. p.104.

²³ Id. Ibid.

compensadora, reclamadas em algumas atividades de lazer, nestas sociedades, em ligação com as mudanças específicas na sua estrutura e, em especial, na distribuição do poder entre diferentes grupos de idade, são limitadas igualmente por restrições civilizadoras.²⁴ Através da análise desse texto podemos dizer, que o esporte pode desencadear essas emoções buscadas nas práticas de lazer dos veteranos, pois através dos jogos e torneios as emoções são extravasadas (catarses), e os atletas podem constituir esse momento como sendo a busca da excitação na atividade de lazer.

Mas qual é a diferença de lazer, trabalho e tempo livre para os autores Elias e Dunning? O **trabalho**, de acordo com a tradição, classifica-se a um nível superior, como um dever moral e um fim em si mesmo; o lazer classifica-se a um nível inferior, como uma forma de preguiça e indulgência. O **lazer** é dominado pelo prazer, e o trabalho desprovido do mesmo. Já o **tempo livre** constitui, de acordo com os atuais usos lingüísticos, é o tempo liberto das ocupações de trabalho, no qual só parte dele pode ser voltado às atividades de lazer, no sentido de realizar uma atividade livremente e não remunerada – escolhida porque é agradável para si mesmo.²⁵

Para Elias e Dunning o **tempo livre** pode ser classificado em cinco **categorias**: a primeira categoria é o trabalho privado, inclui o trabalho doméstico, tarefas familiares. A segunda categoria é o repouso, refere-se a ficar sentado, fumando, tricotando, devaneios e futilidades sobre a casa, ou não fazer nada em particular e, acima de tudo o dormir. A terceira categoria é o provimento das necessidades biológicas, ou seja, comer, beber, defecar, fazer amor, tal como dormir, essa categoria reaparece a cada instante e deve ser satisfeita. A quarta categoria é a sociabilidade, também não é trabalho, porém envolve esforços consideráveis, envolve atividades de trabalho, passeios, restaurantes, festas, bares, visitar pessoas e vizinhos. A quinta e última categoria é a das atividades miméticas ou jogo, são atividades que podem ser de lazer, mas ainda não se tem muita clareza, podem ser: idas ao teatro, cinema, pesca, montanhismo, dança ou ver televisão.²⁶ Podemos dizer então,

²⁴ Id. p.105.

²⁵ Id. p.106-107.

²⁶ Id. p.108.

que o basquete veterano quando praticado no tempo livre pode enquadrar-se na quinta categoria de lazer, pois caracteriza-se como uma escolha voluntária e não remunerada.

As atividades de **lazer** geralmente são escolhidas voluntariamente, porém o trabalho profissional as atitudes/decisões das pessoas são tomadas em grande medida, levando em consideração outros de quem possa dizer “eles”. Nas atividades de lazer a decisão própria terá mais peso do que no caso do trabalho profissional, ou nas atividades de tempo livre que não possuem o caráter de lazer. “A satisfação agradável, proporcionada pelo lazer, tende a ser considerada como um meio para atingir um determinado fim – o de permitir o alívio das tensões e de melhorar as capacidades das pessoas para ele”.²⁷

Buscando conceitos de Elias, em sua obra A Busca da Excitação, podemos dizer que existem dois tipos de **excitação**: a excitação espontânea e elementar, que provavelmente tem sido inimiga da vida ordeira, e que através da história humana diminuiu, e a excitação-jogo que tem sua função compensadora aumentada na sociedade capitalista, pois o ritmo de vida das pessoas está muito acelerado e as tensões aumentadas, por isso o aumento da busca da excitação. “Com o auxílio deste tipo de excitação, a esfera mimética oferece uma vez mais a oportunidade, por assim dizer, de um novo desanuviar no seio da sociedade que, pelo contrário, na vida social comum possui um conteúdo uniforme.”²⁸

Através desse esclarecimento sobre a excitação-jogo, podemos traçar um paralelo com a realidade dos jogos de veteranos do basquetebol, onde o atleta procura essa atividade voluntariamente, muitas vezes como função compensadora e agradável, mesmo em momentos de disputa de bola ou até mesmo de marcação. São os momentos de “luta” pelo poder que as emoções ficam mais evidentes e dessa forma o veterano fica mais excitado diante de uma situação de tensão. Assim os sentimentos serão extravasados e o estresse aliviado, pois existe uma descarga de adrenalina e depois vem o fluir das emoções.

²⁷ Id. p.108.

²⁸ Id. p. 113.

Em relação à função das atividades de lazer como busca da excitação, podemos nos utilizar da citação de Elias, quando se refere às atividades miméticas:

a estimulação emocional peculiar e a renovação de energias proporcionadas pelas

atividades de lazer da categoria mimética, culminando numa tensão agradável, representam um equivalente mais ou menos institucionalizado face ao poder e à uniformidade das restrições emocionais exigidas por todos os tipos de acções intencionais dos indivíduos nas sociedades mais diferenciadas e civilizadas. A agradável excitação-prazer que as pessoas procuram nas suas horas de lazer, representa assim, ao mesmo tempo, o complemento e a antítese da tendência habitual perante a banalidade das valências emocionais que se deparam nas premeditadas rotinas racionais da vida; enquanto a estrutura das próprias organizações e das instituições miméticas representa a antítese e o complemento das rotinas formalmente impessoais e das instituições orientadas para o trabalho, que deixam pouco espaço às emoções apaixonadas ou às oscilações de disposição. Como um complemento ao mundo premeditado, às actividades altamente impessoais orientadas para o trabalho, as instituições de lazer, quer sejam teatros, concertos, corridas ou jogos de críquete, não são mais do que formas de representação de um mundo de fantasia irreal. A esfera mimética constitui uma parte distinta e integral da realidade social.²⁹

Podemos dizer que as atividades miméticas são realizadas com o objetivo de sair da rotina, aliviar as tensões, liberar o comportamento regrado do dia a dia, enfim sair do “convencional”, mudar o comportamento aceitável/imposto pela sociedade ao menos por instantes de jogos ou treinamentos. Para Elias e Dunning, a “excitação é, por assim dizer, o condimento de todas as satisfações próprias dos divertimentos” .³⁰ Por assim dizer o jogo assim como a convivência com um grupo, pode sim trazer momentos de alegria e satisfação, através de brincadeiras ou conversas agradáveis culmina nesse ponto o pertencer ao grupo e fazer parte de uma representação social, através da expressão do *habitus* constituído por integrantes desse grupo.

Através de Elias e Dunning, podemos classificar os fatos de lazer como miméticos, pois possuem uma estrutura particular que lhes permite satisfazer as necessidades específicas de lazer, onde os indivíduos buscam emoções,

²⁹ Id. p. 115-116.

³⁰ Id. p. 116.

divertimento e o extravasar das tensões adquiridas.³¹ Podemos ir mais além dessa análise, dizemos ainda que a busca de emoções constitui um comportamento e uma historicidade dentro de uma conduta pré-estabelecida por esse grupo, onde o veterano acaba por transpor esse *habitus* para sua vida. Podemos observar esse fato através das entrevistas coletadas com veteranos do basquetebol, que nos relataram essa ligação comportamental dentro e fora de quadra, que ajuda os veteranos a tomar atitudes, ter mais iniciativas rotineiras além de manter uma vida mais dinâmica.

Essa constituição do *habitus* fez com que os veteranos configurassem essa teia social do basquetebol, esse *habitus* também constitui a estruturação dos grupos, pois rege a hierarquia bem como a rede de interdependência e disputa pelo poder. O *habitus* é o produto da história individual, experiências e da trajetória do indivíduo. Estabelece uma pré-disposição, uma existência de preferências que lhe é próprio.³² Segundo estudos de Marchi Júnior sobre o *habitus*, essa categoria de análise constitui o conceito que:

...apresenta-se como social e individual, não obstante, ele sustenta e reporta um sistema de classificação. No sentido de classificações são evidenciadas pelas posições sociais e que a estrutura objetiva de distribuição dos bens materiais e simbólicos na sociedade ocorre fundada em parâmetros de desigualdade, toda classificação, esquema gerador ou atribuição social tende a reproduzir relações tatuadas por um processo de desequilíbrio e dominação social.³³

Dentro desse cenário de lutas, emoções, interdependências e *habitus*, constitui-se o campo, identificado como um estado de relação de força entre agentes ou as instituições engajadas na luta ou na distribuição de capital específico que, acumulado em lutas anteriores, orienta estratégias destinadas à transformá-la, também está sempre em jogo: por exemplo as lutas por uma melhor colocação social ou esportiva.³⁴

Para Marchi Júnior, um campo pode ser identificado na constituição e na definição de disputa e interesses específicos. Mesmo havendo a perspectiva da

³¹ Idem.

³² Idem.

³³ Marchi JR., Wanderley. “**Sacando**” o voleibol. São Paulo: Hucitec; Ijuí, RS: Unijuí, 2004, p.54. Conceito utilizado por Pierre Bourdieu e referendado no livro citado, dessa forma o conceito serviu de apoio aos conceitos da Sociologia Configuracional de forma complementar.

³⁴ Id. p.56.

universalização de funcionamento dos campos, eles são irreduzíveis às peculiaridades de outros campos, e também imperceptíveis pelos olhos de pessoas que não fazem parte de um determinado campo. Para que um campo funcione é necessário que além dos objetos de interesse e de disputa, existam pessoas dotadas de *habitus* que identifiquem e legitimem as leis imanentes do “jogo” de relações que se instaura.³⁵

Para podermos analisar melhor essa relação é necessário entendermos que o campo é constituído por cadeias de interdependências, no caso desse estudo o campo é constituído pela rede do esporte. Nesse caso está inserido no cenário do basquetebol paranaense e é constituído por atletas veteranos de basquetebol que são dotados do *habitus* esportivo. O objeto de disputa desse campo é a busca por uma melhor colocação da equipe em relação às outras, além da representação estadual no cenário nacional e a luta dos agentes por uma colocação dentro do próprio grupo. Mais especificamente o pertencimento em relação aos outros e a si. Para estar inserido no campo é necessário que o participante garanta a reprodução do “jogo”, contribuindo dessa forma para a reprodução do valor no que está sendo disputado.³⁶

No interior do campo existem os diferentes objetos de luta, estratégias e relações. Essas relações constituem uma ligação com o *poder* que caracteriza a desigualdade no processo de desenvolvimento das sociedades humanas. A busca pelo equilíbrio de poder constitui-se em elemento integral de todas as relações humanas e, como tal, apresenta-se de maneira bipolar ou, usualmente, multipolar. Dito de outra forma, a tendência ao equilíbrio de poder sempre está presente onde esteja ocorrendo uma interdependência funcional entre pessoas.³⁷ Esse equilíbrio de poder pode ser transportado ao basquetebol veterano como forma da hierarquia da Associação dos Veteranos do Paraná, bem como a relação de disputa entre as equipes e clubes da capital.

Segundo Elias as relações de poder constituem um elemento integral de todas as relações humanas, além disso devemos saber que o equilíbrio do

³⁵ Id. p.56.

³⁶ Id. p.57.

³⁷ Id. p.73.

poder de um modo geral bipolar e usualmente multipolar, ou seja, o poder está nas mãos de poucas pessoas porém pode ser distribuído e causar mais equilíbrio. Para compreendermos tal disputa de poder utilizaremos os modelos de jogos propostos por Elias, o qual utiliza-se dos modelos pois demonstram de um modo simplificado o caráter relacional do poder. A utilização dos modelos de jogos de competição serve para evidenciar as configurações de poder, onde a expressão “relação de poder” será substituída por “força relativa dos jogadores”. Os modelos de jogos facilitam a análise dos problemas sociológicos, pois conseguimos reorganizar em termos de equilíbrio, mais do que em termos reificantes.³⁸

O primeiro modelo de jogos de competição de Elias utilizado para análise sociológica é chamado de “primária e sem regras”. Esse modelo representa a relação entre dois grupos não regulados por normas. A competição primária demonstra que podem existir estruturas sociais mesmo sem regras. Esse fato vem demonstrar que as relações primárias são constituídas por lutas, guerras, rebeliões, massacres e toda espécie de lutas pelo poder e são caracterizadas pela desordem. Tomemos por exemplo a luta entre duas tribos que buscam alimentos e acabam usando da força para conseguir seus objetivos, porém dentro de cada tribo existe uma organização interdependente, além disso existe a *função* de forças coercivas que exercem uma sobre a outra.³⁹

Esse modelo indica-nos que assim como o conceito de poder, o conceito de *função* deverá ser compreendido como *relação*, pois esse elemento de coerção pode observar-se nitidamente na função desempenhada por cada grupo tribal enquanto inimigo recíproco. Compreender deste modo o conceito de *função* demonstra a sua relação com o poder dentro do quadro das relações humanas.⁴⁰

Segundo Elias, o modelo primário apresenta-se como um caso de fronteira, nele um dos lados tem como fim privar o outro, não só das suas funções sociais como também da sua própria vida. Ao mesmo tempo que esse

³⁸ Elias, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999, p.80-81.

³⁹ Id. p.82-84.

⁴⁰ Id. p.85.

modelo nos faz lembrar que muitas vezes os seres humanos precisam recorrer à últimas conseqüências para resolução de seus problemas, também não podemos esquecer que todas as relações entre os homens bem como suas interdependências funcionais, são processos.⁴¹

Os modelos de jogos de Elias devem ser interpretados como representações de pessoas ligadas umas as outras no tempo e no espaço, bem como a interdependência funcional dos movimentos em ambos os lados não é menor neste caso do que no caso de conflito ou de uma cooperação com regras. Apesar da interpenetração de ambos os lados seja, no decorrer do tempo, um processo sem normas, é no entanto um processo sem normas, podendo esta ser analisada e explicada.⁴¹

O próximo modelo de competição é o “processo de interpenetração com normas” e suas subdivisões, tal modelo são experiências intelectuais simplificadoras, nas quais a teia de relações humanas muda de acordo com a distribuição de poder.

Primeiramente iremos tratar dos “jogos de duas pessoas” com normas. O fator determinante nesse tipo de configuração mutável é a proporção de poder existente entre os componentes. Ou seja, em um jogo entre duas pessoas, uma delas será muito superior à outra, podendo exercer controle sobre o mais fraco. O mais forte terá grande capacidade de manipular o jogo ou forçar um movimento a seu favor, forçando o resultado. A interpretação desse jogo facilita entendermos a distinção conceitual entre dois tipos de controle, um que vai resultar da força exercida sobre seu adversário e, outro é o controle que lhe é dado sobre o decurso do jogo.⁴²

Outra forma de jogo é a composta “de muitas pessoas a um só nível”. Trata-se de um limitado número de relações independentes que uma pessoa pode realizar simultaneamente. A ordem estabelecida na configuração será dada na perspectiva de que a ação de cada participante não é considerada como exclusiva/isolada. Antes, deverá ser visualizada como continuação do processo de interpenetração da ação realizada anteriormente, a qual subsidia a

⁴¹ Id. p.86.

⁴¹ Id. p.87.

⁴² Id. p.88-89.

ação futura. É um modelo muito dinâmico e apresenta uma perspectiva evolutiva.⁴³

Seguindo a seqüência temos o modelo de “jogos multipessoais a vários níveis”. Nessa configuração os jogadores são interdependentes e as estruturas para cada uma das jogadas individuais. Imaginemos um jogo para muitas pessoas e o número de participantes estará constantemente crescendo, fazendo aumentar a pressão efetuada sobre os jogadores, para que mudem de agrupamento e organização. Esse acréscimo de jogadores na configuração, torna-se cada vez mais improvável a execução de jogadas adequadas e pensadas a partir da posição individual estabelecida na totalidade, gerando desorganização. Dessa forma a interdependência demonstrará a impossibilidade de compreensão e controle do jogo.⁴⁴

Subseqüente é o “jogo de dois níveis: tipo oligárquico”. Esse modelo de competição decorre de uma pressão exercida pelo aumento de inter-relações e de potencial do poder, ou seja é uma integração interdependente. O confronto social se estabelece no nível secundário. Tal configuração de jogo e jogadores exprime um grau de complexidade que inviabiliza o indivíduo a orientar sua decisão por conta da superioridade ou da manifestação dos seus anseios e interesses. Ocorrem alianças e rivalidades nos diferentes níveis, ações para fora e para dentro da teia. Nesse nível de jogo fica destacado o equilíbrio do poder pendendo para o nível mais elevado, mesmo sendo um número mais reduzido de jogadores do que do nível mais baixo, é muito desproporcional, rígido e estável. No entanto, a interdependência dos dois níveis na configuração impõe limitações aos seus componentes.⁴⁵

Por fim temos o modelo de competição a “dois níveis tipo democrático crescentemente simplificado”. Trata-se de um modelo que evidencia o crescimento de potencial de poder das camadas inferiores, que efetivam o crescimento do seu potencial de poder conquistado. Essa característica pode ser detectada pela vigilância e da precaução da manutenção do controle. A

⁴³ Marchi JR., Wanderley. “**Sacando**” o voleibol. São Paulo: Hucitec; Ijuí, RS: Unijuí, 2004, p.75.

⁴⁴ Elias, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999, p.92.

⁴⁵ Marchi JR., Wanderley. “**Sacando**” o voleibol. São Paulo: Hucitec; Ijuí, RS: Unijuí, 2004, p.76.

dependência mútua gera conflitos e tensões. A limitação das ações mantém equilíbrio entre interdependentes e rivais.⁴⁶ Quanto à isso Elias enfatiza:

Enquanto as diferenças de poder forem grandes, parecerá às pessoas de nível superior que todo o jogo e, particularmente, os jogadores de nível inferior estão lá para os beneficiarem. À medida que o equilíbrio de poder se altera, muda este estado de coisas. Cada vez mais parece a todos os participantes que os jogadores de nível mais alto estão no jogo para benefício dos jogadores de nível mais baixo. Os primeiros tornam-se gradualmente, de uma forma mais aberta e precisa, funcionários, porta-vozes ou representantes de um ou outro grupo de nível mais baixo... porém nesse modelo de jogo à medida que cresce a influência dos jogadores de baixo nível, o jogo torna-se cada vez mais complexo para todos os jogadores de nível mais alto.⁴⁷

Esse modelo de jogo demonstra que o jogador individualmente está mais constrangido e limitado, refreado pelo número de jogos simultaneamente interdependentes e é obrigado a jogar com jogadores ou grupos de jogadores que se tornam cada vez menos inferiores socialmente. A configuração destes jogos é visivelmente diferenciada e muitas vezes não pode ser avaliada de um modo nítido, mesmo pelo jogador de mais alto nível, de modo que se torna cada vez mais difícil para o jogador decidir individualmente qual a jogada mais adequada a efetuar.⁴⁸

Segundo Marchi Júnior, os modelos de jogos de Elias tem os seguintes objetivos:

[...]a elaboração do modelo de análise sociológica de Elias partiu da tarefa de identificar novas formas de conquista da autonomia de uma ciência e desbloquear ou transparecer os níveis de poder (característica estrutural de uma relação, conceito não estático e sim processual) existentes nas interpenetrações mutáveis das teias de interdependências sociais. [...]oferece uma proposta e ajuda a interpretar a sociedade pela interdependência de pessoas como participantes de um jogo específico. As forças coercivas são analisadas, superando, em última instância, o reducionismo pretérito das metodologias unilineares pautadas na relação causa-efeito.⁴⁹

Amparados nessa revisão bibliográfica dos conceitos utilizados por Elias para explicar a sociogênese dos grupos e a rede de interdependência tecida pelos atletas veteranos do basquetebol, procuramos no próximo item de nossa

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ Elias, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999, p.97-98.

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ Marchi JR., Wanderley. **“Sacando” o voleibol**. São Paulo: Hucitec; Ijuí, RS: Unijuí, 2004, p.77.

dissertação adentrar no campo histórico esportivo. Levamos em conta a criação do esporte, sua relação com os grupos sociais em que surgiu no Brasil e no mundo, bem como o surgimento da Associação Paranaense de Veteranos.

1.2 O BASQUETEBOL A PARTIR DA DÉCADA DE 50 E A CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE VETERANOS

O basquetebol chegou ao Brasil no ano de 1896, quando desembarcou no Brasil para lecionar no Instituto Mackenzie, em São Paulo, o norte-americano Auguste F. Shaw, vindo da cidade de Clayville, região de Nova York, trazendo na bagagem uma bola de basquetebol. A primeira equipe formada no Brasil foi no Instituto Mackenzie em 1896 contava com os seguintes atletas: Horácio Nogueira, Edgar de Barros, Pedro Saturnino, Augusto Marques Guerra, Theodoro Joyce, José Almeida e Mário Eppinghauss⁵⁰, nomes importantes para a história do esporte no Brasil.



Primeira equipe de basquetebol do Instituto Mackenzie - 1896(fonte: www.cbb.com.br)

Em 1912, o diretor Henry Sims implantou o basquetebol na Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro com suas regras oficiais. O Clube América Carioca foi o primeiro clube do Brasil a implantar o basquetebol. Rapidamente o basquetebol desenvolveu-se no Brasil, principalmente em quartéis, clubes e escolas.⁵¹

⁵⁰ BRISSAC, Chantal; CLEMENTE, Ana Tereza. **Revista Cesta**. São Paulo: Segundo Olhar, 2002, p. 39.

⁵¹ Ibidem.

A história do surgimento do basquetebol em Curitiba, capital do Paraná, segundo Machado⁵², se deu em 26 de julho de 1919. A notícia foi dada no jornal Diário da Tarde, jornal de representatividade da época, e dizia:

O International Foot-Ball Club estava fundando o International Basket-Ball Club, integrado apenas por mulheres, que eram torcedoras do clube. A diretoria era composta de forma provisória pela senhorita Zilda Pereira como presidente; Zizi Mader como vice; Cecília Wilhelm, tesoureira; Hermínia Sengés, secretária e Lolô César como oradora. No dia 28 de setembro do mesmo ano, foi inaugurada a primeira quadra de basquetebol na cidade de Curitiba.⁵³

O basquetebol foi sofrendo uma evolução através das décadas, pois foi aumentando o número de praticantes e essa evolução fez surgir a necessidade da realização de campeonatos. Ao longo dos anos o basquetebol foi tomando grandes proporções no cenário paranaense, e isso gerou a institucionalização do esporte, ou seja, a criação de uma instituição reguladora/gestora do basquetebol no Paraná.⁵⁴

Em 1950, devido à insatisfação dos clubes foi solicitada a intervenção ao Conselho Regional de Desportos, e em 30 de agosto uma Junta Diretiva foi empossada junto à FDP.⁵⁵

Durante o mês de julho no ano de 1950, Curitiba sediou o Campeonato Brasileiro de Basquetebol Feminino e o Campeonato Brasileiro de Basquetebol Masculino Juvenil. No mês de outubro houve a criação da Federação Paranaense de Basquetebol, que foi desmembrada da Federação Desportiva Paranaense⁵⁶, por questões político/administrativas.

Citamos parte da Ata da Assembléia Geral na qual os clubes filiados à Federação Desportiva Paranaense do Departamento de Basquetebol, propuseram a criação de uma entidade voltada para o Basquetebol:

⁵² Machado, Heriberto Ivan. **O Basquetebol do Paraná**. Curitiba: H.I. Machado, 2002, p.18.

⁵³ Ibidem. Referendamos esses nomes pois foram de fundamental importância ao basquetebol do Paraná, não apenas como fundadoras mas também como mulheres pioneiras desse esporte no Estado.

⁵⁴ Id. p. 88.

⁵⁵ Ibidem

⁵⁶ Id. ibid. p. 89

Aos 30 dias do mês de outubro de 1950, na presença dos clubes filiados, convocados para tratar da fundação da Federação Paranaense de Basketball, foi deliberado, por unanimidade dos presentes, o seguinte: “Baseado nas leis que regem os desportos no país e tendo em vista a necessidade do desenvolvimento do esporte amador em nosso Estado, seja o atual Departamento de Basketball da Federação Desportiva Paranaense, desmembrado da Eclética, para a criação da Federação Paranaense de Basketball, tendo em consequência sido indicada uma comissão composta dos desportistas José Cadilhe de Oliveira, Hugo Pilato Riva, Hamilton Saporski Dallin, José Leônidas Guimarães da Fontoura e Luiz Cecatto para elaborarem os Estatutos da Entidade de Basketball a ser criada, bem como os demais códigos necessários, ficando a comissão em questão com plena liberdade e inteiro apoio desta Federação para, na época oportuna, convocar a Assembléia para eleições e criar; na forma da legislação esportiva do país, a Federação Paranaense de Basketball.

A partir daí a Federação Paranaense de Basquetebol foi reformulada estruturalmente e passou a gerir campeonatos municipais e estaduais, com o objetivo de desenvolver o esporte, porém vieram outras presidências ao longo dos anos e a Federação sofreu altos e baixos novamente, pois nem sempre a presidência da Federação agradava os clubes, que eram a principal força política e mantenedora da Federação.⁵⁷

Então, ao longo da década de 50 o basquetebol paranaense passou por muitas mudanças, dentre elas o surgimento do grupo de veteranos de basquetebol. Grupo esse formado por ex-atletas de clubes e escolas de Curitiba que atuavam nas categorias de base (mirim, infantil e juvenil), depois categoria adulto e mais tarde nos veteranos (idade superior aos 35 anos). Muitos desses veteranos vindos de outros estados, por motivos profissionais e familiares, acabaram por incorporar o grupo de veteranos de Curitiba. Temos ainda o grupo de veteranos de Ponta Grossa, cidade próxima a Curitiba e que sempre teve equipes de competição de basquetebol, e por consequência foram tornando-se atletas veteranos, constituindo assim o grupo veterano dessa cidade.

* Ata integral (anexo 2) da Assembléia Geral de Clubes filiados à Federação Desportiva Paranaense, realizada no dia 30 de outubro de 1950, para propor a criação de uma entidade exclusiva para o basquetebol. Fonte: Machado, Heriberto Ivan. **O basquetebol do Paraná**. Curitiba: H.I.Machado, 2002, p.89.

⁵⁷ MACHADO, Heriberto Ivan. **O Basquetebol no Paraná**. Curitiba: H.I.Machado, 2002.

Através de relatos históricos e da pesquisa de Machado⁵⁸, que conta a história do basquetebol no Paraná e em Curitiba, os grupos de veteranos de Curitiba tiveram início nas quadras da Sociedade Thalia, por volta do ano de 1956. Nesse grupo jogavam os seguintes atletas: Freitas Neto, Pinho, Arnaldo, Van Erwen, Mário entre outros que faziam parte do grupo. Essa história é relembrada pelo entrevistado Arnaldo Batista Ramos, que nos conta a sua lembrança da história, confrontada com a data do referencial da pesquisa de Machado, que diz:

Bom(...)quando eu joguei “aquela” partida (in off), eu fiquei muito conhecido, passados anos...seis anos, eu estava mais estabilizado, tinha casa, emprego, então comecei...aí o conhecimento com o Aluísio Pinho naquela época, ele disse: “vamos fazer uma pelada lá na Thalia”, e eu comecei a ir lá de vez em quando...e foi lá que tudo começou, o fundador real da pelada é o Aluísio Pinho, esse foi o fundador, ele gostava. Foi diretor de basquete da Thalia, e nós começamos a fazer amizade, eu não conhecia ninguém, e nós jogávamos lá no sábado, às vezes não jogava...domingo de manhã. Depois sim, foi firmando, na época de 60...61, eu sei que chegava pra jogar, e nós escolhíamos o time, quero jogar com você, você e você, quem ganhava ficava, nós jogávamos a manhã inteira, o nosso time ganhava sempre, então nosso time ficou célebre: Joeli, Leônidas, eu é lógico(Arnaldo), Laércio, está vivo ainda, é professor parece, e King, da aeronáutica, faleceu também(...)

Então esse foi o primeiro time de pelada, dali passamos do Thalia para o SESC.⁵⁹

Os anos foram se passando e os veteranos foram agregando-se cada vez mais, e dessa forma o grupo foi crescendo até se organizar e formar uma Associação de Veteranos, essa união fica clara no depoimento do veterano Arnaldo Baptista Ramos:

É...durante esse período da formação o Ernesto, Mário, Ervin, Oscar Pimpão, Bruno, começaram a trazer seus filhos jovens, e eles foram aprendendo junto com agente...eles traziam. O Carmona...que faleceu, mas daqueles meninos só vem o Júnior do Oscar, o resto parou, foi estudar...mas manteve a tradição. E a formação principal desse grupo, era um grupo heterogêneo, cada um fazia uma coisa e eram nessas reuniões depois dos jogos que agente conversava,

⁵⁸ Id. p. 224.

⁵⁹ Entrevista cedida pelo atleta veterano de basquetebol Arnaldo Baptista Ramos, 76 anos, atualmente aposentado, e frequentador do Clube Círculo Militar do Paraná. Refere-se a um dos fundadores do grupo veterano de Curitiba, iniciado na Sociedade Thalia, por volta de 1962, segundo o entrevistado, no dia 19 de abril de 2005, em Curitiba, no Círculo durante o horário de treino.

principalmente o Freitas Neto, era o intelectual...e eu era o gênio do basquete...e essas conversas lá...piada, brincando, e formamos um grupo que vinha sempre, era o Neto, ele era um dos cabeças, gostava de contar piada, ele era jornalista, né. Então nós nos reuníamos todo sábado à tarde e domingo de manhã, ficava até duas horas da tarde. Então foi isso que criou a união do grupo, esse conagraçamento fora do campo, daí começou a vir atletas novos, veio o Jaiminho...mas foi isso que manteve o grupo, o conagraçamento, depois nós fazíamos churrasco, toda semana, aniversário...hoje em dia é diferente, naquela época nós tínhamos mais amizade, mais amor...agora o pessoal tem outras atividades, televisão, cinema. Mas nós temos ainda a velha guarda, eu, o Kalil, Jaiminho, Ernesto, Roberval o Ervin e o Mário, vinha bastante, mas agora parou um pouco, às vezes nem vem jogar, vem só na conversa. Que nem eu, há 43 anos eu faço o que faço, eu venho no domingo, por isso sou um cara conhecido, porque eu nunca faltei...que nem hoje, estou machucado mas vim bater papo, conversar e ficar pra cerveja. O basquete fez parte da minha vida, e procurei sempre fazer o melhor.

Mas o grupo continua unido, e posteriormente temos uma pessoa muito importante, que eu esqueci de citar, que é o Dr. Muricy, que naquela época veio junto com o crescimento do grupo, ele, o Narsen, e uma série de outros jogadores, mas o Muricy tornou-se uma pessoa importantíssima, hoje em dia ele é o nosso líder, nos mantém mais integrados, mais unidos com a criação da Associação.⁶⁰

Por volta de 1967 os veteranos resolveram fazer o primeiro campeonato entre os que haviam jogado basquetebol em outros tempos. Segundo fonte do jornal local Gazeta do Povo⁶¹, que representa um meio de comunicação importante para a população de Curitiba, esse torneio foi noticiado como sendo o Primeiro Torneio de Veteranos, tendo o Clube Curitibano como campeão, sobre a equipe do Círculo Militar “A” pelo placar de 46x41, noticiou ainda os cestinhas e detalhes da última rodada.

O campeonato contou com um grande número de participantes, a partir daí outros campeonatos foram realizados por atletas de Curitiba, Ponta Grossa, Londrina, Maringá e outras cidades do Paraná. Os torneios aconteceram na metade dos anos 70 e 80 e contavam com um número grande de veteranos do basquetebol.⁶²

A formação de uma Associação de veteranos foi recente, nasceu do ideal de um pianista e veterano chamado José Acácio Wotroba. Na verdade

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Artigo da Gazeta do Povo, de autor desconhecido, com o título de: Curitibano campeão do Torneio de Veteranos, Curitiba, 1967, Caderno de Esportes, e como complementação segue um artigo do Jornal Diário do Paraná, com o título: Veteranos do Círculo vencem em Ponta Grossa (segue em anexo arquivo em cd).

⁶² MACHADO, Heriberto Ivan. **O Basquetebol no Paraná**. Curitiba: H.I.Machado, 2002, p. 224.

José Acácio também atleta de basquete, esteve em Santos, litoral de São Paulo em 1989, para apresentar-se na cidade como pianista. Na ocasião, descobriu que existiam Associações de basquetebol se formando por todo o país e que todo o ano estas Associações se encontravam a nível nacional, para um campeonato de bastante representatividade e confraternização dos atletas veteranos da modalidade.⁶³

O pianista voltou a Curitiba e fundou no ano de 1991, associado a outros veteranos como Mayr Facci, Gilberto Dávila e Marian Silva, a Associação Sul Paranaense de Veteranos e Amigos do Basquetebol, que teve Mayr Facci como primeiro presidente, eleito por aclamação. A sede da Associação permaneceu na residência do sr. Wotroba, depois mudou-se para sede própria, como conta Arnaldo Baptista Ramos:

Eu sempre participei da Associação, como participei de todas as atividades do basquete. Bom...a idéia nasceu do José Acácio, ele morava em Piraquara, eu trabalhava na Prefeitura de Araucária, era diretor administrativo, e ele construiu uma casa lá (...) e ele tentou implantar o basquete lá, mas não deu muito certo, pessoa muito dedicada, ele deu mais para o esporte do que o basquete deu para ele, digo na parte financeira. Eu também dei muita coisa, mas sempre olhei a minha parte. Aí foi eleito o Mayr o primeiro presidente em 1991, depois foi o Carlos Marassi, terceiro o Zé Acácio, e em 99 foi eleito o Dr. Muricy, com uma mentalidade nova e em condições melhores de fazer, entende...condições melhores, que eu digo é a capacidade intelectual, pessoal, de importância na sociedade paranaense, hoje a Associação é exemplo para o Brasil.⁶⁴

Em 1992, segundo fonte do folhetim *Basquetando*⁶⁵, de distribuição restrita aos veteranos do basquetebol de Curitiba, a cidade sediou pela primeira vez o VIII Encontro Nacional dos Veteranos de Basquetebol, realizado nos dias 5 à 12 de dezembro, nas categorias: sênior, master, super-master e hiper-master.

Nessa época no norte do Paraná, na cidade de Maringá já existia a Associação Ingá de Veteranos de Basquetebol. Os paranaenses participavam de competições nacionais desde 1989. A Associação Brasileira de Veteranos

⁶³ Site www.digitada.com.br, acessado em 04 de abril de 2004.

⁶⁴ Entrevista cedida pelo atleta veterano de basquetebol Arnaldo Baptista Ramos, Curitiba, 19 de abril de 2005.

⁶⁵ NETTO, Freitas. Folhetim: **Basquetando**. Curitiba, 1992.(Segue em anexo arquivo em cd).

de Basquetebol não aceitava a inscrição de duas entidades do mesmo Estado, por esse motivo a Associação Ingá, que estava registrada junto à Brasileira pediu a sua desfiliação⁶⁶ e ficou apenas a Associação Paranaense de Basquetebol Veteranos, com sede primeiramente em Piraquara, e posteriormente em Curitiba.

No ano de 1999, o veterano José Cândido Muricy, um empresário da cidade de Curitiba, assumiu a presidência da Associação Paranaense de Veteranos, onde atua até hoje, completando seu terceiro mandato. O atual presidente tem uma diretoria constituída e atuante, pois promovem mensalmente torneios entre os veteranos, com isso a Associação conta com mais de 150 veteranos devidamente cadastrados e participantes das atividades⁶⁷, fora os veteranos que muitas vezes participam dos torneios mas não são filiados.

Atualmente o maior número de veteranos atuantes do Paraná, encontram-se na capital do Estado, um dos motivos de nossa pesquisa focar o grupo de veteranos de Curitiba, pois foi em Curitiba que iniciou-se o grupo do Paraná. Através da capital foi possível mapear o basquetebol veterano do Estado e desvendarmos o papel que a Associação exerce no meio do basquetebol veterano. Pode-se ressaltar a importância da Associação na fala do atual presidente José Cândido Muricy: “É importante e sempre será, pois além de promover a confraternização entre os atletas do passado nos incentiva a nunca deixar o esporte de lado, principalmente pela atividade física constante em treinos e nos campeonatos”.⁶⁸

⁶⁶ MACHADO, Heriberto Ivan. **O Basquetebol no Paraná**. Curitiba: H.I.Machado, 2002, p. 224

⁶⁷ Id. Ibid, p.225. (Segue em anexo 3 - estatuto atual que rege a Associação Paranaense de Veteranos do Basquete).

⁶⁸ Entrevista cedida por José Cândido Muricy, 61 anos, médico e empresário em Curitiba, também fundador do Clube Galícia de basquetebol, que caracteriza-se como uma confraria, que realiza seus treinos na quadra construída em sua casa. Entrevista realizada no dia 01 de maio de 2004, durante a realização do Torneio Mayr Facci, na cidade de Ponta Grossa.

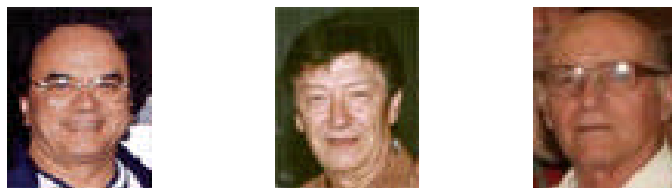


Foto da atual Diretoria da Associação Paranaense de Veteranos do Basquetebol – da esquerda para a direita o Presidente José Cândido Muricy, Vice-Presidente Narsen Paulo Castro e o Presidente do Grande Conselho Arnaldo Baptista Ramos – (fonte: www.digidata.com.br/basquete, junho/2005)

A Associação conta com a participação voluntária dos veteranos para exercer algumas funções administrativas, mas tem um corpo fixo de funcionários, que trabalham no site da Associação de Veteranos, e em funções administrativas que precisam ser resolvidas na rotina da Instituição, já que atualmente conta com um número significativo de veteranos, além disso tem como objetivo congrega o maior número de praticantes pré-veteranos e veteranos⁶⁹. A Associação promove mensalmente torneios que homenageiam veteranos de Curitiba e do Paraná, existe uma tradição que foi adotada por essa Instituição, que diz: o veterano que completa 70 anos de idade recebe como homenagem, um torneio com o seu nome. Ao longo de 2003 e 2004 houve quatorze torneios⁷⁰ de veteranos, promovidos pela Associação. Sendo que realizaram-se sete em cada ano respectivamente, a maioria disputados em forma de sorteio, isto é, os veteranos fazem sua inscrição prévia e as equipes são formadas através do sorteio da cor do time que irão formar.

Outros torneios promovidos pela Associação, que homenageiam veteranos, mas ocorrem de forma fixa no calendário, são disputados de forma diferenciada, nesses os veteranos disputam pelo clube no qual realizam os treinamentos; são eles Torneio Freitas Neto, sempre no mês de janeiro, na praia de Caiobá, o outro é o Torneio Mayr Facci, quase sempre no feriado de 21 abril na cidade de Ponta Grossa, cidade onde mora o veterano

⁶⁹ Site www.digitada.com.br, acessado em 04 de novembro de 2004.

⁷⁰ Torneios de 2003: XII Torneio Freitas Netto, Torneio Jornalista Nelson Comel, V Torneio Mayr Facci, V Torneio Deputado Luiz Carlos Haully, I Torneio Fernando Sanches, I Torneio Oscar Pimpão e I Torneio Neli Nardi.

Torneios de 2004: XIV Torneio Freitas Netto, I Torneio Gilberto Dávila, VI Torneio Mayr Facci, I Torneio Mathusalem Gaia e Dalila Mello, I Torneio Ernesto Kugler Batista, I Torneio Firmino Dias Lopes e I Torneio Nestor Malvezzi.

homenageado. Para fazer o fechamento anual ocorre a realização do Encontro Nacional de Veteranos do Basquetebol, promovido pela Federação Nacional de Veteranos, esse ocorre quase sempre em cidades do nordeste, pois o clima ajuda para melhor integração, mas já foi realizado em cidades do sul e sudeste do país em versões anteriores, mas o clima frio não ajudou muito o desenvolver dos torneios.

Em 1991, os veteranos praticantes de basquetebol criaram o Torneio Freitas Netto⁷¹, homenagem a um veterano que sempre esteve presente nas atividades do basquetebol de Curitiba. A competição acontece todo ano, no mês de janeiro, nas dependências do Ginásio do SESC Caiobá, no litoral paranaense. Na primeira edição participaram as equipes de Piraquara, Santos, São Paulo, União da Vitória, Clinihauer e Rio de Janeiro, esse torneio é o mais importante para os veteranos locais, pois com a participação de equipes de fora torna-se mais motivante e competitivo.

Em 2001, Curitiba sediou pela segunda vez o Encontro Nacional de Veteranos do Basquetebol, foi o XVII Encontro Nacional, que contou com a participação de aproximadamente 350 pessoas, entre atletas e convidados. A realização do Torneio Nacional foi dos dias 9 à 17 de novembro, a abertura ocorreu no Ginásio do SESC da Esquina, e os jogos foram realizados em diversos ginásios de Curitiba.⁷²

No ano de 2002, o ginásio de Matinhos também foi utilizado para o Torneio Freitas Netto, pois havia um número maior de equipes, fizeram-se presentes: Santos, Ribeirão Preto, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, além de várias equipes de Curitiba e de outras cidades do estado do Paraná. O Torneio ficou caracterizado como um verdadeiro torneio nacional. Desde então o Torneio foi tomando corpo e solidificou-se no calendário nacional dos veteranos de basquetebol.

⁷¹ João Dedeus Freitas Netto, atleta veterano e jornalista em Curitiba, mais conhecido no basquete como Freitas Neto, que cedia seu nome ao Torneio Veteranos realizado na praia de Caiobá, há 14 anos, faleceu no período de realização dessa pesquisa, no dia 26 de outubro de 2004.

⁷² COMEL, Nelson. **Basquete/encontro histórico: Curitiba recebe veteranos do Brasil**. Tribuna do Paraná. Curitiba, 05 de novembro de 2001. Esporte Amador. (Segue em anexo arquivos em cd).



Freitas Netto – (fonte: www.digidata.com.br/basquete)

O VI Torneio Mayr Facci em 2004, contou com a participação de 11 equipes divididas em três categorias. Após o encerramento do torneio, ocorreu um jantar no Rancho Dallas, localizado na residência do veterano Mayr, local de realização de eventos de confraternização, que contou com a participação de duzentas pessoas, entre atletas, autoridades, imprensa e convidados. Emocionado, Mayr Facci falou de sua alegria em receber os amigos em sua residência e da expectativa que tem no retorno do basquete de Ponta Grossa às competições adultas do Estado.

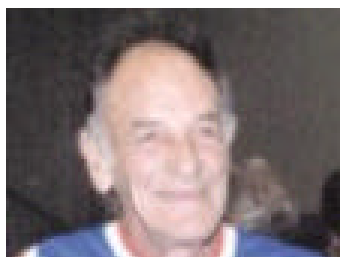


Foto do veterano Mayr Facci – (fonte: www.digidata.com.br/basquete)

Existem peculiaridades em cada torneio promovido pela Associação, cada torneio possui regulamento próprio e categorias diferenciadas, como por exemplo: Torneio Freitas Netto; categoria acima de 65 anos, categoria 60 a 64 anos, categoria 50 a 59 anos, categoria 35 a 49 anos e pré-veteranos 25 a 34 anos de idade. Torneio Mayr Facci; categoria veteranos 35 a 49 anos, hiper-veteranos 50 a 59 anos e master acima de 60 anos de idade.

Durante ano de 2003 foi realizado o XIX Encontro Nacional na cidade de Vitória, e em 2004 houve a realização do XX Encontro Nacional de Veteranos do Basquetebol em São Luís do Maranhão. Em 2005 houve a realização do VIII Campeonato Mundial de Basquetebol Master, na Nova Zelândia, onde o único atleta representante do Paraná foi o veterano José Cândido Muricy. Nos Torneios Nacionais, cada estado que possui representatividade de veteranos, reúne os melhores atletas para formar as equipes estaduais, nem sempre os melhores atletas têm disponibilidade para comparecer ao evento, então são abertas vagas para outros veteranos que possam participar do torneio.⁷³



Logo dos XIX e XX Encontros Nacionais de Veteranos do Basquetebol, respectivamente- 2003 e 2004 (fonte:www.digidata.com.br/basquete)

O Paraná tomou projeção nacional em Torneios Veteranos, pois em Curitiba existem vários clubes que possuem equipes de atletas do basquetebol, que treinam e participam de Torneios Nacionais, o que acaba por promover a sociabilização desses atletas, bem como a interação entre dirigentes e técnicos das equipes da seleção brasileira, possibilitando que os atletas passem por uma pré-seleção e possam ser convocados para a equipe nacional. A foto a seguir ilustra bem a progressão dos atletas da categoria adulta até chegar ao veterano. São os ex-atletas que irão compor as equipes dos veteranos em Clubes de Curitiba e Ponta Grossa. A foto tirada do arquivo pessoal do veterano Arnaldo Baptista Ramos, dos atletas do Círculo Militar da equipe adulta de 1972, composta pelos atletas: Bino, Ratzke, Chicão, Cezar e Ginkes.

⁷³ Site www.digitada.com.br, acessado em 10 de junho de 2004.

Eles retratam a continuidade dos basquetebol veteranos Paraná, pois atuam até hoje em equipes de veteranos do Paraná.

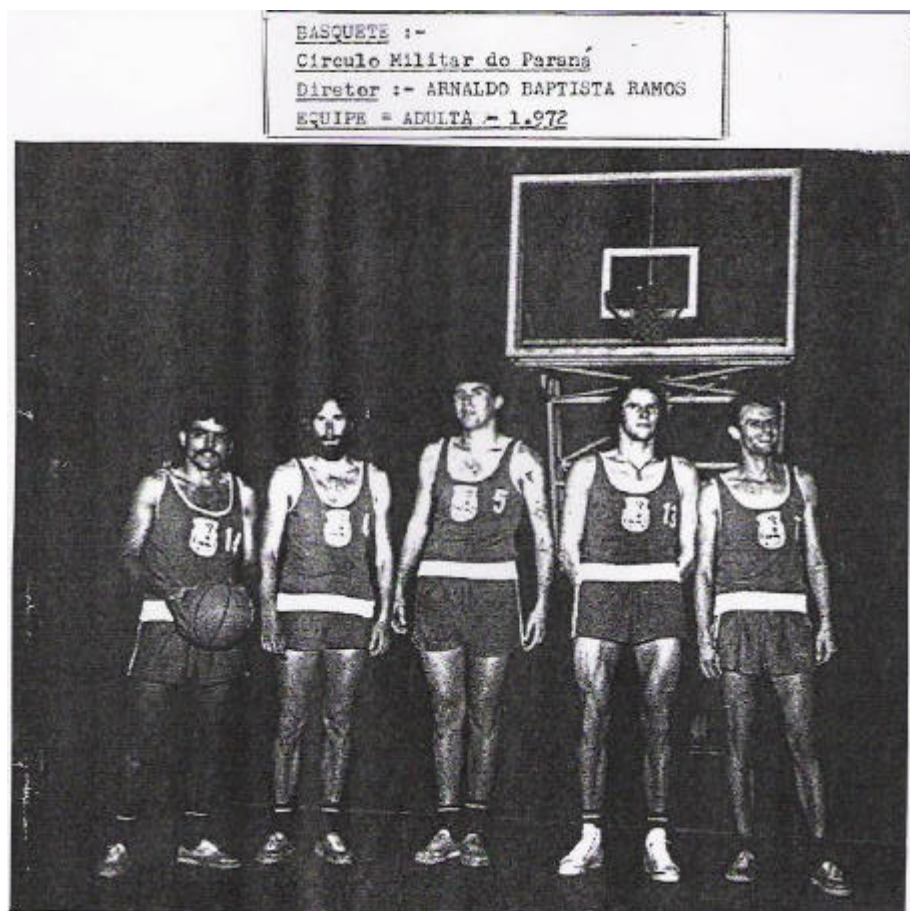


Foto tirada do arquivo pessoal do veterano Arnaldo Baptista Ramos, referente à equipe adulta do Círculo Militar do ano de 1972, retratando a continuidade dos veteranos do Paraná.

Atualmente existem Associações de Veteranos espalhadas por todo o Brasil, todas as Associações estão subordinadas à Associação de Veteranos de Basquetebol do Brasil, essa centraliza a formação de equipes para disputas internacionais e a escolha de técnicos e atletas que compõe a Seleção Brasileira.

Através da formação de equipes estaduais formadas em clubes das cidades ou Associações é que ocorrem os Encontros Nacionais de Veteranos, no próximo capítulo iremos adentrar nas estruturas de cada clube de Curitiba,

onde treinam os atletas veteranos que irão compor parte da Seleção Paranaense que disputa os Jogos Nacionais.

CAPÍTULO II – O BASQUETEBOL VETERANO DO PARANÁ: GRUPOS, EMOÇÕES E SIGNIFICADO SOCIAL

A descrição dos grupos de basquetebol veteranos de Curitiba e Ponta Grossa refere-se à seqüência de atos ou procedimentos que se observa pela força do hábito dos veteranos, os quais jogam basquetebol semanalmente como lazer, prática competitiva ou social. Esses veteranos enfrentam-se em encontros municipais, estaduais e também nacionais, que são disputados por seleções estaduais, clubes ou grupos sorteados através das chamadas *cumbucas*¹. Torneios esses que têm como principal objetivo a integração entre todos os participantes de todas as instituições. Nesses grupos ficam estabelecidas relações de amizade e parentesco, bem como relações de convivência social nos treinos e jogos.

Essa pesquisa utilizou-se de coleta de dados: filmagens, observações e entrevistas para melhor articular os conceitos teóricos, e suas relações com as práticas sociais de lazer. No que se refere às entrevistas semi-estruturadas, de acordo com a metodologia de MARCONI e LAKATOS², no livro *Técnicas de pesquisa* (segue roteiro em anexo), foram coletadas 25 entrevistas de atletas veteranos de Curitiba e Ponta Grossa. Esses atletas foram selecionados por fazerem parte dos grupos que participam, desde sua fundação, ou ainda, por fazerem parte do grupo por um tempo mínimo de um ano, pois é o tempo que caracteriza o veterano como integrante fixo do grupo, pois já conhece e aceita as “normas” implícitas do grupo que frequenta.

Os grupos praticantes de basquetebol veterano na cidade de Curitiba são: Sociedade Thalia, Clube Duque de Caxias/Rua México, Clube Curitibano, Círculo Militar do Paraná/Galícia, e em Ponta Grossa é o Clube Ponta da

¹ Cumbuca: termo utilizado para denominar o sistema de disputa adotado para torneios comemorativos da Associação, nesses torneios-relâmpagos, os atletas veteranos realizam sua inscrição individualmente, e seus nomes vão para lista, que chamamos de cumbuca, pois os atletas formam as equipes após um sorteio dirigido, que formam equipes equilibradas e competitivas, e são representadas por uma cor.

² MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

Lagoa. Todos os grupos têm local próprio de treinamento, e apresentam uma forma de organização/hierarquia, para que melhor seja organizado, e dessa forma o grupo possa participar de competições. Alguns clubes são restritos aos associados, outros permitem a participação de sócios-atletas.

Alguns grupos reúnem-se apenas para a prática esportiva, mas a maioria além do esporte se reúne mensalmente ou quinzenalmente para as chamadas *confraternizações*³, o que torna os componentes do grupo ainda mais integrados. Existe a confraternização pós-treino⁴, que nem todos freqüentam, caracterizam-se como encontros nos restaurantes dos clubes, onde os componentes conversam sobre qualquer assunto, menos sobre trabalho, como eles mesmos dizem: “essa é a *“hora boa”*, pois nesse momento os veteranos contam piadas, fazem brincadeiras e desligam-se dos problemas estabelecidos por suas rotinas, muitas vezes estressantes.”⁵

O primeiro grupo que iremos descrever é o da Sociedade Thalia, pois tivemos um acesso facilitado nesse clube, pelo fato da pesquisadora já ter atuado profissionalmente nesse grupo, como professora e também ter feito parte da equipe de basquetebol feminino adulto. Nesse grupo há a interferência de um professor, que tem a principal função de organizar os atletas, pois sempre tem um número elevado de veteranos por treino, e isso exige uma certa organização em relação à formação das equipes e o rodízio de jogos, para que todos se enfrentem de forma equilibrada.

Para podermos explicar melhor a hierarquia dos grupos, utilizamos algumas nomenclaturas como: núcleo fixo, integrantes rotativos, sobrevivência e regulamento. Através dessas palavras-chave por assim dizer, iremos

³ Confraternização: encontros extra jogo/treino, que têm o principal objetivo de promover maior integração entre os componentes do grupo, bem como das famílias. Além de manter o estreitamento do vínculo social, e ser fator motivante para o grupo. Encontros organizados por alguns integrantes do grupo, em forma de jantar/churrasco, que conta com a colaboração de todos os participantes.

⁴ Treino: ou mais utilizado bate-bola, são os encontros semanais de basquetebol, que ocorrem nos clubes, e servem para jogar/treinar, descontrair e praticar atividade física, dependendo do objetivo de cada integrante.

⁵ Comentários retirados das observações dos grupos e de suas rotinas, que são estabelecidas em suas práticas e esses encontros informais acabam por demarcar o estreitamento dos vínculos do grupo. Nesse momento os atletas deixam de lado seus problemas e se entregam aos momentos de prazer, proporcionados pela companhia dos amigos/colegas do basquetebol veteranos, que desfrutam dos mesmos objetivos, e reúnem-se pelo mesmo esporte.

descrever a estrutura de funcionamento dos grupos. O núcleo fixo refere-se aos atletas que compõe o grupo de veteranos desde sua fundação, existem também atletas fixos que não participaram da fundação porém fazem parte da estrutura há bastante tempo, estipulamos há mais de uma ano. Os integrantes rotativos são aqueles atletas que não estão fixos pois não conseguem se adaptar às regras do grupo, ou estão apenas de passagem, por motivo de viagem ou passeio. A sobrevivência do grupo diz respeito à própria existência e continuidade do grupo. O regulamento refere-se às normas/regras de funcionamento do grupo, como por exemplo: as equipes são formadas por ordem de chegada, todos devem ceder à um pedido de falta durante o jogo/treino, a forma de ingressar no grupo deve ser através de convite, assim cada grupo apresentará uma regra/norma peculiar a outro grupo, como poderemos ver agora nas explicações individuais de cada grupo.

GRUPO 1 – SOCIEDADE THALIA

Esse grupo já existe há mais de 40 anos, e atualmente é constituído por aproximadamente 38 integrantes, segundo relato de veteranos, formado desde o ano de 1956, ou seja, aproximadamente 48 anos. Através da entrevista com os veteranos do basquetebol, o Thalia foi o nascedouro da *pelada*⁶. Esse fato fica evidenciado no depoimento de Arnaldo Baptista Ramos:

Então esse foi o primeiro time de pelada, dali passamos do Thalia para o SESC, o Thalia foi fazer a piscina, ficamos um ano lá, mas lá era difícil de jogar, e depois em 62 viemos para cá, no Círculo, o Oscarzinho veio de Londrina pra ser técnico do Círculo e arrumou pra gente vir pra cá. Em 62 viemos pra cá, estamos até hoje, fazem 43 anos...⁷

Os treinamentos do Clube Thalia se dá às terças e quintas-feiras, das 19 horas às 20 horas e 30 minutos, sede Centro, na Rua Comendador Araújo, 338. Segundo os professores da equipe, o grupo conta com 38 atletas, mas

⁶ Pelada: termo utilizado para denominar o basquetebol adulto praticado em clubes de Curitiba, na década de 60, pois naquela época o basquetebol estava se desenvolvendo, ainda não se caracterizava como uma prática técnica, e sim como um lazer.

⁷ Entrevista cedida pelo veterano de basquetebol Arnaldo Baptista Ramos, Curitiba, 19 de abril de 2005.

tem um grupo fixo de 20 atletas, esses estão no grupo há mais de dez anos, alguns desde a sua existência. Os demais integrantes nem sempre estabelecem vínculo social ou de amizade e caracterizam a parte da rotatividade do grupo, é essa renovação que também vai garantir a existência do grupo.

Através das observações do grupo, podemos dizer que todos os integrantes têm uma profissão, poucos são aposentados, e outros são aposentados mas ainda exercem atividades profissionais, por diversos motivos. A idade dos integrantes fica entre 35 e 68 anos de idade, mas a maioria é de idade média entre 35 e 50 anos, o que caracteriza o grupo com a média de idade mais baixa dos clubes de Curitiba. As diferenças dos integrantes caracteriza o grupo como heterogêneo, em relação à capital cultural, social e econômico. Porém no que se refere a hábitos de lazer, o grupo demonstra-se homogêneo, pois todos têm o mesmo objetivo, a prática do basquetebol como atividade principal, sendo esse o principal motivo da união do grupo. Quase todos os integrantes têm uma carga horária semanal de trabalho, e como atividades de entretenimento a televisão, leitura e academia. Existem ainda alguns integrantes que praticam basquetebol em outra instituição, e essa é uma prática muito comum entre os participantes do basquetebol veterano de Curitiba, pois alguns veteranos são sócios de mais de um clube, e acabam treinando nos dois clubes, podendo escolher por qual das instituições vai disputar campeonatos.

Esse é o único grupo de veteranos de Curitiba que tem um professor que organiza as equipes nos treinos e campeonatos, dessa forma as equipes são mais equilibradas e oferecem maior competitividade, fazendo o rodízio entre si. O professor ainda divulga os torneios, convida os atletas, forma as equipes e faz a inscrição.

Durante os treinamentos, as equipes são formadas de forma equilibrada para que haja a competição, como se pode ver na foto a seguir, apesar da maioria do grupo não participar dos torneios, os veteranos exercem atitudes competitivas, até como forma de motivação da atividade, que caracteriza-se como sendo de lazer, mas não deixa de exercer caráter mimético. Essa

característica do grupo fica bem visível na fala do veterano Washington Abreu⁸, durante o *treino* na Sociedade Thalia, quando perguntado sobre a participação do grupo em torneios/campeonatos:

Não, a maioria das pessoas participam dos treinos e a minoria participa dos torneios, aqui no Thalia vem sempre uns 20 caras jogar, mas no torneio vai uns 10, nem isso, e lá na Duque é bem parecido...Eu acho que quando é o clube...o pessoal participa, mas quando é torneio da Associação eles participam menos.



Foto do treino na Sociedade Thalia – dia16/08/2005

Há atletas veteranos de basquetebol que participam dos *treinos*, porém não participam dos torneios, pois buscam objetivos diferenciados em relação à competição; como fica evidente no depoimento dos atletas Eliseu

⁸ Entrevista cedida pelo atleta veterano Washington M. Abreu, 59 anos, durante o treino da Sociedade Thalia, no dia 29 de março de 2005, porém é um dos muitos veteranos de Curitiba que treina em dois clubes. Realiza os treinos terças e quintas na Thalia, e treina quartas e sábados na Duque de Caxias. Empresário de Curitiba, tem como formação profissional engenharia, um dos elos de ligação com o grupo da Duque, mas atua no mercado de informática.

Mello(entrevistado no dia 21/09/04) e Pierre Marie(entrevistado no dia 31/03/05), atletas da Sociedade Thalia, quando perguntados porquê da não participação nesses torneios:

Não é que eu não gosto, é mais duro, daí o pessoal começa a cobrar muito, e eu não gosto de cobrança, eu gosto mais de participar e tal...a gente não atinge o objetivo ideal que a turma quer, que corra e faça cesta... (Eliseu Mello).⁹

Sim já participei, mas agora sou contra. Aqui no Thalia tem muita gente que é competitivo, e faz falta intencional nos outros, eu não concordo com isso. Eu sempre reclamei muito, tem pessoas que não sabem perder, nem no par ou ímpar, o Ubiratan era assim. Eu acho que já fui assim, mas agora eu mudei minha escala de valores.(Pierre Marie).¹⁰

Os relatos dos veteranos de basquetebol vem desvendar os objetivos buscados por atletas, bem como as emoções que sentem durante a prática do esporte em treinos e torneios. Podemos remeter as emoções dos veteranos do basquetebol como sendo atividades de lazer da sociedade moderna, que buscam a excitação. Por Elias e Dunning ¹¹:

A agradável excitação-prazer que as pessoas procuram nas suas horas de lazer, representa assim, ao mesmo tempo, o complemento e a antítese da tendência habitual perante a banalidade das valências emocionais que se deparam nas premeditadas rotinas {racionais} da vida; enquanto a estrutura das próprias organizações e das instituições miméticas representa a antítese e o complemento das rotinas formalmente impessoais e das instituições orientadas para o trabalho, que deixam pouco espaço às emoções apaixonadas ou às oscilações de disposição. Como um complemento ao mundo premeditado, às atividades altamente impessoais orientadas para o trabalho, as instituições de lazer, quer sejam teatros, concertos, corridas ou jogos de críquete, não são mais do que formas de representação de um mundo de fantasia {irreal}. A esfera mimética constitui uma parte distinta e integral da {realidade} social.

No depoimento do veterano José Cândido Muricy, atleta do Círculo Militar e do Clube Galícia, fica clara essa relação das emoções e da memória:

⁹ Entrevista cedida pelo atleta Eliseu Leandro de Mello, 64 anos, aposentado, e veterano da Sociedade Thalia, entrevistado após o treino no dia 21 de setembro de 2004.

¹⁰ Entrevista cedida por Pierre Jacques Marie, 55 anos, atleta da Sociedade Thalia, entrevista realizada no dia 31 de março de 2005, durante o horário de treino.

¹¹ Elias, Norbert; Dunning, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 115-116.

Eu joguei basquete aproximadamente 17 anos, comecei aos 10 anos de idade e encerrei minha carreira aos 27 anos, eu já era médico e não tinha mais tempo para jogar, mas eu participei das equipes como o Círculo, Thalia, Curitibano, Faculdade de Medicina que tinha uma equipe maravilhosa, fui seleção paranaense universitária, juvenil e adulta. Eu nunca parei de jogar basquete. Já participei de torneios nacionais naturalmente, e como veterano defendendo o Paraná e torneios internacionais, participei dos dois últimos. Eu acho que no basquete tenho uma liberdade muito grande, eu ainda trabalho muito, e é uma atividade muito estressante, tanto empresarial como profissional médica, e eu sempre digo para os meus amigos que quando eu estou jogando eu me sinto jovem novamente, eu esqueço da vida, das coisas sérias, procuro então me concentrar só no esporte, eu me liberto também, acho que isso aí faz um bem.¹²

Eventualmente ocorrem discussões em torno de lances do jogo, mas quando acabam os treinos/jogos todos são amigos, ninguém lembra o placar dos jogos ou fica se culpando quando a equipe perde. Essa observação referente ao comportamento competitivo do grupo, aparece no depoimento do atleta Edmo Antônio, mais conhecido por Ximu, da Sociedade Thalia, quando perguntado sobre o que sente durante um jogo/treino:

Eu jogo pra correr nos treinos, eu gosto de marcação, minha base foi muito de marcação. Se eu pegar um time que não marca eu reclamo. No meu time eu cobro mais no aspecto de defesa, não deveria ser tanto, mas sei lá. Nos torneios eu acho legal pra brincar, defender e conversar nos jogos. Eu não sei como pode mas tem pessoas que reclamam o tempo todo nos jogos, e não sabem que isso desestrutura seu time, e basquete veterano é isso, conversar sem brigar. O cara que é fair-play aproveita muito mais, e é esse que eu respeito, erra e volta a acertar, e não fica brigando. Eu não ligo quando tem alguém brigando ou reclamando, eu faço de conta que entra por um ouvido e sai pelo outro.¹³

Muitos dos integrantes do grupo já construíram laços de amizade, e essas amizades acabam por envolver as famílias, e isso torna possível as viagens, festas e encontros não formais. Os integrantes relatam os principais objetivos que são: manter a forma física, saúde, lazer, liberar o estresse, sair da rotina, esquecer dos problemas e manter ou formar as amizades. Esses objetivos ficam evidenciados na entrevista do veterano Pierre Marie, da

¹² Entrevista cedida pelo atleta veterano José Cândido Muricy, 61 anos, médico e empresário de Curitiba, durante o Torneio Mayr Facci em Ponta Grossa, no dia 01 de maio de 2004, também treina em dois clubes, no Círculo Militar e no Clube Galícia, que tem sua sede na casa do entrevistado.

¹³ Entrevista cedida pelo atleta adulto/veterano Edmo Antônio, mais conhecido como Ximu, 37 anos, engenheiro em telecomunicações em Curitiba. Realizada no dia 31 de março de 2005, em horário de treino, na Sociedade Thalia.

Sociedade Thalia, quando perguntado sobre os benefícios que o basquetebol pode oferecer: “No basquete você consegue desligar dos problemas. Mas o principal é a atividade física, é o dia que eu chego em casa, tomo uma jarra de suco e durmo bem, melhor que os outros dias. Me sinto bem, bem...o pessoal é legal, mas nos últimos cinco anos mudou bastante o grupo.”¹⁴

Sobrevivência/Rotatividade/Regulamento

O aspecto mais importante para manter a existência do grupo é a rotatividade dos integrantes, havendo algum motivo que impeça um integrante continuar no grupo, outro toma seu lugar e vai ficando de forma fixa. No grupo do Thalia existem aproximadamente 20 atletas fixos, e são eles que dão sustentação ao grupo, pois são elementos do grupo que dão a continuidade a essa prática esportiva dentro da representação social a qual pertencem. Existem duas formas de ingressar no grupo, ou é associando-se ao clube, ou sendo convidado a filiar-se ao grupo na forma de sócio-atleta, na primeira forma deve-se adquirir um título do clube e pagar uma manutenção mensal, na outra forma o convidado faz sua inscrição como sócio-atleta, e paga uma mensalidade correspondente a sua participação no clube. Essa abertura, proporcionar a participação do sócio-atleta acaba por beneficiar o clube, pois dessa forma o clube pode oferecer essa atividade aos sócios e mantém o sócio-atleta como um sócio em potencial.

O que deixa bem caracterizada essa prática como sendo de lazer, é a flexibilidade das regras, elas são adaptadas às necessidades do grupo, e servem para organizar a prática e também como adaptação às regras, pois em torneios e campeonatos as regras devem ser seguidas. Para alguns integrantes a participação no grupo é uma forma indispensável de fazer parte do grupo, para outros além de fazer parte do grupo, existe o objetivo da competição. Portanto as regras devem estar presentes para regulamentar a prática, como decorre a análise de Elias e Dunning:

¹⁴ Entrevista cedida por Pierre Jacques Marie, 55 anos, atleta da Sociedade Thalia, entrevista realizada no dia 31 de março de 2005, durante o horário de treino.

No decurso do século XX, as competições físicas, na forma altamente regulamentada a que chamamos *desporto* chegaram a assumir-se como representação simbólica da forma não violenta e não militar de competição entre Estados, e não nos devemos esquecer de que o desporto foi, desde o primeiro momento, e continua a ser, uma competição de esforços dos seres humanos que exclui, tanto quanto possível, ações violentas que possam provocar agressões sérias nos competidores.¹⁵

Todos zelam pela organização do grupo, por isso não há arbitragem durante os treinamentos, como se pode ver na foto a seguir, o veterano que pedir a falta cobra lateral ou lance-livre, mesmo para pedido de bola fora e assim por diante, cada um é responsável por administrar as regras. Essa flexibilidade pode proporcionar algumas discussões, mas prevalece a argumentação de quem pediu e segue o jogo, há uma certa competição durante as partidas, mas assim que o jogo encerra acabam a disputa e as discussões.

¹⁵ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p.45. De modo geral, podemos dizer que a sociedade do passado possuía um limiar de violência mais baixo do que a sociedade moderna, portanto sempre foi importante o estabelecimento da regulamentação dos jogos.



Foto do treino na Sociedade Thalia – dia 16/08/2005

Nesse grupo todos os integrantes cumprem seu papel e têm como principais objetivos a prática da atividade física, integração, saúde e lazer, sempre num clima familiar e de descontração, como fala o integrante Narsen Paulo Castro, da Sociedade Thalia: *“Veja bem, eu acho que o nosso grupo primeiro é um grupo de amigos, então a nossa opinião é que se formem reuniões saudáveis, organizadas e nós fazemos nossas peladas que servem como treinamento.”*¹⁶

Nesse grupo fica claro o objetivo de prática de lazer nos treinamentos, pois os integrantes têm plena consciência de que o basquetebol veterano tem objetivos diferenciados do basquetebol profissional, mas ainda existe a busca pela vitória, por emoções miméticas, pode não ficar tão evidente mas faz parte dos treinos e dos torneios. O desporto enquanto prática de lazer, pode ser considerado como um descontrolado das emoções controladas que conduzem à

¹⁶ Entrevista cedida pelo atleta veterano Narsen Paulo Castro, 66 anos, dentista e empresário de Curitiba. Entrevista gravada durante a realização do Torneio Mayr Facci em Ponta Grossa, no dia 01 de maio de 2004. O atleta Narsen treina na Sociedade Thalia, no Círculo Militar e no Clube Galícia. Atualmente representa o Clube Galícia em torneios por equipes.

uma excitação crescente, principalmente durante uma partida de basquetebol veterano, onde os participantes buscam resolver suas tensões, que podem ser adquiridas durante sua rotina de trabalho ou família. Ficam claro os objetivos, no depoimento do veterano Roberto Boylos, mais conhecido como Pardal, veterano na Sociedade Thalia e no Clube Duque de Caxias, quando perguntado o que o mantém no grupo:

O que mantém é a amizade, aliado a parte do estresse, e encontrar os amigos que participaram e têm o espírito de basqueteiro, e eles mantêm esse espírito sempre jovem, parece criança. Eu já fiz coisas dentro da quadra que eu nem acredito, mas a gente vai amadurecendo...às vezes briga, mas sai da quadra e esquece tudo, apesar que tem gente que leva para o lado pessoal. Acho que pela competição a pessoa perde a razão.¹⁷

As tensões miméticas das atividades de lazer proporcionam aos indivíduos uma vasta possibilidade de escolha, uma ou outra pode ser adaptada às necessidades emocionais e afetivas, comportamentos e constituição física. As atividades de lazer podem proporcionar de forma mimética outros sentimentos, como alegria, ódio, amor, amizade, entre outros, conforme referencial de Elias e Dunning.¹⁸ Diante dessa explicação de viés sociológico do lazer, podemos entender melhor a escolha do grupo por essa atividade, de acordo com suas preferências, capacidades técnicas e laços de amizade formados nos encontros de basquetebol, essa relação fica evidente no depoimento do veterano da Sociedade Thalia, César Antônio Szczesniack:

Hoje eu acho muito pelo lazer, porque eu adoro jogar basquete, correr, suar, atividade física realmente, física e mental é um relaxamento assim fora de série, e...o campeonato evidentemente é sempre bom pra você ver como está indo a habilidade, em relação aos outros, o nível técnico, o campeonato é muito interessante.¹⁹

¹⁷ Entrevista cedida pelo veterano Roberto Boylos, 52 anos, durante seu horário de treino na Sociedade Thalia, porém esse atleta treina no Clube Duque de Caxias também. Entrevista realizada no dia 19 de abril de 2005.

¹⁸ Elias, Norbert; Dunning, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 73.

¹⁹ Entrevista cedida pelo atleta veterano César Antônio Szczesniack, 52 anos, representante comercial, com formação em engenharia. César treina apenas na Sociedade Thalia, mas constantemente é convidado para disputar campeonatos pela Seleção Paranaense, e até mesmo por outros clubes de Curitiba. Entrevista realizada durante o Torneio Mayr Facci, dia 01 de maio de 2004, ocasião em que o atleta disputou o Torneio pela equipe Duque/Thalia, e fez questão de ficar com a medalha de primeiro lugar, que sua equipe conquistou na categoria.

Além de todo componente social nas relações entre os agentes do basquetebol veteranos de Curitiba, existe o componente emoção, que refere-se à prática do esporte em busca de emoções miméticas, as quais exercem papel catalisador das tensões adquiridas na rotina, além de remeter o veterano às sensações de poder no jogo e auto-afirmação através de sua posição em jogadas e conversão de pontos para sua equipe, ou seja, exercer papel significativo no grupo. Essa análise pode ser referenciada no texto de Elias e Dunning:

De fato, o despertar de excitação de tipo específico é o fulcro de todas as atividades miméticas de lazer. Fora do contexto mimético, o público despertar de intensa excitação e a manifestação de um comportamento excitado são controlados, de um modo geral, de forma severa; são limitados pela própria consciência, desde que não exceda certos limites. Pode-se experimentar ódio e o desejo de matar, derrotar adversários e humilhar inimigos. Em resumo, pode tolerar-se, até certo ponto, o despertar de fortes sentimentos de grande variedade de tipos em sociedades que, de outra forma, impõem às pessoas uma vida de rotinas relativamente harmoniosa e sem emoção, e que exige um nível elevado e grande regularidade de controles emocionais em todas as relações humanas.²⁰

Ainda no campo de estudos das emoções podemos dizer que constantemente acontece o confinamento aos componentes comportamentais e fisiológicos; o componente sensível é freqüentemente apresentado como uma “forma de expressão das emoções”. O termo emoção é usado com dois significados diferentes, um amplo e outro restrito. No sentido amplo, o termo emoção é aplicado às reações que envolvem o organismo todos em seus aspectos somático, sensível e comportamental, como no caso do medo. No sentido restrito, emoção é representativa de uma auto-imagem humana; de qualquer modo, não se pode perder de vista que o componente sensível prepara uma pessoa para uma ação. Para Elias, é necessário reorientar o estudo das emoções humanas de tal maneira que seus aspectos não venham a ser estudados isoladamente, ou seja, sem referência aos seres humanos como estrutura na qual medo, alegria e outras emoções têm seu lugar e sua função. Podemos dizer ainda, que as emoções são uma mescla de um padrão

²⁰ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p.184

geneticamente fixado e do processo social de aprendizagem, com componentes comportamentais, fisiológicos e sensíveis, sendo estes últimos indispensáveis. As emoções são humanas e não apenas respostas a estímulos (manifestações) ou decorrências prováveis de similaridades com outras espécies (padrões).²¹

O próximo grupo que iremos descrever, é o único grupo que se mantém original desde a sua formação há 30 anos, é o grupo do Clube Duque de Caxias, antes chamado de Rua México. Caracteriza-se como grupo pela forma como os integrantes reuniram-se e mantém-se nessa mesma estrutura até hoje, apesar da mudança de local de treinamentos.

GRUPO 2 – CLUBE DUQUE DE CAXIAS E RUA MÉXICO

Esse grupo de basquetebol veterano de Curitiba já existe há 30 anos, teve sua fundação em 1975, e é o único grupo que tem sua formação original desde sua fundação. Nasceu do encontro casual de uma fatalidade, durante o velório de um atleta de basquetebol, chamado de *polaco* Selinski. Esse acontecimento acabou por reunir vários atletas de basquetebol que reencontraram-se após muitos anos sem se ver e marcaram um jogo para marcar essa volta às quadras. Essa história é lembrada por dois dos atletas fundadores do grupo Nestor Malvezzi²² e Mansueto Grando²³:

Nós nos encontramos no velório do *polaco* Selinski, e conversa que conversa, todos afinados com basquete, até que resolvemos fazer uma partida da família Kozak contra o grupo do dentista, seus irmãos e amigos, daí começou o jogo. Ali na quadra do Asinelli, Renato Asinelli, irmão da Denise, que joga vôlei. A Denise é casada com o Mattar, jogou aqui, jogou no Curitibano...(Mansueto)

²¹ GEBARA, Ademir. **Lazer e Ciências Sociais: diálogos pertinentes**. Organizadora: Heloísa Turini Bruhns, São Paulo: Chronos, 2002, p.83. Coleção Lazer, esporte & sociedade.

²² Entrevista cedida pelo atleta veterano de basquetebol Nestor Aparecido Malvezzi, 64 anos, advogado, do Clube Duque de Caxias, antes Rua México, no dia 09 de abril de 2005.

²³ Entrevista cedida pelo atleta veterano de basquetebol Mansueto Grando, 60 anos, médico veterinário, atuante do Clube Duque de Caxias, no dia 09 de abril de 2005.

Isso há 30 anos...30 anos juntos, foi em setembro de 1975, esse ano nós estamos fazendo 30 anos, acho que é setembro...nem sei, na primavera, primavera, 30 anos atrás. Numa quadra externa, limitada, no quintal da casa dele, na Avenida Nossa Senhora da Luz, perto daquele posto desativado. (Nestor)

Depois, quando perguntados por quanto tempo permaneceram nesse local, responde Mansueto Grando: “lh...mais ou menos 13 anos, é 13 anos, mas a quadra era externa, a tabela vivia estragando, e a quadra era meia inclinada, ela tinha os cantos, mas terminava na cerca, daí então nós viemos para a casa do Nestor, a quadra oficial, tabela melhor...isso 13 anos depois”.²⁴

Então após treze anos na quadra do Asinelli, o veterano Nestor constrói uma casa nova na Rua México, em Curitiba e acaba por construir uma quadra em anexo, para que o grupo tivesse continuidade numa quadra melhor. Na Rua México, o grupo ficou até 2002 e por esse nome são identificados até hoje. Então jogaram lá durante 14 anos, disputaram campeonatos e têm seus uniformes com nome de Rua México. Mas com o passar do tempo, o grupo achou que estava tirando a privacidade do Nestor e de sua família, então resolveu associar seus treinos em um clube de Curitiba, e durante uma conversa viu-se que a maioria dos veteranos eram associados do Clube Duque de Caxias. Por esse motivo resolveram treinar em um dos ginásios do clube, o que facilitou muito, pois não há mais problemas de intempéries. Houve ainda negociação com o Clube Duque, pois nem todos os veteranos são associados, portanto o clube abriu exceções para não-sócios, que caracterizam-se por sócios-atletas, assim como existe na Sociedade Thalia. O grupo trocou seu local de treino para o clube há mais de dois anos e em setembro ou na primavera de 2005 completa 30 anos de existência, segundo os integrantes fundadores do grupo.

A rotina do Clube Duque de Caxias se dá nas quartas e sábados, quarta após às oito da noite e sábado à partir das quatro horas da tarde. Atualmente o grupo conta com 18 atletas fixos, e mais cinco rotativos, até porque a atividade é ofertada aos associados, que nem sempre são veteranos do basquetebol.

²⁴ Idem.

Existem no grupo os fundadores, atletas que uniram-se depois, mais os associados, que são rotativos, como conta o veterano Mansueto Grando:

Fixo no grupo têm 18, mas têm 23 ou 24, mas fixo têm 18. Todo sábado. Washington veio depois, fixo tem eu, o Nestor, Pardal, João, Danilo, o Ricardo, o Roberto, Miguel, Moacir veio do Nestor, Roberto é daqui, Gaúcho. E evidentemente começou essa afinidade do grupo, ficamos juntos, temos todo mês uma festinha, a gente se reúne, temos uma caixinha, e a gente se reúne para cultivar a amizade. E no final do ano temos uma festa grande para a família, mas a mensal é só para o grupo.²⁵

Durante as observações do grupo, podemos dizer que a maioria dos atletas veteranos têm uma profissão, e quem é aposentado acaba por trabalhar para não ficar sem atividade profissional e suplementar a renda familiar. A idade dos integrantes fica entre 25 e 70 anos de idade, o que caracteriza esse grupo com média de idade semelhante ao grupo da Sociedade Thalia. Esse grupo possui maior número de veteranos com idade superior aos 60 anos de idade do que o grupo da Sociedade Thalia. As diferenças sociais, econômicas e culturais caracterizam o grupo como heterogêneo, porém ao que se refere à prática de atividade de lazer o grupo caracteriza-se como homogêneo, pois o basquetebol é a atividade de lazer que reúne o grupo. Existem alguns integrantes que jogam basquetebol no Clube Duque e no Thalia, ou seja, um grande número de atletas, pois como os dias de treinos não coincidem os atletas podem fazer parte dos dois grupos.

Nesse grupo não existe um professor para organizar a atividade, porém tem um veterano que assumiu a função de líder do grupo, por assim dizer, que faz a lista de chegada dos veteranos e organiza as equipes de forma equilibrada. O veterano e “líder” do grupo é o Danilo Scalet, é também um dos fundadores do grupo, ainda ajuda a organizar as atividades e confraternizações, como ele mesmo fala em sua entrevista:

Sim, eu cuido da confraternização, da caixinha...e eu que faço a divisão dos times. Parece bobagem, mas dava muita confusão, demorava, as pessoas brigavam...e há 20 anos atrás a gente montou uma regra muito bem definida, que é a sequência das pessoas que chegam, então é assim: se você montou

²⁵ Idem.

os times, e acabou a partida e a pessoa chegou depois, essa pessoa não entra na próxima, pode chegar um segundo depois, não interessa, antes a gente abria exceções, mas hoje é uma regra bem definida, e ninguém reclama, pois a regra é muito bem definida.²⁶

O grupo do Clube Duque de Caxias assim como da Sociedade Thalia, tem o objetivo de competição e alguns veteranos somente de prática de lazer, como fica claro na fala do veterano Danilo Scalet:²⁷

O principal objetivo é a confraternização, um grupo de amigos que jogam juntos, não é objetivo competitivo, mas é diversão, e participa de campeonatos também. Eu prefiro os campeonatos que o grupo participa junto, tem os campeonatos da Associação que joga tudo junto, mas eu não gosto, prefiro o da praia...o pessoal já se conhece e tal...mas o objetivo principal é a confraternização, poder ter um grupo e faça algo que todo mundo goste, as pessoas em comum gostam, jogar basquete e tomar uma cervejinha depois. No fundo é um grupo que já se conhece há muito tempo, e acaba se divertindo junto, o basquete é o instrumento de diversão em comum.

Através da entrevista do veterano de basquetebol Danilo, do Clube Duque de Caxias, podemos fazer a seguinte análise; existem grupos distintos dentro de cada grupo. Existe o grupo que tem o objetivo da competição, e o grupo da atividade de lazer, que treina somente para fazer atividade física regular e sentir-se pertencente ao grupo social. Podemos notar claramente na entrevista do veterano do Thalia, Pierre Jacques Marie, quando perguntado sobre seu objetivo no grupo:

Isso eu acho interessante...interessante...eu acho que o pessoal que joga basquete pode ser dividido em dois grandes grupos, aqueles que fazem atividade física para se manter, exercitar...e aqueles que vêm pra jogar, competir e jogar. E eu não sei porque eu migrei de um grupo pra outro, faz tempinho que eu venho só pra participar dos treinos. Eu era muito competitivo, e agora não participo mais, até sou sócio da Associação, mas não participo dos torneios, eu até ia jogar um torneio esse ano que o Marcelo me convidou, mas eu viajei bem na época, e não pude. Talvez porque eu me considero muito lento...sei lá, mas eu não sinto vontade. São sempre os mesmos, tem gente que joga igual desde o juvenil, tem um atleta que joga no Círculo que nós não nos damos muito bem, eu jogava no Curitibano e ele no Thalia e até hoje ele

²⁶ Entrevista cedida pelo atleta de basquetebol veterano Danilo Scalet, 50 anos de idade, formado em engenharia, mas atuante no ramo da informática. Treina no Clube Duque de Caxias, e é um dos fundadores do grupo desde a quadra no Asinelli, tem a principal função de organizar o grupo nas atividades, participa do grupo há 27 anos.

²⁷ Idem.

joga do mesmo jeito, então se eu jogar com ele vai dar confusão, então eu prefiro não jogar. Aqui no Thalia a maioria joga de forma competitiva, eu perdi toda a vontade de jogar, talvez pelo medo de lesão, uma vez eu perdi meus dentes da frente. Daí uma vez eu parei de jogar basquete e comecei a jogar tênis, mas lá eu fazia aula...até competia, mas parei de jogar tênis porque eu comecei a melhorar o nível e comecei a exigir muito de mim. Foi uma experiência legal, eu coloquei na cabeça que ia parar no basquete, mas não agüentei e depois de um ano voltei.²⁸

Veja o que diz o atleta Carlos Alberto Carvalho, da Sociedade Thalia, quando perguntado sobre os torneios:

Eu já fui assim competitivo, mas agora o meu objetivo mudou, mas de vez em quando eu tenho vontade. Eu tenho dois modos de jogar, um é lazer e o outro é competitivo. Eu aprendi jogar com esquema de jogadas, eu não sei jogar sem esquema, e aqui no veterano não tem isso, então eu não consigo.²⁹

Assim como já descrevemos no grupo de veteranos do Thalia, no grupo do Clube Duque de Caxias também existem veteranos que constituíram laços de amizade, e até mesmo de convivência familiar, chegam a viajar juntos nas férias de final de ano, freqüentam a casa um do outro, enfim, uma amizade duradoura. A maioria, mesmo que apresente objetivo competitivo, ainda assim se apresenta como um agente social que acaba por demonstrar a importância do basquetebol em sua vida como constituição de grupo social e de lazer. Para Elias e Dunning(1992), fica clara a relação de lazer e convivência social, e não apenas como ocupação do tempo livre, mas sim como uma relação de prazer: “A satisfação do lazer – ou a falta desta – pode ser da maior importância para o bem-estar das pessoas enquanto indivíduos ou sociedades, mais do que nos permitiria crer o valor relativamente inferior que até agora se associa ao lazer.”³⁰

Os veteranos que buscam as emoções em suas práticas, ultrapassam os limites apenas do lazer por prazer, e acabam por buscar as emoções

²⁸ Entrevista cedida pelo atleta veterano Pierre Jacques Marie, 55 anos, da Sociedade Thalia, dia 31 de março de 2005. Atua profissionalmente na área da indústria madeireira, e participa do Thalia há mais ou menos dez anos. Já foi bem competitivo, mas atualmente não participa dos torneios e campeonatos pois acha que perdeu a motivação.

²⁹ Entrevista cedida pelo atleta veterano Carlos Alberto Carvalho, 57 anos, no dia 19 de abril de 2005. Além dos treinamentos na Sociedade Thalia, pratica corridas rústicas, atualmente prefere as corridas ao basquete, por ser uma atividade de resultado individual.

³⁰ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Difel: Lisboa, 1992, p. 106.

miméticas, que saem da rotina, e proporcionam situações com um pouco de perigo e tomada de atitudes, como explica o texto de Elias e Dunning:

As atividades de lazer são uma categoria de atividades em que a restrição rotineira de emoções pode, até certo ponto, ser publicamente reduzida e com aprovação social, mais do que qualquer outra. Neste caso, um indivíduo pode encontrar oportunidades para um intenso despertar de agradáveis emoções de nível médio sem perigo para si próprio, que se trate de um indivíduo de sexo masculino ou feminino, e sem perigo ou risco persistente para outros, visto que noutras esferas das atividades da vida, acompanhadas por sentimentos fortes e intensos, tão pouco comprometem o indivíduo para além do momento do intenso despertar ou o levam a incorrer em graves perigos e riscos – se não estão todos bloqueados pela subordinação rotineira dos sentimentos pessoais imediatos e objetivos exteriores a si próprio. Nas atividades de lazer, a consideração de si próprio e, em especial, da sua satisfação sob uma forma mais ou menos pública e, ao mesmo tempo, socialmente aprovada, pode ter prioridade sobre todas as outras.³¹

Essas emoções a que nos referimos são as chamadas de miméticas, segundo Elias e Dunning, isso significa que:

Os sentimentos dinamizados numa situação imaginária de uma atividade humana de lazer têm afinidades com os que são desencadeados em situações reais da vida – é isso que a expressão mimética indica -, mas o último está associado aos riscos e perigos sem fim da frágil vida humana, enquanto o primeiro sustenta, momentaneamente, o fardo de riscos e de ameaças, grandes e pequenas, que rodeia a existência humana.³²

Essa relação da busca das emoções, nos jogos, fica clara nos depoimentos³³ dos atletas José Cândido Muricy e César Szczesniack, durante a realização do Torneio Mayr Facci, quando perguntados sobre quais os sentimentos durante a realização dos jogos:

Naturalmente nesses torneios ninguém quer perder, às vezes a gente extrapola um pouquinho, briga ou enfim, chama a atenção de árbitro, mas enfim isso faz parte do meu temperamento, eu por exemplo sempre fui assim, tem companheiros nossos que também são, eu acho isso ...natural, afinal o que nós queremos além da prática do esporte, é ganhar aquela medalhinha dourada! (Muricy)

³¹ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Difel: Lisboa, 1992, p. 150.

³² Id. p.71.

³³ Entrevistas cedidas pelos veteranos José Cândido Muricy, que representou o Clube Galícia, e César Antônio Szczesniack, que representou o Clube Duque de Caxias. Entrevistas realizadas no dia 01 de maio de 2004, Ponta Grossa – Paraná, durante a realização do Torneio Mayr Facci.

O que eu sinto...é que desliga tudo, desliga totalmente da tua vida, da realidade e se concentra só no basquete, intensifica bastante, é uma coisa que faz bem pra mim, eu acho que se eu não jogasse basquete eu seria uma pessoa mais triste...é uma coisa boa, uma coisa gostosa realmente, é...emoção fazer uma cesta, uma cesta bonita, uma assistência, um passe legal, é uma emoção muito forte.(César)

Fica claro também, no depoimento do atleta veterano Washington M. Abreu, praticante dos Clube Duque e Thalia: *"Sim, eu acho que sou importante, é sinto emoção...eu quero ganhar, não gosto de errar uma bola que arremessei, eu fico frustrado...no jogo é diferente...às vezes no treino o cara joga muito, e no jogo mesmo não joga nada"*.³⁴

Sobrevivência/Rotatividade/Regulamento

Nesse grupo há rotatividade de atletas, porém é o único grupo de Curitiba que consegue manter sua formação original enquanto grupo, o que queremos dizer com isso é que foi formado em uma situação peculiar, trocou de local de treinos e manteve os fundadores do grupo em sua formação desde a fundação. Apesar de ter havido pequenas mudanças no grupo, como a inclusão de novos integrantes, a base se mantém, e é essa rotatividade que ajuda o grupo ter continuidade e motivação, pois como diz o fundador, Mansueto Grando, são os mais novos que dão ritmo ao treino: "Eu acho que dentro da idade, sim. Aqui é interessante, é jogar com os jovens, porque o jovem puxa, pois a tendência do mais velho é se acomodar".³⁵

Existe apenas uma forma de ingressar no grupo da Duque de Caxias, é sendo convidado, ou parente de um veterano pertencente ao grupo, e além, é claro, dos associados que eventualmente aparecem, e outros que comparecem com maior regularidade, mas com o objetivo de lazer e atividade física, e não competitivo. Apesar de haver um grande número de atletas fixos,

³⁴ Entrevista cedida pelo veterano Washington M. Abreu, dia 29 de março de 2005, Curitiba – Paraná.

³⁵ Entrevista cedida pelo veterano Mansueto Grando, dia 09 de abril de 2005, Curitiba – Paraná.

aproximadamente 20, mas por treino dez, existem os atletas rotativos, que representam em torno de cinco a sete por treino. Para tornar-se fixo, o atleta deve adquirir um título do clube, ou pagar manutenção de sócio-atleta, não podendo utilizar todas as dependências do clube. Já o atleta rotativo acaba sendo representado por associados do clube que freqüentam os treinos, mas não fazem parte do grupo em si, existem ainda os filhos dos veteranos, que também representam a parte rotativa do grupo, e acabam por dar sustentação ao grupo.

Assim como no Thalia, existem as regras, porém são flexíveis para adaptar-se às exigências do grupo. Nesse grupo por haver apenas uma quadra disponível para o treino, o que é suficiente, o atleta joga por vez de chegada, portanto o atleta que chegar atrasado, só entra na próxima partida. Como já foi falado anteriormente, existe um líder do grupo, que acaba por organizar todas as atividades do grupo, inclusive as equipes para treinamentos. Todos são responsáveis pela organização e ordem, e eventualmente o atleta que comparece para o treino com diferentes objetivos, que não o do grupo, acaba se excluindo ou sendo excluído, sem que ninguém precise se manifestar, como fala o “líder” Danilo Scalet:

Sim, mas isso acontece com o pessoal mais novo, até entender o ciclo de funcionamento, mas pode observar, o pessoal mais antigo já é diferente, mas isso é discussão sobre pontos de vista. Então no bar, vai discutir sobre futebol, é a mesma coisa. Às vezes chega a molecada e não dá certo, as pessoas que não se encaixam acabam saindo...principalmente o pessoal mais novo, machucava um ou dois, daí a pessoa também se machucava, porque o pessoal acabava revidando, e isso a pessoa acabava sabendo, não que não tivesse uma atitude adequada, mas...não entendia o objetivo do grupo. Aqui o ambiente é muito legal, não pode deixar isso ser contaminado, por isso que é legal manter um grupo, para manter um padrão. Eu estava com medo até de vir pra Duque, que ia quebrar essa coisa, mas não, agente conseguiu manter esse grupo e esse espírito de união. Na casa do Nestor era diferente, pois você estava na casa da pessoa, e aqui na Duque tem os sócios e tem um jeito de funcionar.³⁶

Podemos identificar no depoimento do veterano Danilo Scalet, do Clube Duque de Caxias, que os grupos de veteranos zelam por manter sempre os

³⁶ Entrevista cedida pelo veterano Danilo Scalet, no dia 09 de abril de 2005, Clube Duque de Caxias, Curitiba – Paraná.

mesmos freqüentadores, por assim dizer, pois dessa forma não há necessidade de renovação de lideranças, nem de cativar mais adeptos, e os novos devem se enquadrar na rotina já estabelecida, caso contrário esse integrante acaba por ser excluído do grupo.

Um excelente exemplo de que o basquetebol veterano tem um significado não apenas de lazer, mas de convivência social e amizade está evidenciado nas falas³⁷ dos veteranos Danilo Scalet, Mansueto Grando e Nestor Malvezzi, quando perguntados sobre o significado do basquete para suas vidas:

Tem várias uma palavra,...com significados diferentes, mas acho que a melhor é confraternização, é um momento de confraternização, que você não vai falar do negócio de cada um, você consegue se liberar, discute grandes negócios que a gente deveria ter feito juntos...motivados pelo basquete. É um momento muito importante, eu gosto de ir lá no bar, depois, até hoje eu não vou poder...porque é o complemento, a gente vai lá, o churrasquinho que agente faz...tira fotografia, todo mundo diferente...negócio de 20 anos atrás. São coisas que vão pontuando a sua vida, é muito legal, isso é confraternização, você vive um momento diferente aqui, é uma vida diferente.(Danilo)

Eu te diria, que no início é o jogo, e hoje a gente joga pra se encontrar.(Mansueto)

Amizade. Sem dúvida é a amizade.(Nestor)

O próximo grupo a ser descrito, é o grupo tido como mais antigo, o Clube Círculo Militar do Paraná é um grupo constituído pelos atletas veteranos mais antigos de Curitiba. Existe uma controvérsia entre o ano de origem, entre Círculo e Thalia, e essa história iremos descrever nesse próximo item da pesquisa. Bem como as características e formação do grupo do Círculo Militar do Paraná.

³⁷ Entrevistas cedidas pelos veteranos Danilo Scalet, Mansueto Grando e Nestor Malvezzi, no dia 09 de abril de 2005, Clube Duque de Caxias, Curitiba – Paraná.

GRUPO 3 – CÍRCULO MILITAR DO PARANÁ E CLUBE GALÍCIA

Esse grupo de basquetebol veterano já existe em Curitiba há cerca de 43 anos, desde 1962, com a vinda do veterano Oscar Pimpão para o Círculo Militar, para ser técnico das categorias de base. Atualmente esse grupo é constituído por cerca de 40 atletas veteranos, porém nem todos comparecem aos treinos, há alguns que são fixos e outros rotativos, isso quer dizer, os fixos faltam eventualmente, e os rotativos caracterizam os veteranos que comparecem eventualmente. Esse grupo teve início da reunião de atletas de basquetebol que treinavam no Thalia, e, como posteriormente houve a construção da piscina, o grupo foi jogar no SESC da Esquina. Um ano depois o grupo foi para o Círculo Militar de Curitiba, onde fixou sua sede até os dias de hoje, porém alguns veteranos treinam também em outros clubes, como conta o veterano e um dos fundadores, Arnaldo Baptista Ramos:

Bom...quando eu joguei “aquela partida”, eu fiquei muito conhecido, passados anos, seis anos eu estava mais estabilizado, tinha casa, emprego, então comecei...aí o conhecimento com o Aluísio Pinho naquela época, ele disse vamos fazer uma pelada lá na Thalia, e eu comecei a ir lá de vez em quando...e foi lá que tudo começou, o fundador real da pelada é o Aluísio Pinho, esse foi o fundador, ele gostava, foi diretor de basquete da Thalia, e nós começamos a fazer amizade, eu não conhecia ninguém, e nós jogávamos lá no sábado, às vezes não jogava...domingo de manhã. Depois sim, foi firmando, na época de 60...61, eu sei que chegava pra jogar, e nós escolhíamos o time, quero jogar com você, você e você, quem ganhava ficava, nós jogávamos a manhã inteira, o nosso time ganhava sempre, então nosso time ficou célebre: Joeli, Leônidas, eu é lógico(Arnaldo), Laércio, está vivo ainda, é professor parece, e King, da aeronáutica, faleceu também. Então esse foi o primeiro time de pelada, dali passamos do Thalia para o SESC, o Thalia foi fazer a piscina, ficamos um ano lá, mas lá era difícil de jogar, e depois em 62 viemos para cá, no Círculo, o Oscarzinho veio de Londrina pra ser técnico do Círculo e arrumou pra gente vir pra cá. Em 62 viemos pra cá, estamos até hoje, fazem 43 anos...

³⁸

Antes de continuar a explicação desse grupo, é necessário o porquê da formação Círculo/Galícia, na verdade o Galícia é um clube “particular”, formado

³⁸ Entrevista cedida pelo veterano Arnaldo Baptista Ramos, 76 anos, atleta do Círculo Militar do Paraná. Trecho já citado anteriormente para na íntegra para tratar do surgimento dos veteranos em Curitiba. Citado nesse momento da dissertação para ilustrar a integração dos veteranos e a não fixação em um só local de treinamento.

por veteranos que fazem parte do Círculo Militar, e podemos dizer que são os fundadores. O Galícia foi formado pelo veterano José Cândido Muricy, também presidente da Associação Paranaense de Veteranos do Paraná, pois após construir uma quadra de basquetebol em sua residência, o veterano quis montar uma equipe de “amigos” do basquetebol. Nesse grupo ficam evidenciadas as relações de poder entre o fundador e seus convidados, pois só frequenta esse grupo quem constitui um perfil socialmente enquadrado. Ou seja, deve ter a idade e a posição social adequados ao grupo. Portanto o Galícia constitui um grupo fechado, que atende um público com objetivos específicos. Esse grupo é uma “confraria do basquetebol”, e acabou por estreitar ainda mais os laços de amizade entre esses veteranos, que treinam na quadra em encontros marcados previamente, sem dia fixo; como podemos detectar nos depoimentos dos atletas Narsen Castro e José Muricy, durante a realização do Torneio Mayr Facci, em Ponta Grossa, no qual os dois participaram pela equipe do Galícia:

Atualmente eu jogo pelo Clube Galícia, fundado pelo Muricy, mas eu joguei muito tempo pelo Thalia e Círculo Militar. Atualmente estamos com esse Clube Galícia, eu faço parte como confraria, e faço parte como um dos fundadores, nos torneios eu jogo pelos clubes, em campeonatos, pelo Galícia, mas depende do torneio nós jogamos onde nos chamam. (Narsen)³⁹

Representei o Clube Galícia, que é um clube que eu fundei lá em casa com meus amigos, e esse já é o segundo campeonato que participamos e vencemos. (Muricy)⁴⁰

No Círculo Militar os treinos ocorrem todas as quartas e quintas-feiras à noite, à partir das 20 horas, sábados à tarde e domingos a partir das 9 horas e 30 minutos, na sede Centro do Círculo Militar do Paraná. A maioria dos integrantes ainda trabalha, e outra grande parte do grupo é ou já foi militar e exerce alguma função no clube ligada à função administrativa ou de conselho. Outros são apenas sócios civis, nesse grupo não se aceita sócio-atleta, pois a diretoria do clube não vê vantagens, alguns veteranos podem entrar como convidados, mas por tempo determinado. Nesse grupo a média de idade

³⁹ Entrevista cedida pelo veterano Narsen Paulo Castro, 66 anos, no dia 01 de maio de 2004.

⁴⁰ Entrevista cedida pelo veterano José Cândido Muricy, 61 anos, no dia 01 de maio de 2004.

estabelecida fica em torno de 28 e 70 anos, o que acaba por caracterizar como o grupo com maior média de idade em Curitiba. Até mesmo porque os fundadores do grupo fazem parte, e isso auxilia muito nessa característica peculiar. A maioria dos integrantes exerce atividades profissionais variadas, o que caracteriza o grupo como heterogêneo, também em relação às diferenças culturais, sociais e econômicas, porém o que vai caracterizar o grupo como sendo homogêneo é a união pelo basquetebol. Existem vários veteranos que treinam no Círculo Militar e em outros clubes de Curitiba, pois alguns veteranos são associados em ambos, e os dias de treinos não são coincidentes, o que facilita a prática em vários dias da semana.

Nesse grupo não há nenhum técnico ou professor responsável, há apenas um “líder” veterano, que leva a lista de chegada para ser assinada e organiza as trocas. Como vários veteranos do grupo participam da administração da Associação Paranaense de Veteranos de Basquetebol, a divulgação dos torneios ocorre em forma de comunicados orais dados em treinos. Os veteranos decidem em conjunto em quais, e como irão participar dos torneios e campeonatos.

Durante os treinos nem sempre as equipes são formadas de forma equilibrada, devido à forma como são dispostas, por ordem de chegada, portanto há disputa em todos os jogos, pois “quem ganha fica”, e o objetivo dos veteranos é jogar o maior número de partidas possíveis.

Em relação aos objetivos traçados pelos integrantes do grupo podemos dizer que a maioria dos veteranos têm por objetivo a participação em torneios e campeonatos, ou seja, isso caracteriza esse grupo como o mais competitivo dos demais grupos de Curitiba. Essa relação de análise fica clara nos depoimentos dos veteranos, como por exemplo do veterano Arnaldo Baptista Ramos, quando perguntado sobre as emoções que sente em jogos: “Sinto emoção até hoje, e eu acho que sou bom até hoje. Sempre o que eu fiz na vida eu procurei ser o melhor, se eu não consegui, eu procurei ficar perto do melhor, ser amigo e ter esse espírito”.⁴¹

⁴¹ Entrevista cedida pelo veterano Arnaldo Baptista Ramos, 76 anos, atleta do Círculo Militar de Curitiba, no dia 17 de abril de 2005, Curitiba – Paraná.

Outros veteranos do basquetebol do Círculo têm a mesma fala, quando perguntados sobre o mesmo tema, as emoções em jogos e treinos, como é o caso dos veteranos Glaydon Pinto Medeiros, Otacílio Varella Costa e Bruno Marchesin, em entrevista cedida no Círculo Militar de Curitiba, durante um horário de treino, no dia 17 de abril de 2005, respectivamente:

Sim, sentia emoções sim...eu não gostava de perder, mas não era desses fanáticos que não aceitava perder...⁴² (Glaydon Pinto)

Sim, eu sinto, gosto quando o time está ganhando..."⁴³ (Otacílio Varella).

Claro, claro, eu queria ter 30 anos a menos, meu basquete foi bom, razoavelmente bom, eu nunca fui um craque, mas fui bom. Eu tinha uma boa mão, sentido, aprendi muito em Ponta Grossa com o Mayr".⁴⁴ (Bruno)

As emoções acabam sendo incorporadas na prática dos esportes, mesmo quando os atletas estão em treinamentos, pois no basquetebol veteranos tem uma parte do grupo que não participa de torneios ou campeonatos, então as emoções são sentidas nos treinamentos, e essa relação fica clara no depoimento do veterano do Círculo Militar, Irnério Bruno

⁴² Entrevista cedida pelo ex-veterano de basquetebol Glaydon Pinto Medeiros, 72 anos, no dia 17 de abril de 2005. Atleta do Círculo Militar, atualmente militar reformado, mas atuante na Diretoria do Clube, na área de Recursos Humanos, desde 1993. Conta que em sua formação foi atleta de base de futebol de campo e futsal, e se pudesse teria sido atleta veterano de futebol e não de basquetebol, pois tem maior gosto pela prática do futebol, mas como não encontrou grupo de veteranos dessa modalidade, e os atletas do Círculo Militar fizeram convite para que participasse do basquetebol, e teve afinidade com os integrantes, acabou ficando. Atualmente só pode praticar musculação e natação, devido ao problema de joelhos. Conta que nos últimos anos que participou do basquetebol veteranos, precisava tomar anti-inflamatório para suportar a dor que sentia, mas o prazer que o esporte proporcionava era maior.

⁴³ Entrevista cedida pelo atleta veterano de basquetebol Otacílio Varella Costa, 70 anos, no dia 17 de abril de 2005. Otacílio Varella, é conhecido no meio como Varella, é militar reformado, e mora em Curitiba há 30 anos, mas nasceu no Rio Grande do Sul. Varella é um dos fundadores do grupo, pois jogava na início do grupo, teve que trabalhar em outra cidade e depois voltou.

⁴⁴ Entrevista cedida pelo atleta veterano Irnério Bruno Marchesin, 74 anos, aposentado, mas atuante na área do comércio de Curitiba, como dono de confeitaria, treina no Círculo Militar do Paraná. Nasceu em Gênova na Itália, e veio com os pais para o Brasil, pois o pai foi nascido no Brasil, mas voltou para a Itália. Após a Segunda Guerra Mundial resolveu voltar ao Brasil, e morar em Ponta Grossa, onde já tinha a família constituída. Após cinco anos Bruno veio para Curitiba completar os estudos, e começou sua carreira no basquetebol na categoria universitária, desde então não parou mais, participou dos Jogos Universitários, Abertos, e todos os campeonatos possíveis. Conta que era tão *fominha*, que aos domingos ia passear na Rua XV de Novembro só para encontrar os amigos e marcar um joguinho, pois o tênis e o calção já ficavam no porta-malas do carro.

Marchesin, quando perguntado sobre o significado do basquetebol para sua vida:

O basquete é um dos melhores esportes que existe, e particularmente me ajudou bastante, e me ajudou bastante, na hora que você arremessa e sente aquele *tcham*...você sente uma emoção diferente, até hoje, o prazer de acertar, e aquela ânsia de fazer a cesta, um bonito passe, uma boa assistência, e pra mim o basquete é muito significativo.

Mesmo na vida profissional o basquete me ajudou muito, eu como diretor, nas decisões, eu tenho que tomar uma posição, reações que o basquete me trouxe. Eu assisto hoje a partida de futebol e vejo como falta o basquete ao jogador de futebol, a visão, as jogadas, um corta-luz. Eu assisto muito a NBA, eu sempre digo, você dificilmente pega um jogador de basquete que jogou razoavelmente bem e se deu mal na vida profissional.

Eu lembro uma vez quando fui presidente da Federação de Basquete, e fiz um levantamento das profissões pelo fichário, e fiz um levantamento, um era construtor, outro ministro da fazenda, tudo assim, pois era a nível universitário.

⁴⁵

Ao longo da realização da pesquisa de campo, através das entrevistas, podemos detectar a criação e incorporação de um *habitus*, onde os veteranos do basquetebol acabam por incorporar esse *habitus* em suas vidas, sustentados pelas estruturas sociais, nesse caso os clubes. Como ficou evidenciado no depoimento do veterano Bruno Marchesin, quando disse, já deixava calção e tênis no porta-malas do seu carro, e ao encontrar os amigos, decidiam onde jogar basquetebol.

Diante desse depoimento, podemos analisar que, segundo Bourdieu *habitus* pode ser considerado como um “sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquema geradores...”⁴⁶ Podemos nos utilizar de outros conceitos de *habitus*, para caracterizar esse sistema gerador de comportamentos e rotinas de um agente social, ou um grupo:

[...]entre as estruturas e as práticas, coloca-se o *habitus* enquanto sistema de estruturas interiorizadas e condição de toda objetivação”. O *habitus* constitui a matriz que dá conta da série de reestruturações que passam as diversas modalidades de experiências diacronicamente determinadas dos agentes. O

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Bourdieu, Pierre. Apud Marchi Júnior, Wanderley. **Sacando o Voleibol**. Hucitec: São Paulo, 2004, p.51.

objetivo para análise não se restringe apenas às práticas dos grupos mas incide sobre os princípios de produção de tal *ethos*, a saber, as condições materiais de existência. Nesta direção, todo o problema consiste em captar o processo pelo qual as estruturas produzem os *habitus* tendentes a reproduzi-las, isto é, produzem agentes dotados de um sistema de disposições conducentes a estratégias tendentes por sua vez a reproduzir o sistema das relações entre os grupos e/ou as classes.⁴⁷

Para Bourdieu, *habitus* é um conceito que incorpora enorme potencial gerador, é produzido pela história e, invariavelmente, apresenta dimensões do sistema de esquemas geradores de práticas e de percepções das práticas. Dito de outra forma,

[...]o *habitus* é um produto dos condicionamentos que tende a reproduzir lógica objetiva dos condicionamentos mas introduzindo neles uma transformação; é uma espécie de máquina transformadora que faz com que nós “reproduzamos” as condições sociais de nossa própria produção, mas de uma maneira relativamente imprevisível, de uma maneira tal que não se pode passar simplesmente e mecanicamente do conhecimento das condições de produção ao conhecimento dos produtos.⁴⁸

Além do exemplo de constituição de *habitus*, do veterano Bruno Marchesin; temos ainda o exemplo de outros veteranos que freqüentam os clubes semanalmente, e faltam esporadicamente; isso acaba por constituir um *habitus* de rotina de vida, onde os praticantes cumprem como se fosse uma obrigação. Temos ainda, os veteranos que ao freqüentarem uma loja de materiais esportivos, acabam por adquirir tênis e outros produtos de uma certa marca, que remete ao basquetebol profissional, e isso acaba por constituir um *habitus*.

Sobrevivência/Rotatividade/Regulamento

Esse grupo, assim como os clubes anteriores apresenta um núcleo fixo que garante a sua existência. Existem os integrantes rotativos, que caracterizam os atletas convidados, associados que treinam em mais de uma instituição, e acabam por faltar mais do que os integrantes do núcleo, esses faltam eventualmente, ou por motivos muito sérios; problemas de família, doença, pois para os integrantes do núcleo, o “basquetebol é uma religião”. Essa fala da importância do basquetebol para a vida dos *atletas* veteranos está

⁴⁷ Id. p. 53.

⁴⁸ Id. Ibid.

presente em quase todas as entrevistas, como é o caso do veterano Nilson de Souza Rodrigues, veterano do Círculo Militar do Paraná, entrevistado no dia 17 de abril de 2005, quando se refere à conquista do Campeonato Brasileiro, em João Pessoa, que ficou marcado em sua memória: “Eu venho quarta, quinta e domingo, porque aos sábados eu treino botão. Hoje (domingo) eu estou machucado mas estou aqui. A maior glória está aqui, né Marcelo, foi nosso técnico e nós fomos campeões em João Pessoa.”⁴⁹

Em relação à prática do esporte como busca das emoções, podemos verificar na maioria dos depoimentos dados pelos atletas veteranos do Círculo Militar, que a disputa é a parte motivante dos jogos ou treinos, e irão contrabalançar as tensões vividas na rotina dos atletas. Diante da análise dessa observação, podemos dizer que para os sociólogos Elias e Dunning, o esporte como lazer representa uma forma de restauração das energias, ou ainda, descontrolo das emoções agradáveis e controladas:

Com freqüência, as emoções oferecem tensões miméticas agradáveis que conduzem a uma excitação crescente e a um clímax de sentimento de êxtase, com a ajuda dos quais a tensão pode ser resolvida com facilidade, como no caso da equipe vencer um jogo. Neste caso, as tensões miméticas das atividades de lazer e a excitação com elas relacionada, isenta de perigo ou culpa, podem servir como um antídoto das tensões provenientes do stress que, no quadro da repressão global estável e harmoniosa característica das sociedades complexas, se verifica entre os indivíduos.⁵⁰

Podemos observar ainda, que as atividades são harmoniosamente organizadas, desde a formação das equipes até a disputa nos jogos, pois todos os veteranos zelam pelas regras, porém, eventualmente ocorrem discussões, mas são rapidamente resolvidas e ao final da partida os veteranos não ficam relembando, afinal o que acontece no treinamento não é levado para depois. Essa análise partiu das observações de vídeos realizados durante os treinamentos do grupo no ano de 2005. Eventualmente ocorrem discussões de jogadas ou lances duvidosos que ocorreram nos jogos de treinos, mas em sua

⁴⁹ Entrevista cedida pelo atleta de basquetebol veterano Nilson de Souza Rodrigues, 68 anos, no dia 17 de abril de 2005, no Círculo Militar do Paraná. Atualmente Nilson é professor universitário aposentado, mas atua como assessor da UFPR e procurador geral do Estado.

⁵⁰ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p.73.

maioria o assunto durante a confraternização são piadas e temas esporádicos. A disputa, mesmo entre os veteranos do mesmo grupo, tem uma explicação, cada jogo oferece uma emoção, e nesse caso, ganhar é o maior objetivo. Como podemos observar no texto de Elias e Dunning:

O desporto é sempre, em todas as suas variedades, uma luta controlada, num quadro imaginário, quer o adversário seja a montanha, o mar, a raposa ou outros seres humanos. Considere-se, por exemplo, o futebol. É a imaginação humana que faz de fato os homens conduzirem uma bola de couro – apenas com os pés – o objeto de uma contenda animada mas controlada, entre dois grupos de seres humanos. O problema para resolver, aqui como nos outros jogos desportivos, reside em saber como manter um reduzido grau de riscos e ferimentos nos jogadores e, além disso, como sustentar, a um nível elevado, o prazer desencadeado pelo excitamento da oposição. Se a estrutura de regras e de técnicas que proporciona o quadro imaginário do desporto é capaz de o assegurar, na prática, assim como aos respectivos equilíbrios, pode dizer-se que atingiu a maturidade...e os seus desígnios chegaram muitas vezes a proporcionar regularmente aos jogadores uma boa oportunidade de conflito de tensão não violento, bastante duradouro para ser aprazível e, também, uma boa ocasião de libertar e concluir tensões sob a forma de vitória ou derrota.⁵¹

Através da análise desse grupo, pudemos verificar os mais variados objetivos buscados pelos atletas veteranos de basquetebol, que estão ligados ao objetivo do grupo, e podem ser alcançados individualmente. Através das entrevistas, buscamos esclarecer para a pesquisa e para eles mesmos, como é o caso do veterano Nilson de Souza Rodrigues, que acabou por refletir sobre a real importância do basquetebol para sua vida, durante a entrevista, onde declara emocionado o que significa o basquetebol para ele, mas reflete o pensamento de muitos outros que ainda não se deram conta sobre as consequências se algum dia não puderem mais jogar:

Olha a minha qualidade de vida só não seria reduzida a zero se eu não pudesse jogar basquete...(choro), sei lá. Eu estou com problema de joelho, mas se o médico me falar que eu não posso mais jogar basquete eu não sei o que seria da minha vida.

Eu estou com um inchaço aqui atrás (mostra a parte posterior do joelho), mas eu acho que vou ter que fazer um reforço muscular, não tem jeito. Mas, se não tiver jeito, eu faço musculação.⁵²

⁵¹ Id. Ibid, p.84.

⁵² Entrevista cedida pelo atleta veterano de basquetebol Nilson de Souza Rodrigues, 68 anos, no dia 17 de abril de 2005, Curitiba – Paraná.

Ainda nesse grupo, pudemos observar a liderança exercida pelo veterano José Cândido Muricy, também presidente da Associação Paranaense de Veteranos do Basquetebol, quando os veteranos referem-se à sua importância para o grupo, e para a Associação, pois sua administração fez com que houvesse desenvolvimento da estrutura, dessa forma os veteranos começaram a ter mais oportunidades para participar de eventos nacionais. Os veteranos que filiam-se à Associação acabam por ter mais torneios para participar, pois a Associação conta com uma equipe voltada exclusivamente para a promoção de eventos e torneios. Essa função exercida pelo atual presidente da Associação, está ligada diretamente a importância que José Cândido Muricy tem na sociedade curitibana, afinal, é um importante empresário, e essa posição acaba por contribuir para aumentar sua representatividade enquanto figura pública, e contribui para conseguir patrocínios, apoio de outras estruturas públicas e privadas para a realização de eventos, bem como passar maior segurança aos afiliados da Associação. A liderança exercida acaba por ser reconhecida pelo próprio veterano, José Cândido Muricy, quando perguntado sobre seus objetivos no basquetebol veterano, em entrevista cedida no dia 01 de maio de 2004, durante a realização do Torneio Mayr Facci, em Ponta Grossa, quando diz: “...procurar através do que nós temos, que é uma liderança, procurar agregar mais veteranos, nós temos hoje cerca de 160 associados...se não tivesse a Associação, eles não teriam esses torneios...”⁵³

Diante desse depoimento, do veterano José Cândido Muricy, podemos dizer que o poder é exercido pelos homens na sociedade, desde a Idade Média, e esse processo se repete até hoje em nossa sociedade contemporânea, pois através dessa configuração do poder, é que os homens exercem suas hierarquias mantêm-se no poder, podemos ver em Elias, que define o “Poder” como sendo:

é uma característica...de todas as relações humanas...Nós dependemos dos outros; os outros dependem de nós. Sempre que somos mais dependentes dos outros do que estes o são de nós, eles possuem poder sobre nós, quer nos

⁵³ Entrevista cedida pelo veterano José Cândido Muricy, 61 anos, no dia 01 de maio de 2004.

tenhamos tornado dependentes deles pela sua utilização de força, ou pela nossa necessidade de sermos amados, pela nossa necessidade de dinheiro, cura, estatuto, carreira, ou simplesmente por excitação.⁵⁴

O que pudemos observar nesse grupo, é que os integrantes são extremamente unidos, até mesmo pela “boa” influência que sofrem do “líder”, José Cândido Muricy; e o grupo é constituído por um núcleo de veteranos com média de idade superior aos outros grupos de Curitiba, o que também caracteriza o grupo como um dos mais consolidados, em termos de união e liderança. As discussões que ocorrem nos treinamentos não afetam as relações extra-quadra, por assim designá-las, por mais que alguns veteranos reclamem durante o treinamento, ao término todos voltam a ser “pacatos” veteranos de basquetebol. Também pudemos observar que esse grupo é bastante competitivo, pois essa prática fica evidenciada durante os treinos, quando os integrantes demonstram bastante vontade de ganhar os jogos, se esforçam ao máximo, procuram não faltar, e muitas vezes comparecem lesionados, somente para acompanhar o grupo.

O próximo grupo que iremos descrever, na verdade não se caracteriza por grupo, e sim como uma atividade social oferecida pelo Clube Curitibano, apenas para associados, não havendo a abertura para sócios-atletas, como acontece em outros grupos de Curitiba, portanto fica mais difícil o acesso.

GRUPO 4 – CLUBE CURITIBANO*

Na verdade no Clube Curitibano o basquetebol não se caracteriza como grupo de veteranos, e sim como horário de treinos para associados, que também é freqüentado por veteranos associados quando não freqüentam o grupo ao qual pertencem, claro que existem exceções, são veteranos que treinam no Clube Curitibano e não mais em outros clubes. O Clube Curitibano oferece treinos nas terças e quintas, a partir das 20 horas, na sede central do Clube, na Av. Getúlio Vargas, bairro Água Verde. Existe um Departamento de Esportes no Clube, porém as equipes são formadas exclusivamente para

⁵⁴ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p.26.

* Não se caracteriza como grupo de basquetebol veterano, apenas oferece horário de treino.

associados, não permitindo o ingresso de sócios-atletas, pois o clube não vê vantagem em oferecer atividades para não sócios, nesse Clube o objetivo é social e não competitivo. A única forma de associar-se ao Clube é através de convite e aquisição do título. Esse Clube é caracterizado por um grupo de classe alta da sociedade de Curitiba, o que acaba por delimitar o acesso a pessoas de outras classes sociais nessa instituição. Como podemos observar no depoimento do veterano Antônio Carlos de Queiroz⁵⁵, que treina na Sociedade Thalia, mas também é associado do Clube Curitibano, onde comparece eventualmente: “Sim, quando não tem Thalia eu treino no Curitibano, mas só pra não ficar parado, porque lá no Curitibano não tem muitos veteranos, quer dizer grupo de veteranos, lá são mais os associados, um grupo mais jovem...não é igual no Thalia.”

No Clube Curitibano existe um Diretor para cada modalidade esportiva, inclusive no basquetebol o diretor é um veterano de Curitiba, o Sr. Osman Boabaid, 67 anos, que treina no Clube Curitibano e no Círculo Militar do Paraná. Osman foi atleta profissional de basquetebol, como conta em seu depoimento:

Comecei a jogar basquetebol no juvenil em Florianópolis, no Lira Tênis Clube, depois joguei nos três clubes da cidade, fui campeão pelos três clubes. No Clube Lira ou XII de Agosto, na época que eu estava servindo na aeronáutica tinha um time de basquete, o Caravana, e fomos campeões pelo Estado, aí eu fui tentar fazer escola da marinha mercante no Rio de Janeiro e aproveitei fui treinar no Clube de Regatas do Flamengo, e lá me contrataram para jogar pelo Flamengo, 1957 e 1958, os dois anos.

Eu joguei, Campeonato Nacional bastante, e Internacionais eu joguei na Sociedade Esportiva Palmeiras, e na época nós fomos disputar o Campeonato Sul-Americano, e o Palmeiras foi representando o Brasil, esses jogos foram em Montevideu no Uruguai, era da categoria adulto, nós fomos vice e o jogo final acabou com a diferença de um ponto, e o time da cidade foi campeão.⁵⁶

Muitas vezes, a prática esportiva pode deixar de ser uma atividade de lazer e integração, e passa a ser uma obrigação, isso ocorre quando a

⁵⁵ Entrevista cedida pelo veterano Antônio Carlos de Queiroz, advogado, realizada no dia 19 de abril de 2005, em horário de *treino* da Sociedade Thalia, mas também associado do Clube Curitibano, que comparece quando não tem treino no Thalia.

⁵⁶ Entrevista cedida pelo atleta veterano de basquetebol Osman Boabaid, 67 anos, corretor de imóveis, no dia 01 de maio de 2004, em Ponta Grossa, durante a realização do Torneio Mayr Facci. Osman treina no Clube Curitibano e no Círculo Militar do Paraná, desde a fundação do grupo do Círculo.

atividade passa a ser uma cobrança profissional, e não mais um passatempo, para Elias e Dunning, a atividade praticada profissionalmente pode ser desprovida de prazer:

É possível que o aparecimento do profissionalismo no desporto tenha desviado a atenção do desporto de lazer. As atividades desportivas realizadas por não profissionais mostram, inevitavelmente, um nível de técnica inferior ao que é realizado por profissionais nessas modalidades. Por outro lado, o desporto realizado com fins profissionais pode ser desprovido de alegria para aqueles que o praticam.⁵⁷

Depois de jogar profissionalmente, Osman teve que dar um intervalo em sua carreira, devido a suas atividades profissionais:

O grupo de veteranos, eu me desvinculei uma época, por causa da vida profissional, fiquei 30 anos sem jogar basquetebol, aí meus amigos insistiram, daí pra eu voltar foi difícil por causa da forma física, e aí eu comecei a treinar, começamos a fazer a Seleção Paranaense de veteranos pra jogar em João Pessoa, cujo técnico era nosso amigo Marcelo Pastre. Fomos campeões brasileiros na categoria acima de 60 anos. Em outros anos fomos vice-campeões, porque São Paulo sempre tem equipe forte, a gente participa com a maior vontade.⁵⁸

Atualmente os objetivos de Osman foram revistos, e a prática de basquetebol veterano foi uma retomada para a convivência social, além de manter a forma física, Osman não parou mais de participar dos Campeonatos e Torneios, inclusive da Seleção Paranaense, em Encontros Nacionais, como fala em sua entrevista:

O objetivo é continuar fazendo esporte, faz bem, e a gente faz bastante amizade, nós temos um intercâmbio bem grande com todas as equipes do Brasil, então tem um círculo bem grande de amizade, confraternização, camaradagem e isso é muito importante no esporte, tem que ter isso, o basquetebol é um esporte que congrega essa amizade no Brasil inteiro, e é muito bonito isso.⁵⁹

⁵⁷ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

⁵⁸ Entrevista cedida pelo atleta veterano de basquetebol Osman Boabaid, 67 anos, corretor de imóveis, no dia 01 de maio de 2004, em Ponta Grossa, durante a realização do Torneio Mayr Facci. Osman treina no Clube Curitibano e no Círculo Militar do Paraná, desde a fundação do grupo do Círculo.

⁵⁹ Idem.

Em relação às emoções durante os jogos, Osman Boabaid, diz que até hoje sente as mesmas emoções e alegrias de quando era jovem, pois a competição proporciona essas emoções, que caracterizam-se por miméticas, por ser o controle descontrolado das emoções, o que caracteriza a atividade por uma constante busca da excitação, como podemos sentir em seu depoimento:

A gente sente uma alegria muito grande né, fazer uma cesta, volta aquela mocidade, aquele vigor, dá uma saudade de ser atleta do jeito que foi, a cabeça pensa tudo mas o corpo não vai, tem que jogar de acordo com a forma física de cada um, lógico, a gente sente um pouco, que a idade pesa né, mas agente participa numa boa. A gente se sente mais cansado, quando a partida é muito difícil, fica um pouco cansado, mas a adrenalina é a mesma. Todos os jogos a gente participa, no início, sempre tem aquela tensão né, mas daí começa o jogo, aquilo vai passando, mas é normal, todo atleta sente isso, todos os atletas.⁶⁰

Para os sociólogos Elias e Dunning, a busca da excitação parece ser um tipo agradável de excitação, e pode ser encontrada na maior parte das necessidades de diversão, como diz:

...a excitação e, por assim dizer, o condimento de todas as satisfações próprias dos divertimentos...uma das razões por que parece conveniente usar um termo específico para todos os factos de lazer que podem ser justamente classificados como miméticos foi o reconhecimento de que todos esses factos possuem uma estrutura particular que lhes permite satisfazer as necessidades específicas de lazer. Parece útil pensar, como inerentes às suas estruturas, as características que fazem com que actividades de lazer, como desporto, concertos, cinema e televisão, sirvam para prover as necessidades de satisfação do lazer.⁶¹

Através dessa análise das falas dos veteranos, pudemos observar que os freqüentadores do Clube Curitibano são diferenciados pela classe social, o que acaba por não formar um grupo, pois não há acesso à todos nem mesmo para sócios-atletas, como é o caso dos outros clubes sociais de Curitiba, com exceção também para o Clube Galícia, por ser um clube particular/domiciliar, conta apenas com atletas convidados. No Clube Curitibano não foi possível identificar muitas peculiaridades, pois não se caracteriza como grupo de

⁶⁰ Idem.

⁶¹ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p.116.

veteranos. Através de observações e entrevistas, apesar de um número restrito, pelo difícil acesso, podemos dizer que o Clube Curitibano caracteriza-se como prática de lazer, que permite a competição nos horários de treinos, mas não existe convívio social dos integrantes após o treinamento, ou ainda, a *confraternização* como ocorre em outros clubes de basquetebol veterano de Curitiba.

Sobrevivência/Rotatividade/Regulamento

Esse grupo não apresenta um núcleo fixo, pois é formado casualmente, como já foi dito, pois é uma atividade oferecida socialmente no clube. Por motivos estruturais do clube só é possível ingressar nesse grupo por forma de convite e compra de título, o que torna bastante restrito o acesso. Esse grupo é composto em sua maioria por integrantes rotativos como chamamos anteriormente, caracterizados pelos associados, mas não fazem parte do grupo de veteranos do Paraná, por sua idade ou objetivos diferenciados. Em relação à sobrevivência do grupo ela se dá de forma peculiar à dos outros grupos de Curitiba, pois essa atividade é oferecida como forma de lazer e não como forma de grupo de competição como ocorre nos outros clubes, portanto o grupo é exclusivamente para atividades de sociabilização dos associados. Já a rotatividade é outra peculiaridade desse grupo, pois ocorre um maior número de atletas rotativos do que atletas fixos, o que caracteriza a não formação de um grupo fixo. Apesar disso a competição no treinamento é igual a dos outros grupos, assim como os veteranos os associados que freqüentam o horário de basquetebol buscam a formação de equipes equilibradas para que ocorra a disputa e dessa forma a busca por emoções. Ainda que esse grupo apresente tantas peculiaridades em relação aos outros, a essência da competição é mantida, pois o jogo apresenta uma estrutura igual, seja no clube ou na escola, os objetivos serão mantidos a busca por emoções, a vitória e a integração entre os integrantes.

Assim como nos outros grupos, no Clube Curitibano, existe um regulamento, no qual são pautadas as normas do grupo nos jogos e na

organização. Nos jogos as equipes são formadas por ordem de chegada, porém de forma equilibrada, se for melhor que ocorra uma mudança nas equipes isso vai ser efetivado. Existe um líder no grupo, o veterano Osman Boabaid, que é também diretor de basquetebol do clube, e a presença de um líder faz organizar melhor a estrutura e funcionamento das atividades. Através da análise do grupo e de sua estrutura foi possível detectar que os objetivos dos veteranos e associados são individuais, pois alguns buscam o lazer, outros buscam saúde, emoções, liberação do estresse, mas todos buscam o pertencer a um grupo, pois fazer parte daquela atividade em determinado local e horário torna o praticante um integrante do grupo. Esse lazer social sempre foi buscado por pessoas para a manutenção da sua relação de pertencimento e até mesmo distinção social.

O próximo grupo pesquisado foi o grupo de Ponta Grossa, que apresenta várias características peculiares, além de sua recente organização burocrática, o que segundo os veteranos vai melhorar sua apresentação e integração.

GRUPO 5 – PONTA GROSSA

Esse grupo demonstra algumas peculiaridades iniciando pela sua formação, contam os veteranos que o grupo se formou por volta do ano de 1996, com o intuito de organizar equipes competitivas para participar de torneios e campeonatos. Portanto, nesse grupo, os veteranos todos participam de jogos de competição, ao contrário de grupos de Curitiba que têm veteranos treinando mas que não participam de competições e torneios externos. Todas as informações das quais estaremos nos utilizando foram cedidas através de e-mails e observações. O contato virtual se deu através do veterano Paulo Affonso Moreira e Meslem Kalil Redá. Esses veteranos foram contactados durante a realização do Torneio Mayr Facci do ano de 2005, realizado no Ginásio do Sepam em Ponta Grossa. Já as observações foram feitas durante

os Torneios Mayr Facci de 2004 e 2005, além de outros torneios internos no ano de 2005.

Nesse grupo os treinos ocorrem principalmente no Ginásio do Boreau, ginásio que recebe o nome de um ex-basqueteiro João Ricardo Boreau de Vernet. Os treinos ainda ocorrem no Ginásio do Sepam e eventualmente no Clube da Lagoa.

Os treinamentos são realizados nas segundas, quartas e sextas-feiras a partir das 19 horas, nos sábados à tarde e nos domingos pela manhã. Em horários estabelecidos para treinos, chegam a participar em torno de dez atletas, pois o grupo é muito inconstante. Existe um grupo que comparece mais nos finais de semana e um outro que participa mais durante a semana. O maior número de atletas está vinculado às datas que antecedem os Torneios e Campeonatos com datas pré-estabelecidas no calendário da Associação Paranaense de Veteranos, como é o caso do Torneio Freitas Netto, em janeiro, atual Torneio de Verão SESC-Clinihauer, na Praia de Caiobá e o Torneio Mayr, Facci em meados de abril ou maio.

Atualmente, o grupo conta com 35 atletas veteranos, com idade superior aos 35 anos de idade, mas o grupo permite a participação de atletas pré-veteranos com idade entre 25 e 34 anos de idade, e ainda atletas mais novos que são filhos de veteranos e fazem questão de acompanhar os pais em treinos e eventos. O grupo de Ponta Grossa é formado principalmente por ex-atletas profissionais da categoria adulta, que fizeram parte da equipe da cidade e representavam a equipe nacionalmente. Após alguns anos a equipe adulta foi extinta, pois o incentivo dado principalmente pela Prefeitura Municipal acabou. Desde então, em torno de uns cinco anos pra cá os ex-atletas já estão veteranos, e têm um índice técnico bem forte, o que facilita e motiva ainda mais os atletas a formarem equipes de veteranos. Para fazer parte do grupo de veteranos basta primeiramente ter a idade apropriada, fazer um cadastro com um dos fundadores e pagar uma taxa mensal que tem a finalidade da promoção de eventos para o grupo. O grupo reúne-se para treinar e cada atleta respeita a individualidade de cada um, o grupo não conta com um técnico, porém existem colaboradores, dentre eles o ex-atleta Benhur, atualmente

operador de um blogger sobre o basquetebol de Ponta Grossa, que está auxiliando as equipes a preparar-se para o Torneio de Caiobá, a realizar-se em janeiro de 2006.

Antes desses novos veteranos que vêm constituir um novo grupo de atletas, o grupo conta com veteranos como: Paulo Afonso, Hudson Zanoni e Ricardo Barros, segundo o veterano Meslem⁶², são os principais fundadores e mantenedores do grupo de veteranos de Ponta Grossa. O grupo de Ponta Grossa conta com a participação de dois ícones do esporte para a cidade, o ex-atleta da Seleção Brasileira Mayr Facci, na foto à seguir, e o atleta veterano Mathusalém Gaya, são os dois veteranos mais antigos do grupo (70 anos+), e os mais assíduos em torneios promovidos pela Associação Paranaense de Basquetebol Veteranos. Vale lembrar que o atleta Mayr Facci é integrante da equipe atual Campeã Brasileira da categoria 70+, do Encontro Nacional de Veteranos, realizado no mês de novembro de 2005 na cidade de Santos.⁶³



Foto do veterano Mayr Facci – com suas medalhas Olímpicas
Local: residência do veterano em Ponta Grossa, no dia 30/07/2005

⁶² Fonte segundo entrevista com o veterano de basquetebol Meslem Kalil Reda, 42 anos, atleta de Ponta Grossa, entrevista cedida no dia 01 de maio de 2004, durante a realização do Torneio Mayr Facci.

⁶³ Fonte acessada no site www.digidata.com.br/basquete, no dia 18 de dezembro de 2005.

Existem ainda atletas com faixa etária de 55 à 60 anos, são eles Oscar Pereira, Hudson Zanoni já citado anteriormente, Carlam, José Vargas, Renato, Buzzato, Zelão, Ricardo Barros entre outros. Atualmente o grupo de veteranos de Ponta Grossa está em fase de finalização/inauguração da Associação de Veteranos de Ponta Grossa, como nos contou o atleta Meslem, quando perguntado sobre a organização das equipes, Meslem⁶⁴ respondeu que o grupo de veteranos de Ponta Grossa não tem uma constância, porém tem um bom índice técnico, então os veteranos tidos como fundadores reuniram-se para formar a Associação Pontagrossense de Basquete Veterano, com o objetivo de organizar/institucionalizar o grupo e os encontros, seguindo o modelo da Associação Paranaense de Basquetebol Veteranos, que através de uma estruturação conseguiu agregar e unir os veteranos do Estado do Paraná.

Os veteranos de Ponta Grossa acabam por promover seus campeonatos internos, geralmente realizados no ginásio do Sepam, e a forma de formação de equipes é por sorteio dirigido, para que todas as equipes fiquem equilibradas e competitivas. Os torneios agem como fator motivacional e integrador, sempre contam com a presença de atletas de Curitiba, o que o motiva mais ainda, pois os atletas de Ponta Grossa já se conhecem e isso atrapalha um pouco na hora da competição, como conta o atleta Meslem Kalil Reda:

O grupo de veteranos de Ponta Grossa está tomando a Associação Paranaense como modelo para Ponta Grossa, nos últimos meses já organizou campeonatos internos similares aos de Curitiba, com o sorteio de atletas propiciando equipes mais equilibradas, e a presença de atletas de Curitiba motiva os atletas locais. No total são mais de vinte e cinco atletas que se reúnem há mais de oito anos, acredito que nove anos; para o ano que vem iremos formar uma Associação de Veteranos com o intuito de fortalecer e promover a união dos atletas.⁶⁵

⁶⁴ Entrevista cedida pelo veterano Meslem Kalil Reda, 42 anos, atleta de Ponta Grossa, no dia 01 de maio de 2004.

⁶⁵ Idem.



Foto da premiação em um dos Torneios Internos dos Veteranos de Ponta Grossa – no dia 30/07/2005, no Ginásio do Sepam

Os atletas de Ponta Grossa são constituintes de um grupo bem competitivo, como diz o atleta Meslem, porém os atletas comparecem mais assiduamente aos treinos somente nos períodos que antecedem os campeonatos mais importantes e isso comprova mais ainda essa afirmação, como conta o atleta Renato J. Willians, quando perguntado sobre a sensação de jogar:

A emoção, adrenalina...fica nervoso na hora do jogo, fica nervoso...a gente quer ganhar né...ninguém joga para brincar, por mais que sejamos todos amigos, ninguém para perder, apesar de ser confraternização. A competição faz parte do jogo e a disputa gera emoção...mas quando acaba todo mundo é amigo.

Teve-se a oportunidade de entrevistar o ex-atleta da Seleção Brasileira Mayr Facci⁶⁶, que nos contou sobre sua atuação na seleção de basquetebol, na época Seleção de Cestobol:

⁶⁶ Entrevista cedida por Mayr Facci, 78 anos, no dia 30 de julho de 2005. Atleta de Ponta Grossa, ex-Seleção Brasileira de Basquetebol, participante de duas Olimpíadas: Finlândia em Helsinque e Austrália

Eu comecei tarde, eu treinava atletismo, em 1945 começou a faltar gente pra treinar basquete e eu tinha 18 anos e comecei tarde, e nunca tive técnico, comecei e permaneci em Catanduvas, jogando, joguei numa infinidade de lugares, Montes Altos, Jabuticabal, sempre tinha torneios e vinham buscar a gente para representar a cidade. Aí que eu fixei mesmo em Catanduvas, no Cruzeiro Cestobol Clube. Depois dei continuidade, e fui aparecer nos Jogos Abertos do interior de São Paulo, ali sim o bicho pegava, tinham umas dez equipes muito boas, e Catanduva sempre ficava em terceiro ou quarto. Daí eu vim para Ponta Grossa, em 1950, em 51 em Santos nós fomos vice-campeões dos Jogos Abertos de São Paulo, tinham 101 cidades disputando, perdemos só para Santos na final. Depois foi o Brasileiro, ficamos em terceiro lugar, em 51, Ponta Grossa era a terceira força do basquete no Brasil, perdíamos para Flamengo, Corinthians de um ou dois pontos, isso quando garfavam a gente, tinha essa também.

Conta ainda como era a formação da equipe brasileira naquela época na década de 50, pois não havia equipes profissionais e os atletas de São Paulo eram mais privilegiados, pois o centro esportivo era na capital de São Paulo:

Não tinha profissional, e sim jogava por amor, inclusive nas Olimpíadas e Sul-Americano não podiam participar profissionais. A primeira vez que participei pela Seleção foi em 1951, Torneio de Novos, em Mendonça, fui eu, o Algodão, depois foi Bispo, Gedeão...lá a primeira partida foi contra o Peru, foi minha primeira participação na Seleção.

Eles convocavam 30 jogadores, e durante os treinos eles iam dispensando, e a gente ia ficando, a primeira vez que eu fui convocado tinham 48 atletas, a primeira semana eu fiquei no banco, nem treinei. Tinha uma comissão, daí os outros iam treinar, principalmente o pessoal do Rio e São Paulo, estava o Moacir Daiuto junto, que era de São Paulo e o Kanela, depois de mais uma semana começaram a me colocar...e eu fui bem, me destaquei, daí ficou 15, daí eu pensei, bom se tiver igual, eu vou embora...o caipira de Ponta Grossa. Daí dispensaram os outros, um mineiro...e eu fiquei...e sempre fui titular. Eu fiquei seis anos na Seleção. Eu até joguei pelo Flamengo, torneios internacionais.⁶⁷

em Melbourne. Conta que depois de participar das Olimpíadas o atleta não precisa de mais nada, pois já alcançou sua glória.

⁶⁷ Idem.



Foto do arquivo pessoal do veterano Mayr Facci – em ocasião do Campeonato Mundial de Basquetebol, realizado no Rio de Janeiro na inauguração do Maracanãzinho – outubro/1954

Segundo a entrevista cedida pelo atleta Mayr Facci o grupo de veteranos de Ponta Grossa foi iniciado por ele, como nos contou quando perguntado sobre a data de início de sua participação no basquetebol veterano:

O grupo de veteranos foi eu quem comecei, eu comecei com um Torneio de Ponta Grossa, Maringá, Londrina e Curitiba. Cada dois meses numa cidade, eu comecei com um time aqui, inclusive tinham militares amigo do Nardi, fomos pra Londrina, Maringá, Ponta Grossa e Curitiba. Depois Curitiba parou, e nós começamos a jogar com São Paulo, aí em 1989 o Paulista me telefonou que ia ter um Campeonato no Rio, e nós fizemos uma equipe, Boreau e Edson Gradia, era secretário de Esportes, só sei que pagaram ônibus, estadia e alimentação. Pagaram tudo, foi ali que tudo começou, a Seleção Paranaense de Veteranos. Daí não parou mais. Depois fizemos o Brasileiro aqui em 92, e depois de novo em 2002.⁶⁸

⁶⁸ Idem.



Foto da Seleção Paranaense de Veteranos – Campeã Brasileira Hiper-Master/1998 – Paraiba
Foto do arquivo pessoal do veterano Mayr Facci

Na verdade o grupo foi se firmando ao longo dos anos, pois o número de veteranos foi aumentando em função de novos atletas que passavam da categoria adulta para pré-veteranos e depois veteranos. Desde o início o grupo de veteranos de Ponta Grossa constituiu um grupo de forte índice técnico, porém o que os mantém unidos até hoje são os laços de amizade, como contam os atletas Renato, Meslem e Mayr, respectivamente:

Os amigos, a companhia, como que eu vou falar...você encontra pessoas que jogou há vinte, trinta anos atrás...mas o mais importante é a amizade..., o esporte que é bom.⁶⁹

Eu diria que são vários objetivos, desde amizade, confraternização com os amigos, se manter em forma, até a parte competitiva, isso te alivia do stress do dia-a-dia, você realmente pára, te mantém motivado, pois você fica mal

⁶⁹ Entrevista cedida por Renato J. Willians, 53 anos, em Ponta Grossa, no dia 01 de maio de 2004.

humorado...é saúde, disposição, principalmente por gostar e eliminar o stress, problemas...⁷⁰

Além do convívio com os amigos, é o esporte, saúde, e o que eu gosto muito é de dar assistência, eu não ligo muito para a cesta, e sim para a assistência.⁷¹

No grupo de Ponta Grossa existe esse discurso em torno da amizade entre os participantes, porém segundo os veteranos do grupo não existe confraternização após os treinos, somente no final de campeonatos importantes, como por exemplo o Torneio Mayr Facci. Através da observação dos grupos de Curitiba, pode-se concluir que em Ponta Grossa não ocorre a confraternização pós treino devido ao espaço de treino não estar vinculado a um clube diretamente, onde existe um espaço social mais apropriado para esse momento. Mas isso não quer dizer que não há amizade entre os veteranos de Ponta Grossa, pelo contrário, por estar em uma cidade de menor porte em relação a Curitiba, o grupo tem facilidade em encontrar-se em outras oportunidades.

O grupo de Ponta Grossa é responsável pela organização do Torneio Mayr Facci, em parceria com a Associação Paranaense de Veteranos do Basquetebol, mas já existem funções determinadas para o Torneio, são elas a Presidência do Torneio por Hudson Zanoni 58 anos, Vice-presidente por Ricardo Barros 49 anos, Diretor-técnico por Paulo Afonso 50 anos, Secretaria por Oscar Pereira e Delton e Tesouraria por Renato e Aurélio.

Através desse mapeamento dos Clubes de Curitiba e do grupo de Ponta Grossa, que segundo o atleta Neli Nardi são os maiores em número de atletas inscritos/participantes, pode-se mapear o basquetebol veterano do Paraná, seus objetivos em comum, suas características peculiares o que os torna únicos em suas estruturas de funcionamento. Além dos vínculos sociais estabelecidos através dessas inter-relações de amizade, companheirismo e o fato de pertencer ao grupo em que estão inseridos.

Pode-se dizer que mesmo com todas as características peculiares aos grupos (atividades de confraternização, rotatividade, sobrevivência), através

⁷⁰ Entrevista cedida por Meslem Kalil Redá, 42 anos, em Ponta Grossa, no dia 01 de maio de 2004.

⁷¹ Entrevista cedida por Mayr Facci, 78 anos, em Ponta Grossa, no dia 30 de julho de 2005.

das entrevistas e observações, foi possível verificar que todo grupo tem um líder, um ícone, e um objetivo, pode ser que os atletas digam que a competição não está em primeiro plano, mas os discursos mostram nas entrelinhas que os veteranos, assim como os atletas olímpicos ou amadores buscam sim, uma certa representação de poder, e as emoções miméticas estão presentes nessas manifestações, além das relações de interdependência entre os grupos e a Associação, como uma instituição regularizadora da prática do esporte, enquanto competição.

Sobrevivência/Rotatividade/Regulamento

Nesse grupo existe um núcleo fixo representado pelos atletas fundadores dos veteranos de Ponta Grossa, são eles Mayr Facci, Mathusalém Gaya, Ricardo Barros, Oscar Pereira, Hudson Zanoni, Renato Buzzato, Meslem Kalil, Carlam e Zelão. Além do grupo rotativo, que vai dar sustentação ao grupo, ou seja, número suficiente em treinamentos para haver jogos.

Existem atletas de mais de 70 anos, que representam a primeira geração de Ponta Grossa, e atletas com média de idade de 40-50 anos, que representam a segunda geração. Essa segunda geração de atletas pontagrossenses organizam os grupo mais para as competições, pois os treinamentos não têm um grande número de veteranos. Os veteranos de Ponta Grossa treinam mais quando estão próximos de competições, caso contrário existem os veteranos que treinam mas sem assiduidade.

O grupo de Ponta Grossa é bastante heterogêneo em relação a idade, porém homogêneo em relação aos objetivos, pois é um grupo bastante competitivo. Assim como nos outros grupos, existem as regras de funcionamento, em Ponta Grossa basta ser convidado para fazer parte do grupo e freqüentar os treinamentos, constituir uma boa convivência social. As regras dos jogos são bastante flexíveis, a preferência da falta será dada para o solicitante, dessa forma existe sempre uma boa harmonia no grupo.

A característica desse grupo é a união pelo basquetebol ser tão forte/presente, pois os veteranos encontram-se exclusivamente para treinar, e

não como em Curitiba que existem veteranos que freqüentam o grupo como lazer social, pois após o treinamento tem a confraternização. Em Ponta Grossa isso não ocorre, pois a estrutura de treinamento não oferece essa possibilidade, mas a união do grupo é facilitada pela estrutura urbana, um pequeno número de habitantes favorece a sociabilização e convivência social, segundo o entrevistado Paulo Affonso, que refere-se aos encontros casuais dos veteranos da cidade em locais como banco, super-mercado e outros locais que não sejam a quadra.

Assim como nos outros grupos ocorre a busca pelas emoções em treinamentos, as equipes são formadas por ordem de chegada e com busca do equilíbrio competitivo, porém, em quadra, os veteranos procuram esforçar-se para ganhar o jogo, correr, manter equilíbrio, saúde e forma física. Ao menos esse é o principal discurso entre os entrevistados, a constante busca por emoções e o aliviar das tensões diárias, além da convivência social e o pertencer ao grupo.

Através dessa descrição das estruturas esportivas do basquetebol paranaense pudemos visualizar melhor os objetivos dos veteranos. Percebemos que o fim desse processo social esportivo que são as associações e clubes de Curitiba e Ponta Grossa buscam, além da competição, a confraternização e o convívio social dos atletas. Nas considerações finais pudemos analisar sociologicamente esse campo esportivo, fazendo a relação com os grupos e os conceitos de Elias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Atravessei minha vida como o cavaleiro do lago de Constanz, sem temer que o gelo decesse. Eis a maneira como concebo a vida.”¹

Primeiramente gostaríamos de lembrar como se iniciou essa pesquisa. Através de nosso envolvimento com o objeto de estudo por estar presente em um dos Clubes de Curitiba, mais especificamente a Sociedade Thalia, atuando primeiramente como atleta e posteriormente como profissional da área de Educação Física. A convivência com os veteranos, por aproximadamente dez anos, permitiu explorar ao máximo a hipótese dessa pesquisa.

Com os anos, criou-se uma admiração com/pelo grupo de basquetebol veterano e fez com que aumentasse a curiosidade e expectativa sobre esse mecanismo simbiótico entre os veteranos e o esporte. Essa curiosidade foi aumentando e logo se estabeleceu uma profunda relação de respeito e cordialidade, passando a acompanhar campeonatos e torneios, inclusive nacionais, por conta dessa amizade e admiração.

Pode-se dizer que o basquetebol veterano do Paraná passa por um processo de desportivização provindo do aumento de praticantes, isso exige que o esporte seja cada vez mais organizado/institucionalizado e, por vezes, profissionalizado.

O maior exemplo desse mecanismo é a criação e desenvolvimento da Associação Paranaense de Veteranos do Basquetebol, que teve um início de modo amador, com o seu idealizador/fundador José Acácio Wotroba, no ano de 1991. Mais tarde, no ano de 1999, foi encampada e presidida até a atualidade pelo empresário José Cândido Muricy, que exerce sua função de forma qualificada de acordo com seu capital econômico, social e cultural. A partir da

¹ Elias, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Tradução: André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Escolhi essa frase para finalizar essa etapa da pesquisa, pois esclarece bem como um pesquisador busca seus objetivos, sem temer o atravessar de um caminho perigoso e difícil, mas sim tendo a certeza das dificuldades e sempre sabendo que a vida é assim, cheia de desafios e são esses desafios que nos fazem superar as dificuldades e conquistar nossos objetivos.

posse do empresário José Cândido Muricy, a Associação passa por esse processo de profissionalização, quando sua empresa, Clinihauer – planos de saúde, encampou e estruturou a Associação de modo a oferecer uma sede própria, secretaria, tesouraria, departamento de marketing, página na web, entre outras estruturas antes não constituídas.

A Associação conta com a participação/colaboração de veteranos que exercem funções nos conselhos, porém as principais decisões são tomadas pela presidência, por sua posição hierárquica e de liderança.

Ao longo dessa pesquisa pode-se constatar através das entrevistas² e observações, que existem duas fases na Associação Paranaense de Veteranos, a fase “pré-Muricy”, e “pós-Muricy”. A fase “pré-Muricy”, vamos chamar assim, é uma fase em que os veteranos reuniram-se através dos laços de amizade, mas não existia uma estrutura formada para suportar o número de veteranos que gostariam de fazer parte dessa estrutura. A fase “pós-Muricy” é uma fase na qual a Associação apresenta constante evolução, pois a presidência tem suporte econômico/estrutural necessário aos associados, dessa forma consegue adequar a estrutura à realidade dos veteranos, porém a participação nas decisões da Associação passam a ser monopolizadas.

Diante desse contexto podemos dizer que a estrutura administrativa da Associação pode ser considerada como uma “competição multipessoal a vários níveis”. Nesse modelo de competição exige planejamento para uma série de jogadas, como por exemplo as decisões da presidência da Associação dependendo dos votos da diretoria e conselheiros. Existe um limite de inter-relações na teia, por exemplo: a relação presidente x diretoria, diretoria x tesouraria, presidente x associados, enfim a relação a dois níveis dentro da teia de interdependências à vários níveis. Pode ocorrer a formação de sub-grupos dentro do grupo maior, e isso pode gerar incompreensão e descontrole, trazendo aspectos positivos e negativos. Como por exemplo: associados contra presidente, ou associados em aliança com diretoria contra presidência, ou ainda sub-grupos de associados contra presidente. Essas alianças podem gerar desenvolvimento ou desintegração dos associados.

² Segue em anexo nº4 o modelo do termo livre e esclarecido utilizado para autorização de uso das entrevistas nessa pesquisa.

Atualmente esse modelo de competição está dando certo no Paraná, podemos dizer que a Associação de Veteranos do Basquetebol é a maior do Brasil em número de filiados, ganhando de São Paulo, tida como a cidade centro do esporte no Brasil, berço do basquetebol brasileiro. Em São Paulo os grupos de veteranos acabaram se dividindo em regiões. No Paraná todos os grupos são vinculados à Associação Paranaense de Veteranos do Basquetebol, isso ocorre devido à Associação Paranaense, que vem se fortalecendo a cada ano que passa, através da adesão de novos atletas.³

A Associação Paranaense agrega valores ao basquetebol, pois a presidência mostrou aos veteranos que é importante fazer parte da Associação, mesmo aqueles que não participam dos torneios e campeonatos, mas fazem parte da Associação, e esse “fazer parte” é histórico, é estar inserido num grupo social constituindo uma relação de pertencimento.

Esse discurso ajuda a manter e agregar mais filiados à Associação, o maior exemplo disso é a participação de associados que são pagantes, mas não participam de torneios nem campeonatos, mas simplesmente pertencem ao grupo.

Essa relação do “pertencer” corrobora nossa hipótese e envolve a sociogênese dos grupos e seus integrantes, de modo que pudemos compreender o mecanismo e formação de cada grupo, de acordo com o interesse e objetivos dos integrantes, o estar associado à um clube ou ainda o ingressar por meio de convite. Essas relações de ingressar numa instituição social, dizem respeito a busca da distinção e significado social, culturalmente falando, pois trata do ser humano enquanto interdependente da teia social. Estar freqüentado um grupo de basquetebol significa constituir um habitus social e esportivo.

Essa constituição fica evidenciada nas entrevistas dos veteranos quando perguntados sobre o tempo em que estão no grupo e como eram os primeiros encontros na década de 50. Assim nos conta o veterano Irnério Bruno, do Círculo Militar do Paraná, que teve o início de sua história no basquetebol na categoria universitária e não parou desde então. Em sua fala fica evidenciado

³ Segue anexo em arquivo de cd a lista de atletas da Associação Paranaense de Veteranos do Basquetebol.

seu gosto pelo esporte, pois era tido como “fominha” pelos colegas. Além de jogar durante a semana nos clubes Thalia e Círculo, nos finais de semana saía para passear na Rua XV de Novembro, ponto de encontro da época, levando consigo um par de tênis e um calção, caso resolvessem jogar.

Outro caso que nos é peculiar é do veterano Glaydon Pinto, ex-veterano do Círculo Militar do Paraná. Atualmente não pratica por motivos de saúde, mas por muitos anos fez parte do grupo de veteranos do Círculo, à base de remédios para dor e inflamações articulares. Mas nos conta que o prazer e o gosto pelo esporte e pela competição era maior do que tudo isso. Atualmente só pode praticar natação e musculação, por recomendação médica, mas no final da tarde reencontra os colegas do basquetebol no clube, apesar de não ter uma vínculo muito forte, ainda se relaciona com os veteranos e isso já produz uma sensação muito boa de pertencimento, porém a saudade de jogar às vezes lhe traz tristeza.

Pelas entrevistas constatamos que o estabelecimento e a manutenção das relações sociais através do esporte, decorrem do pertencimento a um grupo social, pode-se dizer que as entrevistas demonstram que os veteranos buscam esse “pertencer” a um grupo social, primeiramente pelo gosto pelo esporte, segundo pela amizade e terceiro pela identidade social, ou seja, seguem o modelo de análise da sociogênese dos grupos elaborada por Elias, que está referenciada no Capítulo I da dissertação, e está embasada em três dimensões: primeira – produção da semelhança, segunda – localização dos grupos e terceira – sublimação dos grupos. Nesse sentido pode-se concluir que os grupos são formados seguindo-se uma lógica social, imposta aos agentes sociais pela rede de interdependência criada por essa relação de poder e representação social.

Ainda pelas entrevistas⁴, verificamos que a busca das emoções miméticas em treinos/campeonatos acabam por constituir um *habitus* social esportivo dos veteranos do basquetebol do Paraná. Os exemplos da constituição do *habitus* e a busca por emoções ficou evidenciado em todas as entrevistas, inclusive dos veteranos que participam apenas dos treinos e não

⁴ Seguem em anexo nº5 os termos de livre e esclarecido de todos os veteranos entrevistados nessa pesquisa, segue em arquivo de cd as transcrições das entrevistas realizadas.

de competições. O *habitus* constitui-se pela prática do basquetebol veterano, muitas vezes tratado como uma “religião”, como alguns tratam. Onde existe um “ritual” de entrada no grupo, o integrante torna-se efetivo de acordo com sua participação e frequência, além da vestimenta adequada e o tênis da moda.

Além desse “ritual” por assim chamar, de participação e transformação, roupas e comportamento, existe a busca pelo prazer durante o lazer. Nessa análise cabe o conceito de Elias sobre o lazer no espectro do tempo livre, categoria 5, quando estudamos o jogo como atividade mimética. A busca das emoções traz benefícios psicológicos e fisiológicos, como visto nas entrevistas. Como por exemplo na fala do veterano Cezar, da Sociedade Thalia, que perguntado sobre os objetivos do basquetebol respondeu com as palavras-chave: liberdade, desligamento da rotina, alegria e emoção. Para o atleta Meslem, do grupo de Ponta Grossa, as palavras-chave foram: amizade, confraternização, competição, alívio do estresse, motivação, saúde e disposição.

Para os atletas que participam somente dos treinamentos as palavras-chave tiveram semelhança, mas em aspectos sociais. Para o veterano André Gregonis, da Sociedade Thalia, as palavras-chave foram: lazer, amizade e saúde. O atleta veterano Eliseu de Mello, que treina na Sociedade Thalia e no Círculo Militar, e recentemente sofreu um derrame, as palavras-chave foram: saúde e lazer. O veterano Pierre Jacques, da Sociedade Thalia, já participou de diversos torneios, mas atualmente mudou seus objetivos/concepção, nos conta que existem dois grupos distintos nos clubes, os competitivos e os não-competitivos. Ele migrou de um grupo para outro por não concordar muitas vezes com a disputa e falta de lealdade de alguns veteranos, em relação a cobrança de faltas. Para ele as palavras-chave foram: saúde, liberação de estresse e convivência social.

Temos ainda um outro grupo, os veteranos que já foram atletas de elite, como é o caso dos ex-jogadores da Seleção Brasileira Rolando e Mayr. Atualmente fazem parte dos veteranos do Paraná, e constituem um *habitus* diferente do anterior. Nos contam que antes os objetivos eram diferenciados, então o *habitus* era mais voltado à competição, agora é voltado ao lazer. Para

Rolando e Mayr participar de uma Olimpíada é o auge de um atleta, depois disso qualquer competição é comum, pois nas Olimpíadas o atleta alcança sua máxima emoção. Para Rolando as palavras-chave foram: diversão, prazer e emoções. Para o veterano Mayr as palavras-chave foram: amizade, convivência, confraternização, lazer e competição.

Após essa leitura do basquetebol veterano do Paraná, utilizando-se dos conceitos de Norbert Elias, abrem-se para nós novos horizontes da pesquisa sociológica esportiva. Com a perspectiva de ir-se além da análise das emoções, da formação de grupos sociais e da constituição do *habitus*.

Pela estrutura dessa pesquisa podemos investigar o universo do esporte veterano do Brasil e do mundo. Ainda podemos questionar sobre os objetivos e o crescimento dos Jogos Pan-Americanos e Mundiais para os Veteranos; seja no basquetebol, voleibol, natação, etc.

Além disso, explorar a relação de poder estabelecida entre dirigentes e veteranos, pois mesmo no esporte veterano ocorre essa relação hierárquica, apesar dos laços de amizade, principalmente no que se refere às convocações para seleções e delegação para cargos em Federações ou Associações.

Caberia uma pesquisa específica sobre os “novos” atletas veteranos, que são pessoas que nunca praticaram esporte e vão em busca dele após passar pela etapa da vida adulta, ou ainda ex-atletas de uma certa modalidade esportiva que vão em busca de um outro esporte com menos impacto, que traga benefícios para a saúde. Essas novas perspectivas dependerão do “fôlego” do pesquisador e seu envolvimento com o objeto de estudo.

Por fim, ir em busca de novos horizontes ou sonhos, sempre. Uma vez alguém disse: “quem não tem sonho, não tem vida”, e o maior exemplo disso são os veteranos, que estão sempre buscando e alcançando seus sonhos no esporte. Pode ser no esporte, ou num grupo de amigos, ou ainda em ações sociais, onde podemos buscar e encontrar nossas emoções, não somente as emoções miméticas, mas também as emoções puramente vindas do coração.

A exemplo dos veteranos que não deixam de competir, pois como eles mesmos dizem, é o “tempero”, acima de tudo pode-se ver que a amizade é o maior valor no esporte veterano, por mais que haja discussões, os veteranos

trazem consigo e em seus discursos a palavra *amizade*, e quem tem um amigo tem vida, quem tem vida tem amor e emoção.

REFERÊNCIAS

AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos tempos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, P. **O mercado lingüístico**. In: - .Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **Algumas propriedades dos campos**. In: - Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRANDÃO, C. da F. **Norbert Elias: formação, educação e emoções no processo de civilização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BRISSAC, C.; CLEMENTE, A. Tereza. **Revista Cesta**. São Paulo: Segundo Olhar, 2002.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

COMEL, N. **Basquete/encontro histórico: Curitiba recebe veteranos do Brasil**. Tribuna do Paraná. Curitiba, 05 de novembro de 2000. Esporte Amador.

Curitibano campeão do Torneio de Veteranos. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 1967, Caderno de Esportes.

DEMO, P. **Avaliação Qualitativa**. São Paulo: Autores Associados, 1987.

DEMO, P. **Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Edições 70, 1999.

Elias, N. **Norbert Elias por ele mesmo**. Tradução: André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2ºvol.

FERREIRA, M. de M. (Org.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1994.

FERREIRA, M. de M. (Org.). **História oral e multidisciplinariedade**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Coords.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

FERREIRA, M. de M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, Verena (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Editora FGV, 2000.

FERREIRA, N. T.; COSTA, V. L. M. [organizadores]. **Esporte, jogo e imaginário social**. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

GARRIGOU, A.; LACROIX, B. [organizadores]. **Norbert Elias: A política e a história**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

GEBARA, A. **Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes**/ organizadora Heloisa Turini Bruhns. São Paulo: Chronos, 2002. Coleção Lazer, esporte & sociedade.

GEBARA, A. **Conversas sobre Norbert Elias: depoimentos para uma história do pensamento sociológico**. Ademir Gebara; apresentação Eric Dunning; [tradução Raquel Gebara Garcia de Lima e Ademir Gebara]. Piracicaba, SP: Biscalchin Editor, 2005.

GONÇALVES, A. M. **Batendo Bola, Batendo Cabeça**. Cariri, 2004. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1993.

KUNZEL, P. **Jornal Gazeta do Povo**. Caderno Paraná, ano 86, n. 27.393, 27 de agosto 27.393.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2002.

MACHADO, H. I. **O basquetebol no Paraná**. Curitiba: H.I.Machado, 2002.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 1990.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Papirus, 1996.

MARCHI JR., W. **“Sacando” o Voleibol**. São Paulo: Hucitec; Ijuí, RS: Unijuí, 2004.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MICELI, S. **A força do sentido**. In: Bourdieu, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MIKKA, I. **What on Earth is oral history?** In Elliot, James K. (ed.) **New trails in history**. Sidney, Australian Press, 1988.

MEC, Brasil. **Caderno técnico-didático: basquetebol**. Brasília, MEC/DDD, 1980.

MUYLAERT, R. **Olimpíadas 2004**. São Paulo: RMC Editora, 2004.

NETTO, F. Folhetim: **Basquetando**. Curitiba, 1992. (Segue em anexo a versão completa do folheto, mais a foto da logo do evento).

ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

PINTO, L. M. S. de M. **A recreação/lazer e educação física**; a manobra da autenticidade do jogo. Campinas: UNICAMP, 1992. (Dissertação de Mestrado em Educação Física).

PRONI, M. **“Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa”**. Campinas, 1998. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

PRONI, M. W.; LUCENA, Ricardo de F.(Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

RAUEN, F. J. **Roteiros de Investigação Científica**. Tubarão: Unisul, 2002.

RUBIO, K. **O imaginário esportivo contemporâneo : o atleta e o mito do herói**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001.

RUBIO, K. **Psicologia do esporte: teoria e prática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

Site: www.avebesp.com.br Associação de Veteranos do Basquetebol do Estado de São Paulo, acessado em 24/06/2005.

Site: www.cbb.com.br. Confederação Brasileira de basketball, acessado em 21/10/2004.

Site: www.digitada.com.br/apvb2003. Associação Paranaense de Veteranos de Basquete, acessado em 22/05/2004.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2002.

THOMPSON, P. **A transmissão cultural entre gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada em histórias de vida.** CIÊNCIAS SOCIAIS HOJE, ANPOCS, 1993, P.9-19.

THOMPSON, P. **A voz do passado – História oral.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

UFPR. Sistema de Bibliotecas. **Referências: normas para apresentação de documentos científicos.** Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

WACQUANT, L. **Corpo e Alma:** notas etnográficas sobre um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

YARA, M. de C.; RÚBIO, K. **Educação Física e ciências humanas.** São Paulo: Hucitec, 2001.

ZALUAR, A. **Cidadãos não vão ao paraíso.** Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1994.

ANEXO 1 - ROTEIRO PARA ENTREVISTA DO BASQUETEBOL VETERANO

1. NOME, IDADE, ONDE NASCEU.
2. ATUAÇÃO PROFISSIONAL ATUAL.
3. LOCAL DE TREINAMENTO.
4. COMO ENTROU NO GRUPO QUE PERTENCE? HÁ QUANTO TEMPO ESTÁ NESSE GRUPO? E O QUE FAZ VOCÊ PERMANECER NESSE GRUPO?
5. QUAL SEU OBJETIVO NESSE GRUPO?
6. VOCÊ JÁ FOI ATLETA DE CATEGORIAS DE BASE?
7. JÁ PARTICIPOU DE TORNEIOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS?
8. O GRUPO O QUAL PERTENCE TEM COMO OBJETIVO A PARTICIPAÇÃO EM TORNEIOS, CAMPEONATOS, DESTAQUE PARA SELEÇÃO ESTADUAL OU NACIONAL, OU SOMENTE A PRÁTICA DO BASQUETEBOL COMO SAÚDE E CONFRATERNIZAÇÃO?
9. EXISTE PATROCINADOR PARA SEU GRUPO?
10. QUAL SEU OBJETIVO NA PRÁTICA DO BASQUETEBOL VETERANO DURANTE OS TREINAMENTOS?
11. QUAIS OS BENEFÍCIOS PARA VOCÊ DA PRÁTICA DO BASQUETEBOL?
12. QUAL A PRINCIPAL ATIVIDADE EM SEU TEMPO LIVRE?
13. QUAL A SENSÇÃO DE PARTICIPAR DE UM TORNEIO?
14. QUAL A SENSÇÃO DE CONVERTER UMA CESTA PARA SUA EQUIPE, OU UMA ASSISTÊNCIA? QUAL É MAIS IMPORTANTE/EMOCIONANTE?
15. QUAL A EMOÇÃO QUE VOCÊ SENTE DURANTE UM TREINAMENTO E DURANTE UM TORNEIO? AS EMOÇÕES SÃO DIFERENTES?
16. DURANTE A PRÁTICA DO BASQUETE VOCÊ RELEMBRA SEUS TEMPOS DE ATLETA?
17. A FAMÍLIA ACOMPANHA SUA PARTICIPAÇÃO NOS TORNEIOS?
18. QUANTAS PESSOAS FREQUENTAM SEU GRUPO?
19. VOCÊ SABERIA DIZER COMO É A HISTÓRIA DE ORIGEM DE SEU GRUPO?*
20. O QUE É O BASQUETE MASTER PARA SUA VIDA? TENDE RESUMIR EM UMA PALAVRA.

* Pergunta específica para veteranos fundadores dos grupos de basquetebol de Curitiba.

**ANEXO 2 – ATA DA FUNDAÇÃO DA FEDERAÇÃO PARANAENSE DE
BASQUETEBOL**

“Aos oito dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e cinquenta e um, na sede da Federação Desportiva Paranaense sita a Avenida João Pessoa, 120, às vinte e uma horas, na Presença de Representantes dos Clubes; que assinam a presente ata e que são os seguintes: Manoel Simões Gavinho, pelo 19 de Dezembro AC; Aparício Carias, pelo Caramuru EC; Estácio Simões Gavinho, pelo Coritiba FC; Antônio Carlos Lacerda, pelo Clube Curitibano; Antônio Carlos Corrêa Kuster, pelo Círculo Militar; Dr. Uady Gemaël, pela Sociedade Thalia; Tte. Antônio Peixoto de Souza, pelo Ícaro AC; que se reúnem nesta Assembléia para discussão de Constituição de Mesa.

O senhor Hugo Pilato Riva abriu a presente sessão, pedindo que o senhor Secretário lesse a ata de 1.ª Convocação.

Logo após, passou a ler os ofícios que credenciam os senhores Representantes para tomarem parte nesta Primeira Assembléia Geral de F.B.P.

Porém, como houve irregularidade, submeteu à apreciação da Assembléia os seguintes casos:

- A) - O representante, especialmente credenciado pelo Caramuru EC, que autorizou a outro para tomar parte nesta Assembléia;*
- B) – O sr. Hamilton Saporski Dallin que se diz representante do CA Ferroviário, em virtude de haver sido enviado à Federação Desportiva Paranaense, em um ofício autorizando-o e delegando plenos poderes para que o mesmo representasse aquele Clube;*
- C) – e o snr. Waldemar Engelhardt que se encontra na mesma situação que o do caso anterior.*

Resolveu-se que estes casos fossem submetidos à votação, que acusou o que segue: Os senhores Hamilton Saporski Dallin e Waldemar Engelhardt, Representantes do AC Ferroviário e de SCF Duque de Caxias, foram unanimemente aceitos.

Quanto ao caso do Representante do Caramuru EC, houve um voto contra por parte do Representante da Sociedade Thalia, abstenção de SCF Duque de Caxias e os demais concordaram que o mesmo tomasse parte nesta sessão.

O sr. Ten. Peixoto pediu a palavra, e propôs que se tratasse de constituição de mesa, para dirigir os trabalhos desta reunião, o que foi unanimemente aceito pelos demais Representantes.

A seguir, o sr. Representante da Duque de Caxias sugeriu que o Representante do Ferroviário fosse o Presidente de Mesa, sendo aceito pelos demais.

Foi indicado os nomes dos srs. Tte. Peixoto, Antônio C.C. Kuster e Estácio S. Gavinho, para que, secretariassem, digo, um deles secretariasse a sessão. Sendo unanimemente aceito o sr. Antônio C.C. Kuster.

Com esta Constituição, procedeu-se aos Trabalhos do Dia.

Assumindo o sr. Hamilton S. Dallin, representante do Clube Atlético Ferroviário a presidência da mesa, o mesmo declarou aberta a sessão da noite e que é a seguinte: A – A provação dos Estatutos da F.B.P.; B – Eleição da Primeira Diretoria; C – Assuntos Gerais.

É solicitada pelo representante do Coritiba FC, sr. Estácio Simões Gavinho, a ordem de votação, a qual é a seguinte, tomando em consideração a ordem de chegada dos ofícios, 1.º - sr. Antônio Peixoto de Souza, representante do Ícaro AC – 2.º - sr. Dr. Uady Gemaél, representante da Sociedade Thalia – 3.º sr. Antônio Carlos Lacerda, representante do Clube Curitibano – 4.º sr. Manoel Simões Gavinho, representante do 19 de Dezembro AC – 5.º sr. Estácio Simões Gavinho, representante do Coritiba FC – 6.º sr. Antônio Carlos Corrêa Kuster, representante do Círculo Militar do Paraná; - 7.º sr. Hamilton Saporski Dallin, representante do CA Ferroviário – 8.º sr. Waldemar Engelhardt, representante da Duque de Caxias e 9.º o sr. Aparício Carias, representante do Caramuru EC.

É concedida ao sr. Hugo Pilato Riva a faculdade de esclarecer , fazendo uso da palavra, sempre que se torne necessário.

O representante do Ícaro, fazendo uso da palavra, propõe que sejam discutidos os estatutos para poder fundar solenemente a Federação de Basquetebol Paranaense, posteriormente proceder às eleições e marcar a data em que a Diretoria eleita tomaria posse.

Posta em votação esta proposta do Ícaro AC é resolvido que na reunião de hoje dever-se-á designar quais os cargos eletivos da Diretoria e, posteriormente, fazer a votação e eleger a Primeira Diretoria da F.B.P.

É resolvido que cada representante tenha, na Assembléia de hoje, direito a um voto, ficando a votação definitiva para ser deliberada posteriormente.

É apresentada pelo representante do Ícaro AC a proposta de que os cargos eletivos da Diretoria da F.B.P. serão os seguintes: 1(hum) Presidente, 1(hum) vice-presidente; e um Conselho Fiscal composto de 3(três) membros efetivos e 3(três) suplentes. A presente proposta é aprovada por unanimidade.

Em seguida são apresentadas três propostas deliberando quanto ao mandato dos referidos cargos.

A primeira proposta feita pelo representante do Ícaro é que o mandato de todos os cargos da Diretoria seja de um ano.

A segunda proposta, feita pelo representante do Thalia, delimita em dois anos o mandato do Presidente e Vice-Presidente e um ano o do Conselho Fiscal.

A terceira proposta do representante da Duque de Caxias, é que não se delimite o mandato na assembléia de hoje.

Postas em votação venceu a proposta do Ícaro, isto é, de que o mandato de todos os cargos da Diretoria seja de um ano, por 5 a 3 a 1.

O representante do Ícaro, propõe que a votação seja secreta, o que é aprovado por unanimidade.

Em seguida, o sr. Presidente da Mesa suspendeu a sessão por 15 minutos para ser efetuada a votação secreta que elegerá a Primeira Diretoria da F.B.P.

Realizadas as eleições, foram obtidos os seguintes resultados:

Para Presidente:

- Dr. Hayton Silva 4 votos
- Cap. Luiz Motta 3 votos
- Sr. Alair de Oliveira 2 votos

Para Vice-Presidente:

- Sr. Hugo Pilato 5 votos
- Sr. Alair Guimarães 2 votos
- Sr. Waldemar Engelhardt 1 voto
- Dr. Uady Gemaél 1 voto

Membros efetivos do Conselho Fiscal:

- Sr. Waldemar Engelhardt 7 votos
- Sr. Hamiton Saporski 4 votos
- Dr. Hayton Silva 3 votos
- Sr. Tasso Afonso 2 votos
- Sr. Reinaldo Thá 2 votos
- Sr. Leônidas Guimarães 2 votos
- Dr. Uady Gemaél 1 voto
- Sr. Manoel Simões 1 voto
- Sr. Antônio Guimarães 1 voto
- Sr. Alair Guimarães 1 voto

Abstenção: 1

Suplentes do Conselho Fiscal:

- Sr. Rubens Carlos 5 votos
- Sr. Tasso Facin 4 votos
- Ten Antônio Peixoto 4 votos
- Sr. Manoel Simões 2 votos
- Sr. Antonio Carlos Lacerda 2 votos
- Sr. Antonio Carlos Kuster 2 votos
- Sr. Leônidas Guimarães 2 votos
- Sr. Estácio Simões 2 votos
- Dr. Jofre Cabral 1 voto
- Dr. Hayton Silva 1 voto
- Sr. Reinaldo Thá 1 voto
- Sr. Alair de Oliveira 1 voto

Com esta apuração, o senhor Presidente da Assembléia deu o voto de desempate para o terceiro membro do Conselho Fiscal, elegendo o sr. Antonio Peixoto de Souza e para Suplente o senhor Antonio Carlos Corrêa Kuster.

Dessa maneira, a primeira Diretoria da Federação de Basketball Paranaense ficou assim:

Presidente: Dr. Hayton Silva

Vice-Presidente: Sr. Hugo Pilato Riva

Conselho Fiscal: Sr. Waldemar Engelhardt

Sr. Hamilton Saporski Dallin

Sr. Antonio Peixoto de Souza

Suplentes do Conselho Fiscal: Sr. Rubens Jesus

Sr. Tasso Facin

Sr. Antonio Carlos Corrêa Kuster

Em seguida, o sr. Presidente deu por encerrada a presente sessão da Assembléia Geral Ordinária, que permanecerá em caráter permanente, a fim de tratar e discutir e aprovar os Estatutos da F.B.P., marcando para a próxima segunda-feira, dia 15 do corrente, às 20 horas e no mesmo local, a segunda sessão da Assembléia Geral Ordinária, permanente.

Assim, encerro a presente ata que vai por mim, Antonio Carlos Corrêa Kuster, secretário da presente sessão, assinada, bem como dos demais representantes de Clubes presentes”.

Curitiba, 8 de janeiro de 1951

(assinaturas)

ANEXO 3 – ESTATUTO DA APVB – FONTE: www.digidata.com.br - (acessado em 11/06/05)

ESTATUTO SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE VETERANOS DO
BASQUETEBOL
2ª ALTERAÇÃO ESTATUTÁRIA
REFORMA ESTATUTÁRIA NOS TERMOS DA LEI 10406/2002

A ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE VETERANOS DO BASQUETEBOL, com Estatuto Social registrado no Cartório de Registro das Pessoas sob o nº 173-M do Livro A-2, da Comarca de Piraquara Estado do Paraná, em sessão de 18/03/1999, está inscrita no CNPJ/MF sob o nº 00.777.823/0001-28, constituída Sem Fins Econômicos, por Tempo Indeterminado, declarada de Utilidade Pública conforme Lei nº 12868/2000, alterada pela Lei 13136/2001, fará sua Segunda Reforma Estatutária que se regerá pelo seguinte Estatuto e nos Termos da Lei 10406 de 10 de janeiro de 2002, Livro I - Título II - Capítulo II, (Artigos 53 a 61).

CAPÍTULO I
DA DENOMINAÇÃO SOCIAL, SEDE E FORO, OBJETIVOS, DURAÇÃO E
TIPO JURÍDICO

Artigo 1º - Da Denominação Social: A Associação girará sob a Denominação Social de: ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE VETERANOS DO BASQUETEBOL

Artigo 2º - Da Sede e Foro: A sede e foro da associação está localizada na Avenida Nossa Senhora Aparecida, 1138 - CEP 80310-100, bairro Seminário em Curitiba Capital do Paraná.

Artigo 3º - Do Objetivo Social e Finalidade Jurídica: A Associação terá como proposição de objetivos:

- a) Finalidade social, esportiva e recreativa;
- b) Proporcionar amizade e relacionamento sadio entre os adeptos do basquetebol e suas famílias;
- c) Estimular a prática do basquetebol entre os jovens;
- d) Proporcionar aos adeptos do basquetebol a oportunidade de praticá-lo;
- e) Promover o retorno dos antigos jogadores às atividades esportivas e sociais;
- f) Colaborar, estreitando com os órgãos oficiais, na organização, desenvolvimento, prática e direção dos destinos do basquetebol no Estado do Paraná e no Brasil;
- g) Promover e estimular entre os associados a formação de novos dirigentes;
- h) Promover e estimular o surgimento de novos técnicos e árbitros;
- i) Sua Finalidade não terá fins econômicos.

Artigo 4º - Da Duração da Associação: A duração da sociedade é por prazo indeterminado.

CAPÍTULO II
DO QUADRO ASSOCIATIVO E CATEGORIAS DOS SÓCIOS

Artigo 5º - Do Quadro Associativo e Condição de Atleta: São considerados atletas veteranos do basquetebol, todos aqueles, com mais de 35 anos de idade que tenham praticado este esporte; e considerados sócios todos aqueles que, sem impedimentos legais, forem admitidos como tais, mediante o preenchimento de formulário próprio, e que sejam aprovados pela diretoria da associação, e mantenham em dia as suas

contribuições mensais, semestrais ou anual, estipuladas pela assembléia geral e fiel obediência a este estatuto e deliberações da sociedade, gozar um bom conceito, idoneidade e boa conduta, exercer e tiver sempre exercido profissão lícita.

Artigo 6º - Das Categorias dos Sócios: As categorias dos Sócios são classificadas da seguinte forma:

- a) Sócio Fundador;
- b) Sócio Efetivo;
- c) Sócio Temporário;
- d) Sócio Benemérito, e
- e) Sócio Honorário

Parágrafo Primeiro: Dos Sócios Fundadores: São sócios fundadores todos aqueles que participaram e assinaram o "Livro ou Lista de presença" em qualquer uma das duas reuniões preparatórias para a organização e fundação da Associação, seguindo-se a Ata no respectivo Livro.

Parágrafo Segundo: Dos Sócios Efetivos: São Sócios Efetivos, todo o veterano atleta de basquetebol que, sendo aceito na Associação, se obrigue ao pagamento de contribuições fixadas pela Diretoria, destinadas à manutenção dos serviços e atividades.

Parágrafos Terceiros: Dos Sócios Temporários: É uma categoria eventual, transitória e por prazo determinado, em condições e taxas especiais a critério da Diretoria, ou constante do Regimento Interno da mesma.

Parágrafo Quarto: Dos Sócios Beneméritos: São Sócios Beneméritos os Ex-Presidentes e todo o associado de qualquer categoria que tenha prestado ou prestar prestígio de extraordinária valia para a Associação, e será conferido pelo Grande Conselho Superior, com a presença de pelo menos 2/3 de seus membros mediante proposta fundamentada pelo Conselho de Administração.

Parágrafo Quinto: Dos Sócios Honorários: São Sócios Honorários aqueles que, não pertencendo à Associação, se enquadrem no artigo 6º e em conformidade com o parágrafo quarto.

Parágrafo Sexto: Todos os sócios, de qualquer categoria, terão direito a levar seus familiares (dependentes), às atividades da Associação, desde que obedecidos os regulamentos e regimentos próprios determinados pela Diretoria.

CAPÍTULO III

DOS DIREITOS, DEVERES E PENALIDADES DOS SÓCIOS:

Artigo 7º - Dos Direitos: Todos os Sócios em pleno gozo de seus direitos usufruirão das prerrogativas concedidas por este Estatuto, bem como poderão:

- a) Comparecer e tomar parte nos eventos e rotinas de caráter social, esportivo e recreativo;
- b) Votar e ser votados nas Assembléias Gerais, de acordo com o que prescreve o presente Estatuto;
- c) Representar, por escrito, à Diretoria contra atos considerados lesivos aos seus interesses sociais ou infringentes aos seus direitos, e interpor recursos nos prazos desta norma estatutária;
- d) Apresentar pedido de desligamento ou licença do quadro social, mas somente quando quites em suas obrigações financeiras;

Artigo 8º - Dos Deveres: Constituem deveres dos Sócios:

- a) Contribuir para que a Associação cumpra as suas finalidades no presente Estatuto;
- b) Respeitar e cumprir as determinações da Diretoria e da Administração; acatar seus membros e representantes consórcios ou empregados quando no exercício de suas funções; dirigir-se com correção no convívio da Associação;
- c) Desempenhar fielmente às funções ou cargo para os quais forem nomeados, escolhidos ou eleitos;
- d) Cumprir com assiduidade as obrigações financeiras para com a Associação;
- e) Examinar, conhecer e seguir as normas além do presente Estatuto;
- f) Comunicar obrigatoriamente à Diretoria, por escrito, a mudança de endereço;
- g) Todos os sócios respondem pelos seus dependentes ou convidados no cumprimento do presente Estatuto, de outros regulamentos e determinações dos dirigentes da Associação;

Artigo 9º - Das Penalidades: As infrações ao disposto neste Estatuto e regulamentos em vigor serão passíveis das seguintes penalidades: advertência por escrito, suspensão de até um ano e desligamento:

Parágrafo Primeiro: Caberá advertência por escrito quando o dirigente concluir da necessidade de apenas este tipo de alerta, por falha primária ou de razoável relevância, para que a mesma não se reincida;

Parágrafo Segundo: Incorrerá em pena de suspensão de até um ano o sócio que:

- a) Reincidir em infrações já punidas com advertência por escrito, conforme o grau de relevância, infrações leves, em conformidade com o parágrafo primeiro;
- b) Fizer declarações falsas ou de má fé em propostas para a admissão de sócios;
- c) Atentar contra o conceito da Associação, por ações ou omissões;
- d) Promover discórdia entre os associados, atendendo contra a disciplina e/ou a ordem social;
- e) Faltar com respeito a qualquer membro da Diretoria, no exercício de suas funções, bem como a representantes desta, consórcios regularmente autorizados ou outros representantes;

Parágrafo Terceiro: É passível de eliminação do quadro associativo da Associação, o sócio que:

- a) Reincidir em infrações enquadradas no parágrafo segundo do artigo 9º deste Estatuto;
- b) For condenado em sentenças passadas, por ato desabonador e que torne inidôneo ao convívio social;
- c) Os que forem julgados com infrações graves para com a Associação, independente se a infração for reincidente ou não;

Parágrafo Quarto: São competentes para aplicar as penalidades:

- a) O Presidente da Associação: as de advertências escritas, diretamente ou referendando advertências de outros membros da Diretoria, e suspensão de até 30 (trinta) dias;
- b) A Diretoria: as demais penalidades, exceto a previstas na letra "d" deste parágrafo;
- c) O Conselho Deliberativo: por representação da Diretoria, julgando a infração agravada, independentemente da reincidência;
- d) O Grande Conselho Superior: as infrações cometidas por sócios Fundadores, Beneméritos e Honorários, atendendo representação da Diretoria.

Parágrafo Quinto: Do Direito de Recursos e do Prazo para o Sócio Recorrer:

- a) O sócio notificado de qualquer modalidade de punição, terá o prazo de 10 (dez) dias a contar da data do recebimento da notificação para recorrer da penalidade;
- b) Fazer o pedido do recurso por escrito ao Presidente e à Diretoria da Associação;
- c) Fazer o pedido por escrito ao Grande Conselho Superior, nos casos de reconsiderações delegada pela Diretoria da Associação.

CAPÍTULO IV DOS ÓRGÃO SOCIAIS E DELIBERATIVOS

Artigo 10 - São Órgãos Sociais e Deliberativos da Associação:

- a) Assembléia Geral;
- b) Conselho Deliberativo;
- c) Diretoria, e
- d) Conselho fiscal.

SEÇÃO I DA ASSEMBLÉIA GERAL

Artigo 11 - Das Assembléias Gerais Ordinárias: As Assembléias Gerais serão Ordinárias, com reunião até o dia 30 de março de cada ano, para eleger o Conselho Deliberativo, quando for o caso, aprovar as contas da Diretoria, eleger os membros do conselho fiscal e aprovar o plano orçamentário e de eventos para o ano seguinte.

Artigo 12 – Das Assembléias Gerais Extraordinárias: As Assembléias Gerais serão Extraordinárias sempre que os interesses da Associação exigirem o pronunciamento dos sócios, e para o fins previstos por Lei e nos seguintes casos:

- a) Aprovar o Estatuto Social e suas respectivas Reformas ;
- b) Eleição do novo Conselho Deliberativo, em caso de renúncia em pleno exercício;
- c) Eleger os Administradores;
- d) Destituir os Administradores;
- e) Aprovar as Contas da Associação.

Artigo 13 – Compete ao Presidente da Associação a convocação das Assembléias em pleno gozo de suas funções, exceto nos casos de impedimentos legais.

Artigo 14 – A convocação para as reuniões em Assembléias Gerais, deverá ser feitas por editais afixados em locais próprios, e/ou postais encaminhados aos associados, e/ou publicados em jornal local, com antecedência mínima de sete dias.

Parágrafo Primeiro: Deverá constar nos Editais de Convocação das Assembléias Gerais, que a segunda e última convocação será realizada 30 (trinta) minutos após a hora marcada para a primeira, desde que haja presença mínima de 1/3 dos associados; em segunda convocação a Assembléia Geral será instalada com qualquer número, exceto nos casos previstos em Lei e o contido no parágrafo quarto do artigo 6º deste Estatuto. .

Parágrafo Segundo: O Presidente da Associação fará a abertura dos trabalhos de instalação das Assembléias Gerais, solicitando a seguir a designação pelo plenário de um dos associados presentes para presidi-la, sendo obrigatoriamente um associado integrante de um dos órgãos social ou deliberativo da Associação.

Parágrafo Terceiro: O Presidente escolhido investido como tal, convidará, um ou mais sócios presentes no plenário para compor a mesa e secretariar os trabalhos.

Parágrafo Quarto: A Assembléia designará poderes para 03 (três) sócios ou membros da Diretoria, para, em seu nome, elaborar, conferir e aprovar a Ata, que deverá ser lavrada, a qual conterà a assinatura do Presidente. Os demais presentes na Assembléia assinarão a Lista de Presença.

SEÇÃO II

DO GRANDE CONSELHO DELIBERATIVO SUPERIOR

Artigo 15 – Do Grande Conselho Deliberativo Superior: O Grande Conselho Deliberativo Superior, compor-se-á de 15 (quinze) membros efetivos, cada um dos quais com um suplente, composto por associados desta Associação e eleitos a cada 02 (dois) anos em Assembléia Geral.

Artigo 16 – Os membros do Conselho Deliberativo e seus suplentes exercerão os seus cargos até a próxima Assembléia Geral para nova eleição de seus membros, e poderão ser reeleitos.

Artigo 17 – O Grande Conselho Deliberativo Superior tem as seguintes atribuições e poderes:

- a) Eleger ou reeleger a Diretoria da Associação, nos termos do Capítulo IV - Seção III deste estatuto;
- b) Reunir-se trimestralmente para examinar o desempenho da Diretoria em gestão;
- c) Elaborar, preliminarmente, projetos de reformas estatutárias;
- d) Julgar e Aplicar as penas previstas na letra "d" do parágrafo quarto do artigo 9º, deste Estatuto.

Artigo 18 - O Grande Conselho Deliberativo Superior elegerá, entre os seus membros, por maioria absoluta de votos, os seguintes membros:

- a) Um presidente,
- b) Um vice-presidente, e
- c) Um ou dois secretários, para presidir a mesa nas suas reuniões ordinárias e extraordinárias;

Parágrafo Primeiro: Poderá fazer parte do Grande Conselho Deliberativo Superior, os associados com as seguintes características:

- a) O sócio fundador;
- b) O sócio benemérito;
- c) O sócio que já tenha participado de gestões consultivas ou administrativas em mandatos anteriores da Associação;
- d) Ser associado da Associação por mais de 03 (anos) com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Artigo 19 – Os membros do Conselho Deliberativo desempenharão as suas funções e atribuições, sem remuneração.

SEÇÃO III

DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Artigo 20 - A Associação é administrada por um Conselho de Administração, composta pelos seguintes membros, cuja estrutura e atribuições serão reguladas pelo Estatuto e aprovado pelo Conselho Deliberativo em Assembléia Geral:

- a) Presidente;
- b) Vice-Presidente,
- c) Tesoureiro;
- d) 2º Tesoureiro,
- e) Secretário;
- f) 2º secretário;
- g) Diretor Médico;
- h) Diretores Técnicos;
- i) Diretor de Relações e Intercâmbio;
- j) Diretor de Divulgação e Comunicação;
- k) Diretor Jurídico, e
- l) Assessores na Área Técnica.

Artigo 21 - Compete ao Conselho de Administração:

- a) Administrar a Associação, cumprir e fazer cumprir o presente Estatuto as decisões do Conselho Deliberativo inclusive irregularidades de entidades às quais for filiada;
- b) Promover o desenvolvimento da Associação, zelar pelo seu patrimônio e seus interesses, observando as proposições de seus objetivos previstos neste Estatuto;
- c) Elaborar projeto de reforma do Estatuto a ser submetido a apreciação do Conselho Deliberativo;
- d) Fornecer ao Conselho Deliberativo informes e esclarecimentos solicitados pelo mesmo;
- e) Praticar todos os atos solicitados e autorizados pelo Conselho Deliberativo;
- f) Instituir prêmios nos torneios e festividades promovidas pela Associação;
- g) Formar comissões ou embaixadas e indicar os membros das mesmas;
- h) Organizar a previsão orçamentária anual e elaborar relatórios, balancetes e balanços de prestação de contas;
- i) Instaurar inquéritos contra sócios ou dependentes para apurar infrações e penalidades previstas neste Estatuto;
- j) Estabelecer e rever, quando necessário, o valor das contribuições associativas;
- k) Estabelecer prazo para registro de candidatos ou chapas de candidatos ao Conselho Deliberativo nas Assembléias Gerais.

Artigo 22 - Compete ao Presidente do Conselho de Administração:

- a) Convocar a Diretoria e presidir suas reuniões;
- b) Convocar as Assembléias gerais e abrir suas reuniões;
- c) Convocar comissões especiais, conforme previsto neste Estatuto;
- d) Escolher e nomear seus Diretores e Assessores para os cargos previsto neste Estatuto;
- e) Convocar o Conselho Deliberativo Superior, quando na inexistência da investidura dos dirigentes do órgão;
- f) Representar a Associação isoladamente ou em conjunto com o tesoureiro, ativo ou passivo, em questões Judiciais ou extrajudiciais;
- g) Executar as decisões do Conselho de Administração e Conselho Deliberativo Superior da Associação;

- h) Dispor de voto de qualidade nas reuniões do Conselho de Administração, sempre que houver empate nas votações;
- i) Apresentar relatório anual ao Grande Conselho Deliberativo Superior, por ocasião da prestação de contas;
- j) Decidir nos casos de urgência "ad referendum" do Conselho de Administração;
- k) Aplicar as penalidades previstas neste Estatuto;
- l) Assinar todo e qualquer documento em nome da Associação, quando autorizado na forma Estatutária;
- m) Escolher e nomear seus Diretores e Assessores, destituindo-os em casos de falhas graves que coloquem em risco a imagem e o patrimônio da Associação, cometidas no exercício de suas funções ou descumprindo com as normas deste Estatuto, sempre levando ao conhecimento do Grande Conselho Deliberativo Superior para a apreciação e homologação em Assembléia Geral.

SEÇÃO V DO CONSELHO FISCAL

Artigo 23 – O Conselho Fiscal compor-se-á de três membros efetivos, cada um dos quais com um suplente, associado ou não, e eleitos anualmente pela assembléia geral da Associação.

Artigo 24 – Os membros do conselho fiscal e seus suplentes exercerão os seus cargos até a primeira Assembléia Geral Ordinária que se realizar até a sua eleição, e poderão ser reeleitos.

Artigo 25 - O conselho Fiscal tem as atribuições e os poderes que são conferidos por lei.

Artigo 26 – Os membros do Conselho fiscal, associados ou não, desempenharão as suas funções e atribuições, sem remuneração.

CAPÍTULO VI DO PATRIMÔNIO E FONTES DE RECURSOS

Artigo 27 – O Patrimônio Social E Fontes de Recursos da Associação serão constituído das contribuições dos seus associados, doações, subvenções e legados recebidos origens de qualquer origens, desde que idôneas e verdadeiras.

Artigo 28 – A alienação, hipoteca, penhor ou venda, troca dos bens patrimoniais da Associação somente poderá ser decidida por aprovação da maioria absoluta da Assembléia Geral Extraordinária, convocada especificamente para este fim.

CAPÍTULO VII DO EXERCÍCIO SOCIAL

Artigo 29 – o exercício social terá duração de um ano terminando em 31 de dezembro de cada ano, podendo elaborar balancetes e balanços trimestrais, semestrais e anualmente no encerramento do exercício social, ou periódico a critério do Conselho de Administração .

Artigo 30 – Ao fim de cada exercício social, a Diretoria fará elaborar, com base na escrituração contábil da Associação, um balanço patrimonial e a demonstração do resultado do exercício e uma demonstração das origens e aplicações de recursos.

CAPÍTULO VIII DA LIQUIDAÇÃO

Artigo 31 – A Associação poderá ser extinta por deliberação da maioria dos associados, a qualquer tempo, desde que seja convocada uma Assembléia Geral Extraordinária para tal fim, e nos termos do artigo 61 da Lei 10406/2002.

Artigo 32 – A associação também poderá ser extinta por determinação legal.

Artigo 33 – No caso de extinção, competirá à assembléia geral extraordinária estabelecer o modo de liquidação e nomear o liquidante e o Conselho Fiscal que devam funcionar durante o período de liquidação.

Artigo 34 – Extinta a Associação, seus bens serão doados a uma instituição congênere e sem fins econômicos.

CAPÍTULO IX DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Artigo 35 – O presente Estatuto desta Associação passará a ser regido pela Legislação em Vigor nos Termos da Lei 10406/2001.

Artigo 36 – Os casos omissos serão resolvidos pela maioria dos associados em Assembléia Geral com aprovação pela maioria absoluta de votos.

Artigo 37 – Do Foro: Fica eleito o foro desta comarca de Curitiba, Estado do Paraná, para qualquer ação fundada neste estatuto, dispensando qualquer outro por mais privilegiado que seja.

O Presente Instrumento de Segunda Reforma Estatutária foi elaborado em 03 (três) vias de igual teor e forma nos termos da Lei 10406 de 10 de janeiro de 2002, e entrará em vigor na data de sua assinatura, publicação e registros nos órgão competentes.

Curitiba, 13 de junho de 2005

José Candido Muricy

Presidentado Conselho de Administração

Roberval Kugler Mendes

Advogado - OAB/PR nº 4485

ANEXO 4– MODELO DO TERMO DE LIVRE E ESCLARECIDO (sem cabeçalho)

TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Este é um convite para você participar voluntariamente do estudo “O BASQUETEBOL VETERANO DO PARANÁ: HISTÓRIA, EMOÇÕES E SIGNIFICADO SOCIAL”. A presente pesquisa será realizada como trabalho de conclusão de Curso de Mestrado em Educação Física, área de concentração Ciência do Esporte, linha de pesquisa História e Sociologia do Esporte, na Universidade Federal do Paraná, pela mestrandia Taís Glauce Fernandes de Lima Pastre, com orientação do Prof^o Dr. Wanderley Marchi Júnior. Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento. Qualquer dúvida sobre o estudo ou sobre este documento pergunte ao pesquisador.

? OBJETIVO DO ESTUDO

O presente estudo tem como objetivo geral a análise histórica e sociológica do basquetebol veterano de Curitiba, detectando a criação de um *habitus* social.

? PROCEDIMENTOS

A sua contribuição será através da realização de uma entrevista, com duração de aproximadamente 25 minutos. Para esse registro será utilizada uma câmera filmadora, Panasonic, modelo PV-810, sem filmar imagem, utilizando-se somente do gravador de voz, pois essa câmera tem um grande poder de captação de ondas sonoras, dessa forma substituiremos o aparelho gravador de voz.

? DESPESAS/ RESSARCIMENTO DE DESPESAS DO VOLUNTÁRIO

Todos os sujeitos envolvidos nessa pesquisa serão isentos de custos.

? PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

A sua participação neste estudo é *voluntária*, podendo encerrar-se por sua vontade.

Diante do exposto acima, eu _____ abaixo assinado, declaro que fui esclarecido sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Concedo meu acordo de participação de livre e espontânea vontade. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos no projeto, não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar. Ciente de que os resultados serão tornados públicos em pesquisa científica dessa instituição.

Curitiba, de _____

de 2005

(Nome do sujeito experimental)

RG

(Nome do Pesquisador)

RG 6129346-9

ANEXO 5 – TERMO LIVRE ESCLARECIDO (TRANSCRIÇÕES EM CD)

Nome	Data entrevista/Local de treino
1.Cesar Antônio Szczesniack	– 01/05/04 – Sociedade Thalia
2. Meslem Kalil Reda	– 01/05/04 – Ponta Grossa
3. Renato J. Willians	– 01/05/04 – Ponta Grossa
4. Osman Boabaid	- 01/05/04 – Clube Curitibano
5. Narsen Paulo Castro	- 01/05/04 – Thalia, Círculo e Galícia
6. José Cândido <u>Muricy</u>	- 01/05/04 – Círculo e Galícia
7.André Gregonis	– 21/09/04 – Thalia
8.Eliseu Leandro de <u>Mello</u>	– 21/09/04 – Thalia e Círculo
9.Washington M. Abreu	- 29/03/05 – Thalia e Duque
10.Pierre Jacques Marie Reydams	– 31/03/05 – Thalia
11.Edmo Antônio Della Togna Jr.– <u>Ximu</u>	– 31/03/05 – Thalia
12.Nestor Aparecido Malvezzi	– 09/04/05 – Duque
13.Mansueto <u>Grando</u>	– 09/04/05 – Duque
14.Danilo Scalet	– 09/04/05 – Duque
15.Arnaldo Baptista Ramos	– 17/04/05 – Círculo
16.Glaydon Pinto Medeiros	- 17/04/05 – Círculo
17.Irnério <u>Bruno</u> Marchesini	- 17/04/05 – Círculo
18.Otacílio <u>Varella</u> Costa	- 17/04/05 – Círculo
19.Nilson de Souza Rodrigues	- 17/04/05 – Círculo
20.Neli Nardi	– 17/04/05 – Círculo
21.Roberto F. Boylos	– <u>Pardal</u> – 19/04/05 – Thalia
22.Carlos Alberto <u>Carvalho</u>	– 19/04/05 – Thalia
23. Antônio Carlos de Queiroz	– 19/04/05 - Thalia
24. Rolando Ferreira Júnior	– 01/07/05 – Thalia
25. Mayr Facci	– 30/07/05 - Ponta Grossa